



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO  
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

VANESSA SOUZA ELEThERIO DE OLIVEIRA

**SOBRE SAUDADES FALADAS:**  
**Um estudo com narrativas no Sertão de Pernambuco**



Recife  
2019

VANESSA SOUZA ELEThERIO DE OLIVEIRA

**SOBRE SAUDADES FALADAS:  
Um estudo com narrativas no Sertão de Pernambuco**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito parcial para a obtenção do grau de Doutora em Psicologia.

**Área de concentração:** Psicologia Social

**Orientadora:** Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Rosineide de Lourdes Meira Cordeiro

Recife  
2019

Catálogo na fonte  
Bibliotecária Valdicéa Alves Silva CRB4 / 1260

O48e Oliveira, Vanessa Souza Eletherio de.  
Sobre saudades faladas: um estudo com narrativas no Sertão de Pernambuco /  
Vanessa Souza Eletherio de Oliveira. – 2019.  
149 f. : il. ; 30 cm.

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Rosineide de Lourdes Meira Cordeiro.  
Tese (doutorado) - Universidade Federal de Pernambuco, CFCH.  
Programa de Pós-graduação em Psicologia, Recife, 2019.  
Inclui referências e apêndices.

1. Psicologia. 2. Psicologia social. 3. Saudade. 4. Narrativas. 5. Sertão. I.  
Cordeiro, Rosineide de Lourdes Meira (Orientadora). II. Título.

150 CDD (22. ed.)

UFPE (BCFCH2019-215)

VANESSA SOUZA ELEThERIO DE OLIVEIRA

**SOBRE SAUDADES FALADAS:  
Um estudo com narrativas no Sertão de Pernambuco**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito parcial para a obtenção do grau de Doutora em Psicologia.

**Aprovada em 22/02/2019.**

**BANCA EXAMINADORA**

---

Profa. Dra. Rosineide de Lourdes Meira Cordeiro (Orientadora)  
Universidade Federal de Pernambuco

---

Profa. Dra. Luciana Kind do Nascimento (Examinadora Externa)  
Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais

---

Profa. Dra. Mônica Lourdes Franch Gutiérrez (Examinadora Externa)  
Universidade Federal da Paraíba

---

Prof. Dr. Benedito Medrado Dantas (Examinador Interno)  
Universidade Federal de Pernambuco

---

Profa. Dra. Renata Lira dos Santos Aléssio (Examinadora Interna)  
Universidade Federal de Pernambuco

Para que o amor me sobre, essa tese é um brinde a Leonel e a Helena, minha família e força de vida.

## AGRADECIMENTOS

De um agradecimento que chove, assim como o Sertão me recebeu, convido o/a leitor/a a partilhar desse sentimento que inunda e faz brotar. Como eu gostaria de ser ponte que leva meu coração ao coração de quem lê.

Agradeço profundamente à Rose, minha mais estimada guia nessa jornada. Mais uma vez, o ganho inestimável em produzir pesquisa com sua inspiração me fez crescer. O Sertão me marca e me contorna, me dá cor e me enche os ensaios. Que a chuva umedeça a terra, mas preserve as botas para a proteção.

Sou grata pela vida no Sertão que me proporciona vínculos para uma nova história: Dona Arlinda, Ísis, Alda, Dona Cícera, Dona Ivonete, Seu Heleno, Dona Francisca e Dona Lourdes. Caminhos, lembranças e saudades... Que do tempo d'ocês meninas/o eu não era nem nascida, mas a saudade já era morada. Que suas histórias e imagens circulem aos olhos de quem se interessar.

Às professoras Dras Luciana Kind, Mônica Franch, Renata Lira e ao professor Dr Benedito Medrado, meus agradecimentos pela aposta. Sinto que trilhamos um caminho pouco conhecido e que permitiram que a saudade e a memória no Sertão fossem bússola.

Este é um texto que conversa com outros e faz da saudade objeto. Por isso mesmo, não poderia deixar de ser ainda saudação para que a poesia adentre a academia. A caminhada fora sustentada pelos bolos, cafés, milho, angú e munguzá que prepararam minha chegada.

À minha mãe, irmã, pai, avós, tios/as e primos/as. Família que me gesta, me cria e me acalenta. Seus incentivos e sua fé em mim forjaram quem sou e abriram horizontes para quem posso ser.

A Fernando Leonel, a estrela de minhas manhãs. Você se fez presente antes mesmo de chegar. Obrigada por compartilhar a vida, a escrita e a labuta. Um amor crescente para uma vida generosa.

À Helena, minha filha. Que Deus a abençoe e permita uma vida longa. Te amo demais!

À Jacinta, Olga, Cintia, Camila, Mateus, Érico, Dani, Jonathas, Roberta, João, Lívia, Vinicius e Lucilo. Uma família que possibilitou a mais uma filha a experiência de cuidado.

Minhas amigas, Julianne, Sandra, Nati, Milena, Rebeca, Natalia Diorgenes, Fernanda, Diogivania,...

Meu ofício em aprender e ensinar, seja pela Universidade Federal de Pernambuco – Centro Acadêmico de Vitória, representado pelo Prof Dr José Eduardo Garcia e pela Profa Dra Luciana Orange; pelo Centro Universitário Estácio do Recife, representado pelo Reitor Kesi e pela Profa Dra Sandra Farias; seja pelo Centro Universitário dos Guararapes, representado pela Prof. Dr Pierre e pela Profa Dra Manoela Malta. Territórios de enfrentamento e coragem para fazer da Psicologia um campo de reflexão e conhecimento.

Aos estudantes que me acompanharam em cada viagem com boas vibrações e risadas. Sobretudo, minha gratidão segue em direção à Débora, Júlia Gabriela e Laura (minha irmã que ocupou esse duplo lugar). O apoio na transcrição das quase 20 horas de entrevista foi fundamental.

Filipe, sem você o trabalho teria sido mais tortuoso. Obrigada por me acompanhar nesses nove mil quilômetros de asfalto, terra e lama.

À estrada que foi via e metáfora de pesquisa. Navegar em neblina me fez não perder de vista que a pesquisa se formou em cada viagem.

Por fim, agradeço ainda à CAPES por me conceder apoio em tempos iniciais da pesquisa.

Amém.

Que saudade daquelas pessoas que tanto amei e ainda amo, mas cuja perda devo (e quero) renovar pela saudade, porque é isso que constitui a minha biografia no sentido mais concreto e mais dramático do termo: aquele que diz que a vida é mesmo uma passagem e que todos (re)vivemos (re)fazendo – saudosa e pacientemente – memórias (DAMATTA, 1993, s/p).

## RESUMO

Este trabalho objetivou analisar os sentidos da saudade no Sertão de Pernambuco, assim como compreender como são acionadas outras categorias analíticas. Afina-se às investigações em Psicologia Social com ênfase no debate sobre a saudade. O argumento central é de que a saudade compõe um crivo antropológico e elo social da comunidade que produz determinadas histórias como destacadas de outras. Assim, a saudade é cultura que produz cultura. É porque a saudade existe socialmente, enquanto centro ideológico e cultural, que é possível categorizar nossas histórias como especiais. É uma pesquisa voltada para a etnografia narrativa, na qual se destacam vários registros de pesquisa como a observação de inspiração etnográfica, a entrevista narrativa, fotografias e anotações de bordo. O trabalho de campo foi composto por três etapas: I) (re)aproximação com o campo; II) entrevistas narrativas; III) análise das narrativas. Foram entrevistadas seis mulheres e um homem, de comunidades rurais do município de Santa Cruz da Baixa Verde – PE. A análise narrativa compreendeu uma organização temática das histórias de acordo com os seguintes passos: i) codificação das histórias como um resumo; ii) identificação das informações orientadoras da narrativa; iii) identificação de ações complicadoras e; iv) identificação de desfechos. Assim, a saudade contada no Sertão foi analisada a partir da organização de quatro eixos: i) “Sentidos da saudade”, ii) “Velhos sentem mais saudade”; iii) “Para alimentar e para matar a saudade”; iv) “Tempos de sentir saudade”. Em conclusão, a saudade foi compreendida como uma categoria analítica que produz práticas sociais específicas no Sertão, ao enfatizar narrativas de histórias do passado em relação ao presente e futuro.

Paravras-chave: Saudade. Narrativas. Sertão. Psicologia social.

## ABSTRACT

This work aimed to analyze the meanings of saudade in the Sertão de Pernambuco, as well as to understand how other analytical categories are activated. It is aligned to the investigations in Social Psychology with emphasis in the debate about saudade. The central argument is that the saudade composes an anthropological sieve and social link of the community that produces certain stories as detached from others. Thus, saudade is culture that produces culture. It is because longing exists socially, as ideological and cultural center, that it is possible to categorize our stories as special. It is a research focused on narrative ethnography, in which several research records such as the observation of ethnographic inspiration, the narrative interview, photographs and field notes stand out. The field work was composed of three stages: I) (re) approximation with the field; II) narrative interviews; III) analysis of narratives. Six women and one man from rural communities in the municipality of Santa Cruz da Baixa Verde - PE were interviewed. The narrative analysis comprised a thematic organization of the stories according to the following steps: i) encoding the stories as a summary; ii) identification of narrative guidance information; iii) identification of complicating actions and; iv) identification of outcomes. Thus, the longing told in the Sertão was analyzed from the organization of five axes: i) "Sense of longing", ii) "Old people miss more"; iii) "To feed and to kill longing"; iv) "Times of feeling homesickness". In conclusion, longing was understood as an analytical category that produces specific social practices in the Sertão by highlighting narratives from past histories in relation to the present and future.

Keywords: Saudade. Narratives. Sertão. Social psychology.

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>12</b>
<b>2</b>	<b>BIOGRAFIAS DA SAUDADE .....</b>	<b>16</b>
2.1	OS ALINHAVOS DO VOCÁBULO ‘SAUDADE’ .....	16
2.2	UM RECAMADO PORTUGUÊS: DA SAUDADE AO SAUDOSISMO .....	19
2.3	SAUDADE EM FIOS BRASILEIROS.....	34
<b>2.3.1</b>	<b>Saudade e memória.....</b>	<b>57</b>
<b>3</b>	<b>SOBRE O DESENHO METODOLÓGICO: UM BORDADO DE MUITAS LINHAS .....</b>	<b>68</b>
3.1	DA PESQUISA COM NARRATIVAS .....	69
3.2	DAS FERRAMENTAS UTILIZADAS .....	74
3.3	DO SERTÃO QUE PUDE OUVIR HISTÓRIAS .....	82
<b>3.3.1</b>	<b>Santa Cruz da Baixa Verde .....</b>	<b>82</b>
<b>3.3.2</b>	<b>Um percurso vivo de histórias, saudades e pesquisa .....</b>	<b>84</b>
<b>4</b>	<b>DAS SAUDADES VIVAS NO SERTÃO.....</b>	<b>96</b>
4.1	DAS SAUDADES CONTADAS.....	97
<b>4.1.1</b>	<b>Dona Artemis: “A saudade é de quem ama” .....</b>	<b>97</b>
<b>4.1.2</b>	<b>Dona Aline: “A saudade também tem suas intensidades” .....</b>	<b>98</b>
<b>4.1.3</b>	<b>Dona Hilda: “Tem saudade que se quer voltar, tem saudade que não” .....</b>	<b>99</b>
<b>4.1.4</b>	<b>Dona Larissa: “Com a roça, o mundo pra eu fica bem clarim” .....</b>	<b>100</b>
<b>4.1.5</b>	<b>Dona Francyne: “O andú sempre registra a seca” .....</b>	<b>101</b>
<b>4.1.6</b>	<b>Dona Ítala: “Quando a fome falava mais alto” .....</b>	<b>102</b>
<b>4.1.7</b>	<b>Seu Heitor: “Um sentimento de silêncio” .....</b>	<b>103</b>
4.2	BORDANDO ANALITICAMENTE SAUDADES .....	104
<b>4.2.1</b>	<b>Sentidos da saudade.....</b>	<b>104</b>
3.2.1.1	A saudade é de quem ama .....	104
4.2.1.2	Saudade com esperança e saudade doedora ou Saudade por distância e saudade por morte .....	107
4.2.1.3	Saudades da infância e juventude.....	109

4.2.2	Velhos sentem mais saudade.....	112
4.2.3	Para alimentar e para matar a saudade .....	113
4.2.4	Tempos de sentir saudade .....	116
5	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>118</b>
	<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>120</b>
	<b>APÊNDICE A - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE).....</b>	<b>126</b>
	<b>APÊNDICE B - TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM E VOZ .....</b>	<b>129</b>
	<b>APÊNDICE C - QUADRO 3: CÓDIGO 1: SENTIDOS DA SAUDADE.....</b>	<b>130</b>
	<b>APÊNDICE D - QUADRO 4: CÓDIGO 1.1: SAUDADE COM ESPERANÇA E SAUDADE DOEDORA OU SAUDADE POR DISTÂNCIA E SAUDADE POR MORTE.....</b>	<b>132</b>
	<b>APÊNDICE E - QUADRO 5: CÓDIGO 1.2: SAUDADES DA INFÂNCIA OU ROÇA, MILHO, FOME E SECA.....</b>	<b>137</b>
	<b>APÊNDICE F - QUADRO 6: CÓDIGO 1.3: SAUDADES DA JUVENTUDE OU TRABALHO E FESTAS.....</b>	<b>139</b>
	<b>APÊNDICE G - QUADRO 7: CÓDIGO 2: OS/AS VELHOS/AS E A SAUDADE.....</b>	<b>143</b>
	<b>APÊNDICE H - QUADRO 8: CÓDIGO 3: PARA ALIMENTAR E PARA MATAR A SAUDADE.....</b>	<b>145</b>
	<b>APÊNDICE I - QUADRO 9: CÓDIGO 4: TEMPOS DE SENTIR SAUDADE .....</b>	<b>148</b>

## 1 INTRODUÇÃO

“É de que é que, a miúde, a gente adverte incertas saudades?” (ROSA, 1994, p.111). A dança com as palavras fez da prosa de Guimarães Rosa abertura dessa tese. Os alcances da saudade no Sertão foram provocados menos como epifania e mais como uma investigação que tentou estudar o que parece ter escapado por tanto nas ciências humanas. Assim o é: uma tese dedicada à saudade, leia-se: uma tese de muitas saudades.

Não por acaso, o argumento central desta pesquisa é de que a saudade é compreendida como crivo antropológico, cujas histórias são produzidas individual e socialmente em um só tempo. Tendo por base as reflexões do antropólogo Roberto DaMatta (1993), a saudade é provocada teoricamente como categoria analítica que permite ressaltar determinadas histórias em detrimento de outras, posto que se trata de um operador paradoxal de vivência da passagem do tempo e de experiências de ausência.

Com leituras que perpassam o campo da antropologia com Roberto DaMatta (1993), Leonardo Silveira (2007), Tania Lago-Falcão (2009) e Mísia Reesink (2012); da filosofia com Ivone Gebara (2010); da história das sensibilidades com Durval Muniz de Albuquerque (1999/2011) e da psicologia social com Adriano Nascimento e Paulo Menandro (2005), foi possível estabelecer um diálogo entre estudos culturais sobre a saudade e a Psicologia Social.

Desse modo, as questões que me impulsionaram para a pesquisa foram: Quais os sentidos da saudade contados em narrativas de homens e mulheres rurais do Sertão de Pernambuco? Como as narrativas de saudade acionam outras categorias de análise? Quais são as histórias de saudade que são faladas e quais são silenciadas?

Essas questões iniciais trouxeram outro desafio a reboque. Pesquisar essa articulação teórica necessitava de certa inventividade, uma vez que a costura metodológica deveria tornar este novo objeto teórico em um objeto também passível de empiria.

A pesquisa com narrativas, enquanto método voltado para a produção de histórias, foi vista como uma estratégia interessante para investigar como a saudade

aciona histórias que se referem a experiências de seus/uas narradores/as e de sua comunidade.

Assim, o interesse em tecer saudade já me ocorria nas análises de minha pesquisa de mestrado (OLIVEIRA, 2014). Por ocasião do mestrado, me dediquei a investigar as (in)visibilidades da morte a partir de cruzeiros que foram levantadas em uma estrada do Sertão de Pernambuco, a PE-365. Com esse objeto, foram realizadas entrevistas semiestruturadas para entrever os diferentes sentidos que as cruzeiros poderiam indicar para familiares, vizinhos, viajantes...

Nessas entrevistas, um fenômeno tomou minha atenção: as pessoas contavam histórias não sobre a morte, mas sobre seus mortos. Deixe que explique: as histórias foram protagonizadas sobre seus entes queridos com o cuidado de apresentar seu amor e com um esforço de mantê-los vivos em sua memória sob a égide da saudade.

Ao final de cada uma delas, ficava preocupada, pois percebia meus interlocutores/as embargadas/os. Em uma das visitas ao Sindicato de Trabalhadores Rurais (STR) do município de Santa Cruz da Baixa Verde (município alvo da pesquisa realizada), encontrei-me com uma mulher que estava na sala de espera, que me olhou e me reconheceu estranha ao lugar. Questionou o que eu fazia no STR e ao falar da pesquisa sobre as cruzeiros das estradas, imediatamente falou de seu filho, de 16 anos, que falecera em um acidente de motocicleta. Não havia levantado uma cruz para ele, mas garantiu que lembrava dele todos os dias.

Ao finalizar a conversa e agradecer pela atenção que me dispensara, disse: “Ô, minha fia, eu é que tenho que agradecer. Falar dele [do filho que falecera] é uma dor boa para alimentar saudade. Eu que agradeço porque é chance de falar de meu menino”. A fala daquela mulher marcou reverberações profundas em mim. Pus-me a pensar que talvez a saudade fosse então o que fomentava a narrativa de diferentes histórias. Ela foi contundente: “a saudade me alimenta”.

Revisitei as entrevistas já registradas e notei que a saudade se mostrara como propulsora de memória não só de quem narrava, como também da própria comunidade. A saudade estava engendrando memória social, daquilo que por força dos afetos, não se pode esquecer. Foi preciso retornar ao Sertão para ouvir suas histórias. Desse modo, a pesquisa de doutorado seguiu como certo aprofundamento daquela realizada no mestrado. Tornou-se importante pensar as saudades recordadas e vividas no Sertão para que histórias pudessem ser (re)montadas, registradas e refletidas: sentimento e história de pessoas que são história de um povo.

- **(Des)caminhos da saudade**

O retorno à Santa Cruz da Baixa Verde foi molhado de chuva e de lágrimas. Se antes a secura aferia morte, foi dessa vez que entendi o sentido da Baixa Verde. As cruzeiras das estradas estavam encobertas pela mata e a estrada sangrava. Penso que o cenário chuvoso, depois de seis anos de seca, facilitou um enredamento saudoso. Saudade dos tempos verdes, dos amores perdidos, dos filhos que já se foram, das despedidas dos pais, dos animais gordos e da roça que insistem em brotar. Foi com essa abertura saudosa que o trabalho de campo foi composto por três momentos: I) (re)aproximação com o campo; II) entrevistas narrativas; III) análise das narrativas.

O trabalho de campo foi iniciado em abril de 2017 e concluído em julho de 2017, compreendendo oito viagens à Santa Cruz da Baixa Verde e aproximadamente 9.000 km percorridos de asfalto, terra e lama<sup>1</sup>. Para conciliar a vida de trabalho e a vida de pesquisa, o trabalho de campo pôde ser realizado nos finais de semana, de modo que o descanso nesse período foi repousado nas palavras e imagens de Dona Artemis, Dona Aline, Dona Hilda, Dona Larissa, Dona Itala, Dona Francyne e Seu Heitor<sup>2</sup>.

- **Sobre a organização da tese**

A tese foi organizada em três capítulos. No primeiro capítulo, **Biografias da saudade**, pude realizar uma fundamentação teórica em três toadas, i) a primeira voltada para um estudo sobre os influxos sociolinguísticos do étimo saudade; ii) a segunda sobre o surgimento e o uso do termo “saudade” no campo literário e filosófico português e, por fim, iii) a terceira referente à produção brasileira de saudade e suas interlocuções com a memória.

Já no segundo capítulo, **Sobre o desenho metodológico**, situei a pesquisa como uma prática social produzida a partir de um estudo com narrativas de saudade. Apresentei o município pesquisado, Santa Cruz da Baixa Verde – PE, e os caminhos metodológicos percorridos para que a pesquisa se realizasse.

---

<sup>1</sup> Datas de viagem: 21 a 23 de abril; 29 e 30 de abril; 06 e 07 de maio; 20 e 21 de maio; 27 e 28 de maio; 10 e 11 de junho; 17 e 18 de junho; 01 e 02 de julho de 2017.

<sup>2</sup> Todos os nomes utilizados para se referir aos interlocutores dessa pesquisa são fictícios para preservar a identidade dos mesmos.

No terceiro capítulo, ***Das saudades vivas no Sertão***, foram apresentadas, discutidas e analisadas tematicamente as histórias de saudade. Vale salientar que, a fim de atender aos objetivos da pesquisa, foram pensados quatro códigos de análise: i) Sentidos da saudade; ii) Velhos sentem mais saudade; iii) Para alimentar e para matar a saudade, iv) Tempos de sentir saudade.

Por fim, as ***Considerações Finais*** foram ponderadas como um momento de reflexão, pois o conhecimento científico segue em provisoriedade e parcialidade. Nesse sentido, não indico uma conclusão definitiva para esse estudo, mas considerações críticas pensadas no decorrer do trabalho com fins de síntese.

## 2 BIOGRAFIAS DA SAUDADE

Podem as palavras ter uma biografia? E por que não?[...] Sobretudo quando essa palavra resume a história do sentimento de um povo, como no caso da palavra saudade. Evocá-la, descrevê-la, traduzi-la é evocar, descrever e traduzir oito séculos de história e poesia (ORICO, 1940, s/p).

A análise realizada por Osvaldo Orico (1940), consagrado literata, provoca a teorização da saudade sob uma dimensão de movimento histórico-cultural que o termo testemunha. Assim, a partir desse argumento, a saudade é pensada como palavra viva que anima uma categoria analítica e que promove uma tessitura de diferentes histórias em relação ao passado.

Assim, neste capítulo, proponho um estudo sobre os influxos sociolinguísticos do termo saudade para que se possa percorrer uma breve genealogia do termo; o uso da saudade na literatura e filosofia portuguesas e, por último, a produção brasileira sobre a saudade em interface com reflexões sobre a memória social

### 2.1 OS ALINHAVOS DO VOCÁBULO 'SAUDADE'

Primeiramente, para compreender o que é saudade, parece refletir teoricamente sobre o percurso de produção ibérica desse léxico e seus sentidos culturais fronteiriços no Brasil, já que o que prepondera sobre sua transformação linguística ao longo do tempo se volta mais para seus diferentes influxos psicológicos e contornos culturais do que um deslocamento fonético aleatório.

Pensar a etimologia da saudade é uma tarefa controversa e, para tanto, é preciso considerar, de acordo com o linguista francês Adelino Braz (2005), dois aspectos sobre a definição de língua: o primeiro se refere à concepção da língua como um conjunto de signos, cujo estudo se volta para a sua evolução, sintaxe e semântica; já o segundo, versa sobre a dimensão social e cultural da língua, na medida em que o termo mesmo de linguagem comporta certo julgamento, ação, emoção e/ou opinião.

Nesse sentido, a linguista australiana Zuzanna Silva (2012) parece propor uma discussão que guarda semelhança com os argumentos de Adelino Braz (2005), pois a saudade é tratada como um importante conceito para a cultura portuguesa e/ou lusófona, na medida em que não se refere a um afeto marginal e, sim, a um afeto de

base que constitui a própria comunidade em sua identidade. Para a autora, a saudade enquanto condição de ser no mundo associada à experiência de ausência não é prerrogativa de povos lusófonos. No entanto, ainda segundo a autora, ter esse vocábulo no repertório implica uma trajetória social de afetação diferenciada.

Ao considerar os países lusófonos<sup>3</sup>, é preciso percorrer sua história, seus intertextos para que a saudade seja considerada em sua complexidade de construção. Ainda que seja um sentimento ou ideia universal, isto é, presente de uma maneira ou de outra em diferentes povos, há de se atentar para os sentidos sociais que a mesma assume em cada cultura, ou seja, sua singularidade.

Coloco-me desde já em concordância com o antropólogo brasileiro Leonardo Silveira (2010), uma vez que parece haver duas correntes para explicar a origem histórico-linguística da saudade, seja de sua vertente árabe, a partir da palavra *saudah*, seja da vertente latina, *solitates*. Assim, pode-se entender, nesta revisão, a figura de Dona Carolina Michaelis de Vasconcelos (1922/1996) como pioneira e principal teórica sobre a origem latina do termo e Osvaldo Orico (1940) como defensor da corrente árabe sobre o étimo *saudah*, no Brasil.

Cabe então, referenciar a primeira obra voltada à análise filológica do termo que fora elaborada por Dona Carolina de Vasconcelos (1922/1996), linguista de nascença alemã e portuguesa por casamento, intitulada “A saudade portuguesa”<sup>4</sup>. A autora realizou uma pesquisa rigorosa de escritos antigos e sua difusão ao longo da história para interpretar tanto os textos, como a própria transformação da língua portuguesa.

D. Carolina (1922/1996) propôs quatro vozes peninsulares para delinear o que se poderia chamar, com certa reserva, de sinônimos de saudade: I) do castelhano, *soledad* ou *soledades* se aproximando da noção de solidão, II) do asturiano, *senhardade* como singularidade, III) do galiziano, *morrinha*, advindo da noção de morrer IV) do catalão, *anyoransa*. Ou ainda, a partir de uma voz alemã com o temo *sehnsucht*, revelando o sentido nostálgico germânico.

A saudade é mais frequente nas terras portuguesas e nos séculos dos descobrimentos e das conquistas longínquas na África, Ásia e América. Saudade é o travo distintivo da melancólica psique

---

<sup>3</sup> Brasil, Moçambique, Angola, Portugal, Guiné-Bissau, Timor-Leste, Guiné-Equatorial, Macau, Cabo Verde e São Tomé e Príncipe.

<sup>4</sup> Em Portugal, o referido livro foi publicado em 1914, no entanto, a versão brasileira só começou a ter suas tiragens em 1922, por ocasião da Semana de Arte Moderna, em São Paulo.

portuguesa e das suas manifestações musicais e líricas (VASCONCELOS, 1922/1996, p. 32).

Sob este argumento, a autora sugere que os primeiros registros sobre a saudade datam de 1200, a partir da obra de Dom Sancho – O velho, trovador português, ao considerar o sentimento da saudade em duas vertentes: cuidado e desejo. De modo que a saudade poderia ser considerada como um lamento de amor e um lamento cuidadoso. Nessa época, os trovadores não conclamavam a saudade em sua complexidade atual, mas se referiam a termos antigos como *soedade*, *soidade* ou *suidade* para indicar um estado de solidão ou de abandono daqueles que estão tristes.

Com o tempo, segundo a autora, ocorre uma ‘contração inconsciente’ com a ideia de sa(l)udade ou salvação, redenção da alma. Em suas palavras, descreve: “Alguns trovadores já tinham chegado mesmo a ligar *soidade*, o significado de ‘sensação de soidão ou solidão e de abandono que inspiram amor e a ausência – nostalgia” (1922/1996, p. 35-36).

No entanto, é quando houve a união entre Portugal e Espanha, em virtude da Batalha de Alcácer-Quibir e a crise dinástica em Portugal de 1580 a 1640, que se pôde elucubrar a conjunção entre a lírica portuguesa e a alma castelhana épica, acontecendo a conglobação da saudade em suas dimensões de afetuosidade, de mágoa e de morrer de amor.

Já no século XVII, Dona Carolina Vasconcelos (1922/1996) considera que o IV Conde de Portalegre enuncia os enigmas da saudade portuguesa em comparação com a saudade castelhana.

Temos de recorrer, repito-o à analogia, à associação de ideias, ou à etimologia popular, isto é, a processos psicológicos para encontrarmos a chave do enigma e explicar a substituição esporádica de “soidade” para “saudade”, que aumentando a sonoridade melancólica do vocábulo, aumenta ao mesmo tempo sua significação: o conteúdo, o espírito e alma (1922/1996, p. 47).

Contudo, a análise de Vasconcelos (1922/1996) aponta ainda que, até em tempos do Brasil colônia, se continuava falando em ‘*suidades*’ e essas seriam vivenciadas significativamente pelos colonizados: a saudade começa a ser registrada em cartas até o século XX com finalidade de envio de saúde e saudações.

Para além da boa aventura, os portugueses radicados ainda em Portugal enviavam saudade aos seus no sentido de salvação. Notadamente, essa segunda noção se referia às pessoas mais devotas, ao reiterar seus posicionamentos religiosos para intervenção divina.

Com essa referência, retomando a união ibérica, é possível dizer que o caráter português aglutina ao castelhano de *soledad* (de sítio ermo, carência ou gênero poético para regras fúnebres) a égide do “mal da ausência”, ou ainda, orfandade intelectual. A saudade apregoa, assim, duas dimensões: a lembrança dolorosa de um objeto ausente do qual desejamos rever e expressão de um afeto dirigido a pessoas ausentes.

Ainda que Osvaldo Orico (1940) apresente seu trabalho como uma extensão da pesquisa de D. Carolina Vasconcelos (1922/1996), é fundamental refletir sobre certo tensionamento teórico ao considerar que a origem da palavra saudade se revela no idioma árabe pelo termo *saudah* e *suaidah*, em função da Batalha de Alcácer Quibir. Além da origem árabe proposta, é possível considerar a aproximação com uma palavra brasileira, remontando os indígenas – a *latacá*. Esse seria o termo carnijó para identificar a despedida entre uma cabocla e um branco, revelando também a dor da ausência de um e outro.

A saudade e seus influxos psicológicos parecem ter alterado não só a ortografia do vocábulo como também ampliado sua semântica. Nesse sentido, a saudade passa de alvo de trovadores, prosa e epistolários lusitanos para objeto de reflexão filosófica no início do século XX, sobretudo em Lisboa e Coimbra. Desse modo, proponho, a seguir, uma súpula das ideias poéticas e históricas sobre a saudade até sua reflexão filosófica, com o Saudosismo.

## 2.2 UM RECAMADO PORTUGUÊS: DA SAUDADE AO SAUDOSISMO

Importa saber que o caminho percorrido para dar contornos de historicidade para saudade, assim como, suas reflexões filosóficas em território lusitano, foi como seguir as diferentes linhas que compõem um mesmo bordado. Seguir suas cores e texturas de modo que um ponto pôde levar a outro.

A leitura sobre a saudade lusitana teve início com um livro considerado clássico na área, “A saudade portuguesa” de Dona Carolina de Vasconcelos (1922/ 1996). A partir das referências da autora, iniciei uma investigação teórica sobre seus

intertextos. Suas referências foram gradativamente trabalhadas através da busca de livros em sebos *on line* cujas prateleiras contavam com obras nacionais e internacionais, além de um trabalho minucioso junto à biblioteca da Universidade Federal de Pernambuco em convênio com universidades portuguesas.

Nessa tese, então, a saudade portuguesa teve suas primeiras considerações a partir das reflexões de Dona Carolina de Vasconcelos (1922/ 1996), de modo que suas referências tornaram-se ponto de partida para seguir algumas linhas da saudade portuguesa. De seus pontos seguiram-se outros e assim por diante.

Embora Dona Carolina de Vasconcelos (1922/ 1996) tenha apontado a virada do século XII para o XIII como momento histórico que testemunhou os primeiros registros do étimo saudade, é somente com o poeta-monarca Dom Duarte (1438/1973), em seu livro “Leal Conselheiro” que se encontra a primeira meditação específica sobre saudade no mundo. Dom Duarte produziu uma filosofia moral a pedido de sua rainha Dona Leonor para redigir uma literatura moralista e prática que remontasse a Idade Média. Foi um livro voltado para a educação da aristocracia da época e efeito de sua devoção à rainha. Desse modo, o autor foi cuidadoso em sua dedicatória: “Muito prezada e amada Rainha, Senhora: vós me requerestes que juntamente vos mandasse screver algũas cousas que avia scriptas per boo regimento de nossas conciencias e vontades” (1438/1973, p. 33)

“Leal Conselheiro” tratou-se de um livro produzido entre 1434 e 1438, quando a rainha faleceu. Dom Duarte (1438/1973) meditou sobre diferentes atitudes morais para sobrepesar uma vida voltada para a boa aventura e livre de pecados. Dentre os temas, o autor versou sobre a soberba, inveja, nojo, pesar, desprazer, aborrecimento, saudade, ociosidade, credices, amor, dentre outros.

No que se refere à saudade, Dom Duarte (1438/1973) ponderou sobre a natureza psicológica desse sentimento a partir da sensualidade. Cabe salientar que a noção de sensualidade colocada no texto duartino confere oposição à razão, isto quer dizer que a saudade é entendida como uma paixão. Segundo o autor, a saudade é sentida via lembrança e traz prazer ao sujeito, pois possibilita que se aproxime das pessoas ou coisas ausentes.

De se aver algũas vezes com prazer e outras com nojo ou tristeza, esto se faz, segundo me parece, por quanto suidade propriamente he sentido que o coração filha por se achar partido da presença dalgũa pessoa ou pessoas que muito per afeiçom ama, ou o espera cedo seer. E esso medês dos tempos e lugares em que, per deleitaçom,

muito folgou. Digo afeiçom e deleitaçom, porque som sentimentos que ao coraçom pertencem, donde verdadeiramente nace a saudade, mais que da razom nem do siso. E, quando nos vem algũa nembrança dâlgũ tempo em que muito folgamos (nom geeral mas que traga rijo sentido), e, por conhecermos o estado em que somos seer tanto melhor, nom desejamos tornar a el por leixar o que possuimos, tal lembramento nos faz prazer (DUARTE, 1438/1973, p. 57).

De acordo com o filósofo português Pinharanda Gomes (1987, p. 209), em seu “Dicionário de Filosofia Portuguesa”, a acepção de Dom Duarte sobre a saudade ocorre não somente como uma ideia, mas como “algo a que os sentidos acedem, como se a saudade fosse fruto do senso humano, daquilo em que o homem em primeiro lugar sente e, depois, pensa”. Assim, Dom Duarte (1438/1973) inaugura a discussão sobre a definição de saudade já considerando sua matriz sensual (paixão) sobre o sentimento saudoso para prover, posteriormente, a ideia saudosa.

Já em 1606, Duarte Nunes de Leão, desembargador da Casa da Suplicação de Lisboa, publicou o livro “A origem da língua portuguesa”. Embora publicado em 1606, pode-se dizer que a elaboração do texto foi próxima ao dos autores de quinhentos, pois não apresentou preocupações ortográficas e de ninharia que caracterizaria os autores do século seguinte.

Duarte Nunes Leão (1606/1945) publicou “A origem da língua portuguesa”, praticamente vinte anos depois de “Ortografia”. Sua dupla motivação foi notável: por um lado, procurou investigar a formação da língua, por outro, evidenciou a alma lusitana. Desse modo, Leão (1606/1945) investigou minuciosamente a influencia de outras línguas sobre a portuguesa, assim como, destacou os vocábulos que pareciam somente ter sentido completo na língua portuguesa. Uma dessas palavras foi ‘saudade’.

Saudade. Este affecto como he proprio dos Portugueses que naturalmente são mauiosos, & afeiçoados não ha lingoa em que da mesma maneira se possa explicar, nem ainda per muitas palauras ~q se declare bem. [...] Sendo saudade palaura que não se diz, soamente referindo a pessoas, mas a cousas inanimadas. Porque temos saudade de ver a terra em que nascemos, ou em que nos criamos, ou em que nos vimos em algũ gosto, ou propriedade. Polo ~q parece que mais lhe podia quadrar esta diffinição ~q he l’embrança de algũa cousa com desejo della (LEÃO, 1606/1945, p. 309).

Leão (1606/1945) já definira saudade como diferente da palavra latina *desiderium*. Esta última se refere ao sentimento de falta de pessoas, enquanto a

primeira envolve um significado mais complexo sobre a ausência de pessoas e coisas inanimadas. Foi pensada a saudade como sentimento que é, ao mesmo tempo, a conjugação da lembrança com o desejo de ter a pessoa ou o objeto presente.

Em 1656, uma outra obra impactante registrou a definição de saudade, “A Epanaphora Amorosa” que, posteriormente veio a ser publicada em 1660, reunida com as demais epanáforas da história portuguesa sob o título “Epanaphoras de varia historia portuguesa”. Assim, Dom Francisco Manuel de Melo (1660/1931), historiador português, em seu capítulo “Epanaphora Amorosa” conta sobre a descoberta da Ilha Madeira, em 1420. Evidentemente, Dom Francisco Melo narra duas histórias com uma intenção didática e moralizadora de seus enredos. A primeira história é uma história de amor, cujo protagonista é Roberto Machim. Já a segunda história narra um acontecimento, ao glorificar as qualidades do infante Dom Henrique e, principalmente Gonçalves Zarco.

É interessante notar que a primeira história, guiada pelo amor, tem um fim trágico, enquanto a segunda, apresenta a recompensa através da virtude. Por isso mesmo, nesse capítulo, ocupo-me de visitar a definição clássica de saudade pontuada por Dom Francisco Melo (1660/1931, p. 224-225):

Amor e ausência são os pays da saudade; e como nosso natural he, entre as mais nações, conhecido por amoroso, e nossas dilatadas viagens ocasionão as mayores ausências; de ahi vem, de onde se acha muito amor e ausencia larga, as saudades sejam mais certas, y esta foi sem falta a razão porque entre nós habitasse, como foi em seu natural centro. [...] He uma mimosa paixão da alma, e por isso tão sutil, que equivocamente se experimenta, deixandonos indistinta a dor da satisfação. He um mal de que se gosta, he um bem que se padece; quando fenece, trocasse a outro mayor contentamento, mas não que formalmente se extinga: porque se sem melioria se acaba a saudade, he certo que o amore o desejo se acabarão primeiro. [...] Sendo esta a tal mais subida das saudades humanas, como se dissemos: hum desejo vivo, uma reminencia forçosa, com que apeteçemos espiritualmente que não havemos visto jamais, nem ainda ouvido, e temporalmente, o que esta de nós remoto e incerto; mas hum e outro fim, sempre debaixo das premissas de bom e deleitavel. Esta he em meu juizo a theorica das saudades, pellos modos que, sem as conhecer, as padecemos, agora humana, agora divinamente.

Dom Francisco Melo (1660/1931) pôs a epanáfora amorosa pela repetição da melancolia e, nesses termos, conceitua saudade. De acordo com Maria do Céu Fraga (2009), historiadora portuguesa, foi exatamente porque o autor pôde apresentar seus personagens que mostrou o verdadeiro agente português: o amor. É, pois, do amor,

raiz humana e divina, associado a ausência que nasce a saudade. O fruto dessa juntura é um desejo vivo, uma lembrança forçosa daquilo que se quer mais uma vez.

Assim, a partir do século XVII, segundo o professor e filósofo Miguel Real (1998), é possível também delinear as produções lusitanas sobre a saudade a partir de três eixos de discussão filosófica: i) A saudade e o providencialismo português; ii) Teses crítico-históricas sobre a saudade; e iii) Teses analíticas sobre a saudade.

De acordo com Miguel Real (1998), o Providencialismo constituiu-se como uma teoria teológico-filosófica, ao defender a existência de um plano divino de criação e de destino, com as quais os fins já são pré-determinados. Esse plano é notoriamente importante para a visão lusitana de matriz divina e purificadora do povo, uma vez que a história é contada a partir de categorias sagradas, como a saudade. O autor alerta ainda que é não se pode esquecer a produção literária sobre a saudade, sobretudo com as figuras de Almeida Garrett e Fernando Pessoa, como expressão do providencialismo português. Com isso, posição providencialista sobre a saudade será apresentada a partir das teorias de Teixeira de Pascoaes (1912; 1915; 1945; 1952), Leonardo Coimbra (1923) e Agostinho da Silva (1958; 1959)

A segunda posição sobre a saudade, sugerida por Real (1998), é a Crítica Racionalista da Saudade que, por sua vez, se remete à negação do valor da saudade enquanto sentimento coletivo em Portugal e à identificação desta com uma situação de consciência dividida entre o sonho de ser grande, permitido pelo nascimento heroico de Portugal contra Leão e Castela quanto pela grandeza histórica e territorial dos Descobrimentos, e a realidade de ser pequeno. Desse modo, serão consideradas as teses histórico-críticas de Antonio Sérgio (1913) e Eduardo Lourenço (1978).

Já as Teses Analíticas, segundo Real (1998), compõem a terceira posição de discussão filosófica sobre a saudade e se referem a uma consciência da existência da saudade como um sentimento peculiar do povo português, sem que por este motivo seja um instrumento de salvação ou de superioridade portuguesa. Assim, a terceira e última posição sobre a saudade será delineada pelas teses analíticas de Antonio José Saraiva (1994) e Joaquim de Carvalho (1952).

Então, a partir da perspectiva providencialista, a saudade passou a ser tema central de reflexão portuguesa e, em 1912, foi tomada como base para uma filosofia: o saudosismo. O poeta autodidata Teixeira de Pascoaes<sup>5</sup> juntamente com Jaime

---

<sup>5</sup> Pseudônimo do então Joaquim Pereira Teixeira de Vasconcelos (Cf, REAL, 1998)

Cortesão, Leonardo Coimbra, Afonso Duarte, Raúl Proença, António Correia de Oliveira, institui a Associação da Renascença Portuguesa, em Porto, e passa a dirigir a Revista A Águia (fundada em 1910 por Álvaro Pinto) (REAL, 1998).

O Movimento da Renascença Portuguesa teve e tem como ordem a 'nacionalização' do 'espírito lusitano', inclusive nos currículos dos liceus e das escolas primárias, pois todo estudante português deveria carregar consigo o sentimento patriótico produzido pela alma saudosa ou pela consciência saudosa. Isto quer dizer que os estudantes deveriam conceituar saudade como o amalgama da pátria lusitana e como característica identificatória e única da nação. O sentimento da saudade, por sua vez, além de se tratar de um fenômeno idiossincrático e típico a cada sujeito, é reflexo da alma portuguesa e sinal da síntese dos diferentes povos que resultaram na personalidade portuguesa. Segundo Real (1998, p. 15),

[...] a **Alma Lusíada** nasceu do cruzamento entre os povos arianos (Celtas, Gregos, Romanos e Godos) e os povos semitas (Fenícios, Cartagineses, Judeus, Árabes). O sentimento próprio da alma portuguesa, a ser transmitido pelas escolas, nasce assim da fusão entre estes dois modos de vivência religiosa e cósmica – a este particular sentimento que define intemporalmente a totalidade da história de Portugal, animando subterraneamente a sua literatura e a sua política, a sua teologia e a sua filosofia, chamou Pascoaes o sentimento saudoso ou a Saudade (Grifos do autor).

Desse modo, Pascoaes (1912) inaugura a filosofia da saudade, não como uma filosofia existencialista, mas como uma reflexão aprofundada cuja seiva é a incerteza.

Não há certeza, mas probabilidade, embora esta tenda para aquela, sem a alcançar jamais, como na hipótese de um *sim* contra um número de *nãos* em perpetuo crescimento. Este número é ele sempre menos *um*, que pode surgir e eliminá-lo, o que não admite o evento da certeza (Grifos do autor. 1945, p.12).

A Filosofia da Saudade de Pascoaes (1912) ficara conhecida como Saudosismo. Cabe ressaltar que o Saudosismo constituiu um movimento nacionalista com o artigo intitulado 'Renascença', publicado em 1912, em Porto, e foi liderado justamente pela Revista A Águia, a qual estava sob a direção do próprio Pascoaes. Para o autor, a saudade é o âmago da alma portuguesa.

A saudade é o próprio sangue da Raça (portuguesa), seu estigma é divisivo, o seu perfil é eterno. Claro que é a saudade no seu sentido profundo, verdadeiro essencial, isto é, **sentimento-ideia**, a *ideia*

*refletida*, onde tudo o que existe, corpo e alma, amor e desejo, terra e ceu atinge a sua unidade divina. Eis a saudade vista na sua essência religiosa, e não no seu aspecto superficial e anedótico de simples gosto amargo dos infelizes” (Grifos do autor. PASCOAES, 1912, p.02)

O argumento de Pascoaes (1912) é paradoxal: por um lado propõe o sentimento da saudade como centralidade a fim de evidenciar as glórias lusitanas, por outro, aponta que é essência de todos os seres que gozam da saudade, uma vez que é o universo provém da Origem. Explico: para o autor, todos os seres surgiram da Origem e, pelo processo de evolucionismo, surgiram todos os entes. Como todos os entes partilham da Origem como marco de surgimento do mundo, todos também partem de uma sede inata de retorno à fonte: a saudade. Desse modo, as pedras, as árvores, os animais, as plantas, enfim, tudo goza do sentimento de saudade.

Com isso, Pascoaes (1912) levantou uma filosofia própria, ora se afastando do termo, geralmente, usado pelo povo, ora se aproximando de uma noção inédita produzida pelo próprio autor e caracterizando a filosofia pascoaesiana ou o saudosismo. A saudade é cosubstancializada como síntese afetiva entre desejo e dor. O desejo objetiva a dor e a dor subjetiva o desejo. De modo que o desejo se refere ao sentimento saudoso que expressa a perspectiva ariana do mundo, enquanto a dor apresenta a perspectiva semita. Ainda pelo desejo a saudade transforma-se em esperança e pela dor transforma-se em lembrança.

A saudade é a consequência da compenetração da Lembrança e da Esperança casadas e excedidas num além de misteriosa e religiosa ansiedade... Camões, revelando a Saudade, esboçada por Virgílio, abriu uma nova era a vida sentimental do homem. Para além da fraternidade humana e cristã, presentimos hoje a cósmica fraternidade camoneana. Só o instinto saudoso identifica o homem ao universo, porque a lembrança prende-o a tudo o que passou e a Esperança a tudo o que há de vir (1912, s/p).

Ao analisar a obra de Pascoaes, Miguel Real (1998) considera que o argumento do autor coloca a esperança e a lembrança como as características fundamentais da alma portuguesa: a esperança desejada de maneira feminina de Vênus (ariana) e a lembrança de maneira também feminina de Virgem Dolorosa (semita).

Para Pascoaes (1912), do sentimento saudoso é que provém o Idealismo português, pois já anunciara que esse sentimento é a alma da alma pátria, aquela em que se fusionam o desejo e a lembrança. Em seu livro “A arte de ser português”, Pascoaes (1915/1993, p. 124) é contundente:

Como se vê, nosso Idealismo é religioso e anti-intelectual, porque as ideias consideradas em si, na sua pureza olímpica e longínqua, esterilizam-se. É preciso que sejam sentimentais, que se confundam com nosso próprio ser e representem estímulos direccionais da sua actividade. [...] O nosso Idealismo é saudoso, porque o animam a esperança e a lembrança; e é religioso e popular. Desejaríamos tornar sentimental a **Verdade Portuguesa** demonstrada nesse livro, para que ela desse nova energia aos portugueses (Grifos do autor)

De acordo com o crítico Antonio de Magalhães (1951), Pascoaes considera seu panteísmo ao mesmo tempo que opõe-se a outros panteísmos para destacar o papel de Deus na criação. É como se Pascoaes estivesse propondo, em termos novos, uma religião nova, nascida da saudade que se pretende substituir a fraternidade cristã para uma identificação única pelo sentimento saudoso. A saudade tornou-se uma ‘panteização’ do universo. Pela lembrança, o ser humano se identifica com tudo o que já passou e pela esperança se identifica com tudo o que há de vir. Ao analisar o que o próprio Teixeira de Pascoaes (1915/ 1993, p. 118) considerou como panteísmo, é possível dizer que a crítica de Antonio de Magalhães foi fecunda:

Eu chamei Saudosismo ao culto da alma da pátria ou da Saudade erigida em Pessoa divina e orientadora da nossa actividade literária, artística, religiosa, filosófica e mesmo social. O leitor já compreendeu que a palavra Panteísmo tem, entre nós, um sentido original que não se deve confundir com o seu antigo significado filosófico. O Panteísmo de Espinosa, judeu português, influenciou algumas correntes literárias no estrangeiro e difere essencialmente do Panteísmo a que chamei saudosista, por ele traduzir o estado emotivo e sentimental da pátria, que teve sua origem na paisagem e no cruzamento das tendências hereditárias da natureza sensual e espiritual, de que já falamos.

O saudosismo teve delineamentos nacionalistas a fim de operacionalizar a purificação do espírito lusitano decadente em triunfante. Evidente que foi por conta do triplo processo de “desnacionalização” que Portugal sofrera que a saudade ganhou força enquanto sentimento unificador e de glória em Portugal. Pela saudade, tornou-se possível a ideia providencial de superar o: i) “desnacionalização” religiosa: centralismo papal (Vaticano), domínio da Inquisição pelos Dominicanos, domínio da educação pelos jesuítas; ii) “desnacionalização” cultural: a Universidade de Coimbra negligenciou o saber quinhentista advindo dos Descobrimentos e sobrepesou aqueles da Universidade de Sorbonne; iii) “desnacionalização” política: o absolutismo de Dom

João II que esfacelou os poderes fáticos descentralizados e possibilitou, a partir do século XVIII, o afrancesamento das instituições portuguesas (REAL, 1998).

Assim, a obra de Pascoaes teve o saudosismo como filosofia que adentrou também sua obra literária. Segundo o filósofo brasileiro José Antonio Tobias (1966), sua obra versou desde seus oito artigos da Revista A Águia, de 1912 a 1914, assim como em seus livros “Regresso ao paraíso”, “São Jerônimo e a trovoadas”, “Verbo”, “A arte de ser português” e “São Paulo”.

Outro autor destacado, a partir da perspectiva providencialista, é Leonardo Coimbra, filósofo criacionista português, grande parceiro de Teixeira de Pascoaes e participante assíduo do Movimento de Renascença Portuguesa. Antes de tudo, dizer que Coimbra foi criacionista quer dizer, segundo o filósofo Antonio Braz Teixeira (2006), que o autor considerou a realidade como uma criação do pensamento. Significa a sustentação de que o pensamento é um raciocínio incessante diante de uma intuição contínua, posto que sua premissa reside em apontar uma intuição a priori não empírica para todos os conceitos possíveis, seja nas ciências, na matemática ou na psicologia.

Como seu artigo clássico “Sobre a Saudade”, publicado pela Revista A Águia, em 1923, encontra-se esgotado e sem outras publicações recentes, ocupo-me das considerações analíticas de Miguel Real (1998) e do filósofo Antonio Braz Teixeira (2006) sobre o escrito de Coimbra (1923):

Saudade... Alvorada de um dia de pedra, repiques de sinos, esperas até o extremo da aldeia dos músicos que chegam, procissão com figuras a todas as cores brilhando ao sol... e o cair da tarde em despedida, alongada pelos montes aos beijos de luz mortíça e lampadários duma iluminação que vai caindo morta no coração da noite. Saudade... a ambição, a cobiça, o instinto do comércio confundido com o impulso nómada empurrando as velas das nossas naus, a Índia ao longe, as tormentas vencidas e a nostalgia de Portugal ensombrando as paisagens da Índia conquistada: movimento pendular do coração lusíada entre a pátria e todas as Índias que se atingem e aquela Índia de miragem, que não deparam; incessante movimento do coração do homem entre as terras e os céus visíveis e um céu e uma terra, que apenas se apresentem na misteriosa polarização de toda a nossa alma (REAL, 1998, p. 21).

É possível refletir que a saudade, segundo Coimbra (1923 citado por REAL, 1998, p.22), : “é como a sombra do homem, sombra que jamais o deixa, porque o sol que ela intercepta é o Espírito e não há horizonte que oculte”. Nesse sentido, o autor

procurou ampliar as investigações sobre a saudade, descrevendo como esse sentimento aparece no cotidiano do povo lusitano e propondo que a saudade constitui os domínios de ação e de saber diversos. A proposta foi de por a saudade como expressão espiritual da humanidade presente na ciência, filosofia e religião. Apesar de ser então universalizada, a saudade é tem sua morada mais pensada e sentida em terras e língua portuguesas.

No campo científico, a saudade se instituiu inconscientemente, popularmente e historicamente para evocar lembranças harmônicas de vida, uma vez que a mente é compreendida como um “paraíso perdido”. A saudade se apresenta como uma forma de consciência lúcida do processo científico, pois toda a investigação é voltada para a descoberta, seja da criação da realidade pelo pensamento, seja da formação do universo e das perspectivas teleológicas que fundamentam e animam todas as coisas (COIMBRA, 1923 citado por REAL 1998).

Já quanto à dimensão filosófica, a saudade se tratou de um sentimento iniciante que, no entanto, lança luz para o desapego do espírito ao corpo, sendo um ‘indício de salvação’. Segundo Miguel Real (1998), Coimbra (1923) parece concordar com Platão para um quadro europeu de filosofia, uma vez que tudo é saudade – saber é recordar. O trabalho filosófico é, então, perscrutar, a partir da saudade, a natureza do corpo, de modo a transbordar sua mecanicidade, isto é, de modo a superar a materialidade do mundo para dar conta das inquietações que o sentimento saudoso desperta ao pensamento.

Por fim, no campo religioso, a saudade se alinhou ao pensamento por dois níveis. O primeiro através de um conhecer a saudade por ligações a fenômenos inexplicáveis e, portanto, divinos relacionados às doutrinas pagãs e indianas. Em segundo lugar, o cristianismo aparece como uma religião de salvação pela saudade: o ser humano é apenas um viajante de uma vida a outra.

O Éden era a Pátria, donde o homem foi escorraçado como consequência de sua revolta da sua vontade contra a união amorosa com o Deus criador. Tombado do Éden, como o anjo rebelde da presença de Deus, eis que o homem caminha, em exílio, por entre a matéria rebelde. Esta cai para a Morte e ele, de olhos ainda deslumbrados pelo Sol da Vida, vê o desfazer-se em poeira dos mundos pelo espaço na agonia dum coração ameaçado. O seu coração que fôra de luz sente-se de um barro que o Vento vai pulverizando; mas a saudade do Éden é o bendito óleo que faz arder aquela luz originária. E, como não havia de ser assim, se, na face em cólera de Deus ofendido, brilhava já o enternecimento apiedado de

Jesus. [...] E a vida é assim o próprio rastro da saudade... (COIMBRA, 1912 citado por REAL, 1998, p.25).

Portanto, Leonardo Coimbra (citado por REAL, 1998) amplia os níveis da saudade para todos os níveis de conhecimento e de ação humanas, de modo a explicar universalmente um conceito estético da saudade ao envolver o mundo como um todo.

Ainda em âmbito do providencialismo, Agostinho da Silva é considerado como um autor proeminente a partir de duas publicações: em 1958, no Brasil, com “Reflexão à margem da literatura portuguesa”; e, em 1959, com “Um Fernando Pessoa”. No primeiro livro, Agostinho Silva revisa a história portuguesa corroborando a tese de que Portugal move o futuro do Império do Espírito Santo, já no segundo livro, é como se Agostinho Silva confirmasse sua tese com a Teoria do Quinto Império de Fernando Pessoa. Tanto Agostinho Silva se dedicara ao Providencialismo da Idade do Espírito Santo que, em 1994, enfatizou os mesmos argumentos:

A missão de Portugal, agora, se de missão podemos falar, não é a mesma do pequeno Portugal, quando tinha apenas um milhão de habitantes, que se lançou ao Mundo e o descobriu todo, mas a missão de todos os que falam a língua portuguesa. Todos esses povos têm de cumprir uma missão importante no Mundo (SILVA citado por REAL, 1998, p. 27)

Para o autor, Portugal deveria cumprir duas missões principais: a primeira quanto ao papel messiânico para a salvação europeia e a segunda para a purificação mundial. Assim, a teoria da saudade para Agostinho Silva teve certo ineditismo ao fundamentar o Portugal histórico até a primeira metade do século XVI através de uma consciência coletiva do que o país poderia ter sido caso a mentalidade tecnicista do norte da Europa e o centralismo papal não direcionassem as políticas de Estado e da Educação. Nesse passo, a saudade ainda articulava um salvador Portugal do futuro, quando essa mentalidade caísse por terra e nascesse uma nova economia baseada na solidariedade e, conseqüentemente, uma nova noção de sujeito delineado pelos atributos de ludicidade, imprevisibilidade e gratuidade na própria língua portuguesa.

Já uma terceira linha de pensamento filosófico, a Crítica Racionalista da Saudade, representada por António Sérgio. Seu artigo intitulado “Epístolas aos Saudosistas”, publicado na Revista A Águia, em 1913, propôs uma polêmica crítica às teorias de Duarte Nunes de Leão e Teixeira de Pascoaes.

O saudosismo representa, se permitem a franqueza, uma ideia artificial e convencional de literatura. O que vale em arte é o que sai espontaneamente do temperamento do artista e das circunstâncias de sua vida... Houve, com efeito, muito de saudade, na literatura portuguesa; mas teve ela suas causas nas condições sociais dos idos tempos. Assentemos isto: tinha sua razão de ser em condições que já passaram. Vocês (movimento da Renascença Portuguesa e, especialmente, Teixeira de Pascoaes, nosso) teimam em ressuscitar o que não tem hoje condições de vida, obcecado pela ideia absurda de que certa maneira de certa época é uma maneira absoluta, a que nos teremos que sujeitar por omnia saecula saeculorum (SÉRGIO, 1913, p. 57).

Para Antonio Sérgio (1913) o grande equívoco de Teixeira de Pascoaes não reside na visão sentimental de mundo ou até mesmo no sentido nacionalista que é atribuído à saudade. O erro estaria na impossibilidade de um Portugal histórico e dinâmico, de modo que a saudade sintetizou um sentimento exclusivo a toda a nação portuguesa e a todos seus séculos históricos.

Ainda em seu artigo “Epístolas aos Saudosistas”, o autor reconheceu a existência de um ponto problemático para diferenciar o que chamou de lembrança pura e saudade. O ponto central do sentimento que torna a lembrança em dor psíquica e mágoa foi pensado como um sentimento geral de natureza social nascido do embaraço do movimento temporal da história.

A afirmação característica e fundamental do espírito contemporâneo é o mobilismo, o avanço, a tendência para diante, o desejo da acção e da vida ascensional. O pensar do nosso tempo concebe essencialmente a vida como uma marcha para o novo, e mesmo, não raro, como uma carga de cavalaria. Ora a saudade é o contrário de tudo isso: imobilismo, inércia, contemplação do passado, amor de cristalizar ou mumificar o que já foi... [...] Quem é que vive principalmente na saudade? Os velhos e os desgraçados a quem a morte levou uma pessoa muito querida. Ora, em ambos esses casos se nota, acompanhando sempre a saudade -, o horror do novo, ódio ao movimento, um protesto contra a lei da mobilidade e do devir (SERGIO, 1913, p. 67)

Para Antonio Sérgio (1913), enquanto a virada da década de 10 do século passado exigia para a nova onda republicana e positivista da Europa, surgiu, paradoxalmente, o movimento saudosista em Portugal, não com a centralidade para o futuro e mudança, e, sim, com foco na saudade como um sentimento antigo que

pretendia interromper o 'progresso' e fazer Portugal retornar a tempos anteriores à Modernidade.

Já Eduardo Lourenço (1978), crítico cultural da saudade que também compõe a terceira vertente de pensamento filosófico português, retrata a imagem irreal que os portugueses faziam de si mesmos ao exaltar a consciência como glória para a consciência nacional. No entanto, o autor complexifica o ponto nodal de elevação de Portugal a Quinto Império anunciado por Fernando Pessoa, ressaltando que a dependência portuguesa nos anos de 1580 a 1640:

Permitiram, enfim, que nos descobrissemos às avessas, que sentíssemos na carne que éramos (também) um povo naturalmente destinado à subalternidade. [...] Descontentes com o presente, mortos como existência nacional imediata, nós começamos a sonhar simultaneamente o futuro e o passado” (LOURENÇO, 1978, p.24-25)

Lourenço (1978) propõe a saudade como uma grande normalizadora do povo português para consigo mesmo ao apelar para sua reintegração à Europa. Sua reflexão filosófica articulada ao campo psicanalítico ensaia a alma lusitana crivada por um duplo estado de espírito. Ontologicamente, trata-se de como o povo lusitano é (país é pequeno, pobre, com recursos limitados, baixa qualidade de vida, indústria incipiente, mercado financeiro frágil e tecnologia própria ínfima) e o que ele gostaria que fosse (o mito do progresso, tecnologia avançada, robustez financeira, alta qualidade de vida e hábitos cosmopolitas). A essa ficção, Lourenço (1978, p.19) chama de “o irrealismo prodigioso da imagem que os portugueses fazem de si mesmo”.

A análise psicanalítica ensejada por Lourenço (1978) situou três traumas na história de Portugal que lhe recalcou uma vivência europeia integrada, a saber: o primeiro, se refere a fundação mesma do condado portugalense, advindo do providencialismo de mitologias diversas, em uma nação de espírito aventureiro que levaria às grandes descobertas. O segundo trauma se relaciona à tomada de consciência da pequenez lusitana quando do desastre da Batalha de Alcacer-Quibir e a perda parcial de sua independência. De povo destinado à glória, restou a humilhação.

Assim, o sebastianismo e o saudosismo, surgem como mentalidades providencialistas fruto do quadro depressivo de derrocada portuguesa. Essas duas mentalidades assumem expressões de um “delírio filosófico-ideológico, como

exaltação triunfante de um futuro face a uma realidade mesquinha e humilhante (1978, p. 24). O terceiro trauma, por sua vez, é consequente da perda do Império com os rumores da morte de Dom Sebastião. Segundo Real (1998, p. 42), “esta perda alterou radicalmente a imagem grandiosa, mas ilusória que tínhamos de nós e reenviou-nos para uma espécie de corpo primitivo, de território original que pode ser compensada com a imagem grandiosa de nos sentirmos integrados a Europa”.

Por fim, ainda de acordo com Miguel Real (1998), a quarta linha de pensamento se refere às teses analíticas sobre a saudade e é constituída pelas proposições de Antonio José Saraiva e Joaquim de Carvalho. As teses assinalam a existência de um arcabouço teórico generalizado para um sentimento saudoso também generalizado. Contudo, a novidade reside na terminante negação de que a saudade seja um sentimento autêntico e único do povo português, cuja tradução para outros idiomas é impossível.

Nesse sentido, Antonio Jose Saraiva (1994) compreende o saudosismo como uma força que constitui o modo de ser português, embora não possa ser considerado como uma filosofia universal e nacionalista. A ambivalência na alma portuguesa parece ter criado uma miscelânea histórico-cultural de enraizamento a um Portugal épico e de aventura a um Portugal enraizado, criando o que Saraiva (1994) chamou de ‘sentimento insular’ ou ‘complexo de ilhéu’.

Para o autor, é exatamente esse sentimento, vivo no povo lusitano, que o torna dogmaticamente religioso. Por seu turno, o sentimento de saudade aprofunda-se no complexo de ilhéu, tornando a mentalidade portuguesa com contornos de “porto”, de onde se está, de onde se vai e para onde se vai, ou ainda, para onde se imagina ir ou de onde se imagina partir (SARAIVA, 1994).

O segundo autor desta linha de pensamento foi o filósofo Joaquim Carvalho (1987), que escrevera dois artigos importantíssimos sobre a Saudade: “Problemática da saudade e elementos constitutivos da consciência saudosa”. A diferença deste autor para os demais é que sua análise parte do método fenomenológico husserliano para compreender a saudade enquanto conceito.

Com essa articulação metodológica, Carvalho (1987) critica veementemente a possibilidade de uma ciência da saudade, uma vez que o mundo físico e os objetos não são passíveis dela, outrossim, somente a consciência pessoal pode ser sensível à saudade. Constata-se então que a saudade se trata de um sentimento evocativo,

triste e melancólico que é vivido subjetivamente, não sendo possível sua transferência para outrem.

Seguindo o raciocínio de Carvalho (1987), a saudade é um sentimento atrelado ao tempo, porquanto é o tempo que ontologiza a saudade, quero dizer, que realiza e marca a saudade como existência. Sobre os três momentos do tempo, é o passado que é próprio à consciência saudosa, pois sua carga afetiva esvazia o presente e supera o futuro, ainda que imaginariamente idealizado. O passado provoca evocação na consciência saudosa a fim de fazer valer seu núcleo afetivo.

A saudade é então fruto do contraste entre o tempo atual desvalorizado e a de certos momentos passados que são afetivamente privilegiados. Ao debater a saudade a partir de Carvalho (1987), Miguel Real (1998, p. 48-49) ilustra a relação entre tempo, existência e consciência saudosa, cujas pessoas cheias de passado são aquelas cheias de saudade.

A criança porque não possui passado incorporado na consciência, não sente vivas saudades; o homem adulto, quando em face de realização, sente fracas saudades (principalmente, da infância), mas se a vida não o realiza é então normal que as saudades da infância ou da adolescência lhe sejam intensas; o homem velho, esse, é, em si, um poço de saudades.

Em conclusão, Carvalho (1987) reforça a hipótese de que todas as pessoas são passíveis de consciência saudosa, não sendo exclusividade do povo português. Esse tocante é, então, o que permite à saudade sua expressão diversa, seja pela tristeza, melancolia, nostalgia ou ainda solidão contemplativa.

Em análise, penso que a terceira posição filosófica é aquela que oferece mais elementos para fortalecer o argumento desta tese, pois permite refletir sobre a saudade em suas especificidades locais. Uma vez que não se trata de uma patente lusitana, a saudade pode ser compreendida como viável em qualquer contexto social. No entanto, que ela emerja em diferentes conjunturas não é argumento suficiente para que seja homogênea. Pelo contrário, o argumento que tenho tecido retoma saudade como bordada de acordo com as relações sociais, necessidades e ética locais. Assim o é no contexto brasileiro, como será apresentado a seguir.

### 2.3 SAUDADE EM FIOS BRASILEIROS

Uma vez introduzidas as duas principais correntes filológicas e historiográficas sobre o termo 'saudade', a árabe e a latina, e as primeiras reflexões poéticas e filosóficas sobre a saudade, em Portugal, é possível analisar sua constituição no Brasil. Em outras palavras, é possível considerar que o termo 'surge' na península ibérica e cresce diferentemente em outros territórios para dar conta de demandas locais, delineando assim, outras formas de sentir e de qualificar pessoas e objetos.

Desse modo, parece importante conjecturar que o processo sócio-histórico da saudade brasileira remonta a hipótese de uma dimensão afetiva e cultural cuja raiz etimológica estaria na língua portuguesa e que serviria para Portugal, em meados do século XV e XVI, como um projeto de civilização, "lançando-lhe a base estética, religiosa e política com as quais o espírito lusitano poderia adentrar na Nova Era" (PASCOAES, 1952/1986). Segundo Osvaldo Orico (1940), em seu livro "A saudade brasileira", a saudade produzida no Brasil é diferente daquela produzida em Portugal.

Portugal nos transmitiu a civilização, a cruz e a língua, mas não poderia dar a correspondência exata de sentimentos gerados pela sua maneira de ser e de viver. Os brasileiros, portanto, não sentem nem traduzem a palavra como fazem portugueses. Nossa saudade é já um sentimento misturado por outras concepções da vida, uma saudade que se libertou da influência das cantigas de morrer de amor ou das serranilhas que de 'gran soêdade' tornavam os olhos cativos (ORICO, 1940, p. 44).

À semelhança da colocação da saudade como símbolo da pátria portuguesa, o escritor Osvaldo Orico (1940) parece destacar a saudade brasileira como aquela que define o povo brasileiro nas suas relações sociais. Nesse sentido, as obras do crítico literário Alceu Amoroso Lima (1955) e do filósofo José Antonio Tobias (1966, 1997) podem fortalecer o argumento de que a saudade como objeto de reflexão conforma um modo de ser brasileiro, ou ainda, que caracteriza a identidade do povo brasileiro.

Em seu ensaio "Meditação sobre o mundo interior", Alceu Amoroso Lima (1955) organiza em capítulos as publicações que seguiram na Tribuna da Imprensa em 1953, de modo a realizar uma crítica sobre como as duas corruptelas da liberdade vêm afligindo o ser humano: o liberalismo e a licenciosidade. O autor propõe uma retomada da vida interna – do mundo interior – para que haja uma restauração do espírito. Os

capítulos versam sobre diferentes dimensões da vida cotidiana como: liberalismo, moralismo, filosofismo, politicismo, dentre tantos outros.

No que se refere à saudade, o autor abre o 18º capítulo com uma ponderação sobre o passado enquanto força de sabedoria para a vida. “Para cada um de nós o passado não é o que passou: é o que não passou” (LIMA, 1955, p. 115). Desse modo, são descritos o passado morto e o passado vivo. No primeiro, a discussão se dá pelo passado esquecido, uma vez que, se passou todo, então já é morto. Já o segundo, o passado vivo, se trata do passado-presente, o qual é revivido a um toque de qualquer circunstância acidental e vive conosco como o mais vivo dos presentes.

O preâmbulo sobre o passado parece importante para introduzir a saudade como articuladora do passado ao presente, ao oferecer a noção de continuidade na vivência do tempo.

A saudade não é apenas um sentimento de doçura, um dos mais fecundos da nossa vida interior. Pode ser também uma paixão entorpecente. Ai daqueles que não conhecem e curtem poesia profunda da saudade. Ai daqueles também que, do extremo oposto, que se deixam vencer por ela. A saudade é um estímulo para a vida interior bem vivida. É o meio de têmos sempre vivos, em nós, as pessoas e os sentimentos, as lições e as coisas que um dia constituíram as fontes da nossa vida. O homem sem saudade é um homem sem vida interior. [...] O separado, o seccionado, o desmemoriado mesmo que tenha memória, mas a memória nêle é um simples reflexo condicionado. Ai do homem sem saudade. Como ai daquele que se deixa devorar pela saudade. A saudade não é apenas melancolia sem consequência. É uma paixão tremendamente ativa, que pode abrir à nossa vida interior novos rumos, com a colaboração dessa presença misteriosa do passado e de tudo o que nêle enriqueceu espiritualmente, - como pode levar-nos às mais tristes das mortes, a morte em vida (LIMA, 1955, p. 118).

No campo da filosofia, José Antonio Tobias (1966), em seu livro “O mistério da Saudade”, publicado pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Marília, parece aprofundar o argumento de Osvaldo Orico (1940) sobre a importância do estudo da saudade, uma vez que marca a saudade como objeto para “penetrar na alma do povo brasileiro e no mais íntimo da origem e do conteúdo de suas obras artísticas. Ainda mais que é o sentimento exclusivo da língua portuguesa” (TOBIAS, 1966, p. 05).

Ainda segundo o autor, o amor é o sentimento-base que possibilita a saudade. É como se o sentir ‘falta’ fosse universal a todos os povos, mas a experiência da

saudade somente seria possível a partir de uma imersão na lusofonia para dar conta da complexidade saudosa: a consciência amorosa e nostálgica de uma ausência.

O amor é fundamento imprescindível da saudade. Sem amor, nada de saudade em sentido próprio e completo. Assunto, pois, do nascimento da saudade, aprofundado, desloca-se para o tempo do nascimento do amor, entendido esse termo não em sentido restringido ao amor sexual, mas sim com significado de amor incluindo a consciência intelectual de afeição humana; quero dizer, no amor da saudade há participação da pessoa humana toda, de seu corpo e de sua alma, numa única e substancial totalidade, e, em seguida, a consciência dessa dupla participação. A saudade é filha do amor humano (TOBIAS, 1966, p.09).

Além da noção de consciência forjada pela vontade e pelos sentidos que (re)clamam o objeto ausente ou para sempre perdido, Tobias (1966, p. 11) considera o nascimento da saudade como história vivida que, em última instância, é, por isso mesmo, história de vida daquele/a que sofre.

Outro aspecto que explica o nascimento e o tempo do nascimento da saudade é o fato de ser uma história. É um acontecimento vivido. Sempre se disse e sempre se dirá: tenho saudades do meu primeiro amor; tenho saudades da infância; tenho saudades de mamãe; tenho saudades de minha pátria. Sempre é uma história ou são histórias. Ou melhor, sempre é história, porque um conjunto de histórias na vida de alguém é também uma história: no mais longo dos casos, constituirá a história de sua vida.

Interessa ainda seguir o argumento de Tobias (1966) para compreender que se a saudade é uma história, a saudade só pode se referir ao passado. Ao envolver alegria, tristeza e desejo em sua constituição, some-se a ideia de consciência saudosa o sentimento saudoso que é, em um só tempo, “amargosamente gostoso” (p. 14). Sendo assim, a memória que a saudade evoca não pode ser associada às reminiscências platônicas de algo universal ou imaterial. Pelo contrário, a saudade se refere a um alvo pretérito específico, sejam objetos, sejam pessoas.

A saudade continua como inesgotável porque inesgotáveis são as histórias. Para Tobias (1966), talvez seja esse o mistério sobre a intraduzibilidade do termo. Para o autor, se todos os seres humanos hão de sentir amorosamente uma falta e ter o sentimento saudoso, ter um vocábulo específico que exprime tal complexidade e que se torna centro de sua literatura e cotidiano remonta acontecimentos peculiares para falantes da língua portuguesa. Penso que a saudade é uma exceção, não só por

sua intraduzibilidade direta para outras línguas que não a portuguesa, mas porque suas histórias são únicas e irrepetíveis quando contadas em qualquer idioma e/ou contexto social.

Nesse âmbito, Tobias (1966) declara partilhar da aceção de Joaquim de Carvalho (1952) quanto ao interesse de investigar a saudade: i) *in latino*: pelo sujeito que se encontra saudoso; ii) *ad latino*: pelo objeto-alvo da saudade.

Na saudade, pode-se considerar o aspecto objetivo, isto é, do acontecimento em si, e o aspecto subjetivo, fundado e constituído pela pessoa que vai ter a saudade: acrescenta a ela o acontecimento a noção de passado, de distancia, de sentimento e começa a reviver o acontecimento em imaginação. O acontecimento se torna sentimento: é o nascimento da saudade. Ora, tal historiador, tal história: tal pessoa, tal saudade. [...] Como nunca se pode contar duas histórias iguaizinhas, a pessoa vai ter a saudade cada vez que pensa no acontecimento amoroso do passado, haverá de contar histórias – mais ou menos diferentes e mais ou menos iguais – sempre gostosas e amargas, do mesmo amor ausente. Serão sempre histórias relativas e mais ou menos nova, porque indefinidamente poderão ser conhecidas facetas ainda esquecidas. E não só. As novidades não serão só do ponto de vista intelectual, como ao conhecer novos pontos de vista, mas sobretudo haverá novos sentimentos, originados conforme as variáveis disposições afetivas da inconstante sensibilidade humana (TOBIAS, 1966, p. 18)

Assim, se a saudade é uma forma de prolongamento do amor que já não é possível no presente, trata-se então de um sentimento que é voltado para uma “finalidade boa” (TOBIAS, p. 23). Só se sente saudade daquilo que foi feliz. No que se refere à saudade brasileira, Tobias (1966, 1997) posiciona a saudade em termos diferentes de acordo com as regiões do país por remontar colonizações com forças diferentes.

A saudade predomina no Nordeste, no Sertão e no centro do Brasil, como no Ceará, Bahia e Minas; em outras regiões, por exemplo, Santa Catarina e talvez no Rio Grande do Sul e Paraná, diminui o predomínio da saudade. O Sertão parece que, de modo especial, enfina o espinho doce amargo da saudade no coração de todos os seus habitantes. As poesias, as trovas dos cantores do Sertão respiram numa só atmosfera: a da saudade. A própria música do Sertão, com seu tradicional lamentar, é tipicamente saudosa. [...] Explica-se esse fato sociológico porque, desde o início, o elemento português e sua cultura imbuída de saudade tomaram conta do Nordeste e do interior; no sul, com elementos alemão, italiano e estrangeiro em geral, só mais tarde, surgiu a cultura portuguesa com sua saudade. Ainda agora, antes da Grande Guerra de 1939-1945, havia regiões e escolas onde só se falava o alemão (TOBIAS, 1966, p. 39).

Por fim, seguindo a lógica do autor, a Região Nordeste, por ter sofrido uma colonização de maior influência dos portugueses, teria a produção de um sentimento saudoso mais marcado pela dor e mais ligado ao sofrimento, isto é, um sentimento herdado pelo modo ibérico sentir saudade. Diferentemente, a Região Sul, a partir de uma imigração mais fortemente influenciada por povos alemães e italianos, teria um sentimento saudoso com contornos que se afastam daquela descrita como tipicamente peninsular.

Ainda que Orico (1940), Lima (1955) e Tobias (1966) dissertem sobre a noção identitária brasileira via saudade, parece que há outra vertente de pensamento que leva em conta sua dimensão histórico-social. Essa, por sua vez, se volta para o campo antropológico com contribuições de Roberto DaMatta (1993), Silveira (2007), Tania Lago-Falcão (2009) e Mísia Reesink (2012); o campo da filosofia com a teóloga feminista Ivone Gebara (2010); o campo histórico das sensibilidades com Durval Muniz de Albuquerque (1999/2011), do *folk lore* por Cascudo (1983; 1968; 1974/2002) e da psicologia social com Adriano Nascimento e Paulo Menandro (2005).

Dito isso, é preciso assinalar que parto mais vigorosamente dessa segunda lógica de pensamento para aprofundar as análises da saudade enquanto crivo antropológico que tem expressão e produção de histórias a partir de demandas locais. Trata-se da saudade como cultura que produz cultura, em uma trama individual e coletiva a um só passo. Em outras palavras, trata-se da saudade como chave antropológica que tem, portanto, implicações sociais.

No campo da antropologia, ao publicar o artigo intitulado “Antropologia da Saudade”, Roberto DaMatta (1993) tece sérias críticas à noção de saudade instaurada pelo Saudosismo português e, ao que parece, para as produções brasileiras de até então. Se a saudade é concebida como fruto de experiências provenientes de ausência (seja por viagens, morte, fins de relacionamento, ‘passagem das fases da vida’ ou mesmo pela demarcação de um sentimento nacional, dentre outros), DaMatta (1993) faz um convite para pensar o contrário. Não seria exatamente a categoria saudade, enquanto centro cultural e ideológico, que faz a experiência com um tono afetivo voltado para um tempo passado privilegiado?

Ao contrário de uma atitude ingenuamente empiricista, que privilegia a experiência individual e psicológica como fonte dos valores, das categorias e da saudade, é fácil descobrir que o peso da palavra se

encontra precisamente no conjunto fortíssimo de ideias e atitudes que ela evoca, desperta e determina. Descoberta como categoria sociológica e como palavra dotada e profunda “capacidade performativa”, a saudade permite subverter esses argumentos de fundo utilitário, baseados no primado da experiência e no utilitarismo burguês contido numa “razão prática”, para afirmar que não são as experiências individuais e fragmentadas do amor, da viagem e da ausência que constituiriam a saudade, mas, em vez disso, é a existência social da saudade como foco ideológico e cultural, a permitir o revestimento especial de nossas experiências, que faz com que a sintamos. É a categoria que conduz a uma consciência aguda do sentimento e não o seu contrário (DAMATTA, 1993, p.20-21)

Justamente porque há uma referência social de saudade que se sente com mais força o amor e a ausência das pessoas e das coisas das quais se desejam por perto. A conclusão social parece óbvia: há certeza do amor porque se sente saudade. Seu corolário também é verdadeiro: só se sente saudade de quem ou do que se ama. Seguindo essa mesma lógica, o antropólogo brasileiro ainda propõe que é possível sentir saudade de lugares nunca antes conhecidos desde que pessoas amadas tenham vivido nele. Conjeturo ainda ser possível sentir saudade de quem não se conheceu, se também pessoas queridas relatarem histórias de amorosidade, por exemplo.

É nesse sentido, que DaMatta (1993) rememora a máxima “Quando morrer, fulano não deixará saudade” para demonstrar como esse sentimento qualifica socialmente pessoas, eventos, relações e lugares, dentre outros. A direção de explicação da saudade segue da sociedade para o indivíduo. A saudade é uma categoria própria do espírito humano e que pode expressar determinada hierarquia de valores ou de ideologia, no caso do Brasil, uma ideologia luso-brasileira.

Entendida como um duplo conceito, a saudade é tanto um universal, passível de ser sentida por toda e qualquer pessoa, em relação à “experiência de passagem, da duração e da demarcação e da consciência reflexiva do tempo” (DAMATTA, 1993, p.22), como promove também uma experiência singular e única. Assim sendo, a saudade diz respeito a uma forma de viver o tempo que rompe a lógica do relógio ou do calendário porque se refere a um diálogo com experiências já vividas que se quer tornar.

DaMatta (1993) considera que a saudade aponta para uma compreensão de tempo como experiência que é pessoal e que, no entanto, confere uma interpretação social cujos contornos são produzidos de geração a geração. A saudade acontece

coletivamente e está dentro e fora de nós, pois estamos também dentro e fora de uma saudade coletiva que nos coloca a questionar um futuro positivo e a considerar pouco a importância do presente.

Desse modo, DaMatta (1993) é contundente ao analisar a importância dos estudos coletivos, ou ainda, em estilo sociológico para superar a premissa de motivação individual da saudade via ausência de seu objeto. O argumento fundamental de DaMatta (2012) é de que a saudade é um sentimento que faz o tempo retornar. Isso significa dizer que o tempo não é sentido de maneira individualizada e quantificada e, sim, de forma “contínua e reversível, possivelmente hierarquizado em eventos e sentimentos que marcam as nossas biografias muito mais, talvez, do que os cargos que ocupamos” (DAMATTA, 2012, p. 350).

Para o autor (1993, p. 23), é imprescindível traçar o componente antropológico que constitui a saudade “como brasileiros falantes do português e meros de uma comunidade histórica luso-brasileira, aprendemos a sentir saudade, como aprendemos a brincar carnaval e a comer feijoada”. Seguindo as linhas de DaMatta (1993), minha proposta não é de definir que determinados povos sintam mais ou menos saudade, outrossim, de compreender os diferentes alcances que um sentimento pode assumir para a composição de narrativas e práticas sociais.

DaMatta (1993) reposiciona a saudade sob uma perspectiva de pensamento sociológico a partir de uma proposta de uma categoria básica da existência coletiva. Assim, a saudade como uma coletividade brasileira implica compreensões diversas e institucionalizadas que constroem a “realidade”.

A ideia de DaMatta (1993) é estudar a saudade enquanto uma construção cultural e ideológica que traz a reboque um brado vigoroso do passado, que tende a desvalorizar o presente e desconfiar do futuro. Concebida como certa modalidade de tempo, penso, em consonância com o autor, que a saudade apresenta uma memória diferente daquela retratada pela história formal, pois apresenta uma memória coletiva que parece fazer mais sentido pelas propostas historiadores como Halbwachs (1990) e Durval Muniz Júnior (2006, 2011; 2013).

Isso implica dizer que a memória produzida pela saudade não é um depósito jurídico ou político, do qual se dispõe controle, linearidade, progresso e irreversibilidade. A “memória encarnada e personalizada” da saudade se dá por “nossa experiência mais profunda com o tempo coletivo e indica retornos, reversões

e recursividades cíclicas que nos obrigam a assistir o mesmo filme muitas vezes. Como se fosse impossível exorcizar fantasmas do passado” (DAMATTA, 1993, p. 32).

DaMatta (1993) ainda analisa o discurso da saudade como centrado em uma temporalidade caseira, o qual escapa do tempo da rua e das datas nacionais. O tempo da casa é o tempo íntimo e de vida emaranhada e compartilhada, de modo que guarda espaço para uma duração que é “poeticamente vivida e esteticamente aprendida” (p.33).

O autor centra no espaço relacional o arremate para a antropologia da saudade, exatamente porque as pessoas podem até desaparecer, mas as relações permanecem. A conclusão é que a saudade é um operador paradoxal que possibilita o câmbio de perda em felicidade, tornando-se uma leitura encantada na velhice e na nossa vivencia do tempo ao conectar o presente e o passado.

DaMatta (1993), então, relê a saudade como categoria analítica, uma vez que seu crivo antropológico está em sua potência relacional para volver o passado e qualificar pessoas, tempos e coisas. Para o autor, a saudade é produzida cultural e ideologicamente seguindo do coletivo para o individual, isto é, a existência coletiva da saudade permite formas diversas de aprendizagem da saudade para cada um de nós. Nesse sentido, saudade é ainda temporalidade, flexão de um passado que se deseja novamente em contraposição a um presente apático e um futuro duvidoso.

Com o propósito de fortalecer a ideia de saudade como temporalidade, vale ressaltar o trabalho de Leonardo Silveira (2007), ao dar continuidade às reflexões de seu orientador de Mestrado, Roberto DaMatta (1993), na dissertação “Em busca do tempo querido: um estudo antropológico da saudade”. Silveira (2007) confirma a aposta teórica de seu mentor e considera a saudade como uma proposta de marcador de tempo sob a modalidade de entrecaminho, ou seja, como uma ponte simbólica e afetiva que liga o tempo das sociedades tradicionais ao tempo das sociedades modernas. Isto quer dizer que a saudade liga o tempo tradicional regido por uma concepção cíclica, cuja tendência é privilegiar a repetição e a recorrência, a um tempo moderno gerido por uma lógica cronométrica, progressiva, linear, compartimentalizada e estanque entre o passado, presente e futuro

Tanto boas lembranças, quanto as que queremos esquecer estão na esfera da lembrança, mas quando entramos no plano da saudade, a memória passa a ser positiva. Mesmo que seja de algo dolorido do passado, a saudade tem a capacidade de tornar a recordação como um pingente que fica no coração e tem valor positivo ao ser

rememorada, como um tesouro que de vez em quando se conta ou confere. Falar de uma lembrança negativa ou positiva é uma coisa corriqueira da vida pessoal de cada um, mas falar de saudades negativas é algo praticamente impossível pela própria construção da categoria saudade, pois ela transforma as lembranças em um bem para se guardar (SILVEIRA, 2007, p. 55).

O autor apresenta ainda a relação íntima entre saudade e amor romântico em poesias portuguesas. Neste estudo, interessa notar a estreita ligação entre amor e saudade vista em Silveira (2007) como alguma semelhança àquela falada por Tobias (1966). Um amor que é utópico e, talvez, o mais importante a ser direcionado às pessoas queridas.

No entanto, Silveira (2007) assinala uma diferença entre amor e saudade, posto que o amor é relatado na literatura como da dimensão individual, do desejo e da individualidade, enquanto a saudade está voltada para a coletividade, é uma memória que é 'filha do amor e memória do coração'.

Ainda que seja um sentimento triste, ao analisar as poesias de Olavo Bilac, o antropólogo pôde constatar outras facetas da saudade, como por exemplo a saudade no que concerne à sua positividade. Uma vez ligada ao amor, a saudade se torna também um sentimento querido e desejado. Para o autor, a positividade da saudade é sua marca mais premente, o que parece coadunar com a proposta de Osvaldo Orico (1940) sobre a saudade enquanto palavra viva, que recorda o bem que é viver, que recorda rastros de felicidade.

O elemento mais comum, que mais apareceu para análise, foi essa ideia da positividade. Mesmo que faça chorar, mesmo que alguém possa sentir tanta saudade que chega a dizer que está morrendo de saudade, mesmo que a saudade venha com um certo amargor pela pessoa amada que não mais voltará; a saudade é sentida pelo lado positivo da felicidade. Entre todos os poetas brasileiros que tive o prazer de pesquisar a saudade é considerado um sentimento positivo, cabendo à lembrança o lado negativo do passado. Nas trovas brasileiras também se percebe esse elemento positivo da saudade. Normalmente quando um poeta fala em seu poema sobre a capacidade da lembrança para trazer dor ou tristeza, em outra estrofe do mesmo ele apresenta a saudade como sentimento da felicidade, que dá prazer e fortifica (SILVEIRA, 2007, p. 40).

Somada à noção positiva, o autor interpõe duas outras: o elemento mágico, sagrado ou divino da saudade e sua potencia de manejar distancias temporais ou

espaciais. Primeiramente, a divinização da saudade não parece ser um processo difícil quando pensada a religiosidade portuguesa e o catolicismo brasileiro. Sendo um sentimento que viabiliza a revisitação do tempo perdido e que permite trazer à vida aquilo que está morto, como disse Orico (1940), resta apenas atribuir a saudade como milagre para que isso seja realmente passível de acontecer. Nesse sentido, penso que um sentimento sagrado ligado ao amor e que tem efeito de felicidade é, portanto, desejado seja para sentir saudades e apresentar um bom coração, seja para deixar saudades e ser considerado como uma boa pessoa.

No artigo intitulado “Para além da origem da palavra saudade (ou antropologia de um sentimento coletivo)”, Leonardo Silveira (2010) acrescenta que, no Brasil, a saudade é sentida e afirmada não pela dor, mas exatamente pela sua positividade. O autor indica que enquanto os poetas brasileiros desejam saudade, os portugueses querem distância dela. Assim, a saudade é enlevada como possibilidade de reviver o passado, o que tem efeitos positivos na cultura brasileira. A saudade se torna uma boa companheira, muitas vezes, mais bem-vinda que a pessoa amada. Já a segunda característica da saudade versa sobre a manipulação das distâncias temporais ou espaciais.

A capacidade da saudade de reviver o passado, tornar o passado realidade e vivência no real, e não simplesmente um sentimento sem cor como a lembrança, nos remete à felicidade. Pois ela é uma soma de todas as lembranças positivas que formam e conformam a vida de uma pessoa. [...] Ela é sentida como o passado vivo no presente, ao contrário da lembrança que é sentida somente e unicamente como passado. O lembrar não revive nada, talvez um pouco de dor, choro e tristeza. Já a saudade revive um amor perdido, um amigo perdido, um familiar já morto (SILVEIRA, 2007, p. 46).

Assim, é possível pensar a saudade como presença da ausência, assim como Alceu Amoroso Lima (1955) já provocara. A saudade como articuladora temporal diz do passado presentificado, diz da saudade que permanece. Sentir saudades de alguém é, por isso mesmo, sofrer de distâncias e eliminá-las concomitantemente. Se a pessoa amada está longe, é a saudade que a faz presente em alma e sentimento. Lembrar a pessoa amada pela saudade é alegria.

A antropóloga Claudia Rezende (2006) também fortaleceu o argumento de DaMatta (1993) em seu artigo “Saudades de casa? Identidade nacional no prisma da

antropologia das emoções”. Ao considerar a saudade como categoria de análise, a autora investigou como esse sentimento, dentre outros, sugere uma forma peculiar de experienciar a identidade brasileira no exterior.

A autora partiu do pressuposto de que falar da saudade implica certa conexão com as experiências passadas e com a temporalidade, de modo que a memória é, por natureza conceitual, acionada também. A saudade é considerada como uma categoria que torna única a experiência de viver fora do país de origem pois trata do pertencimento a uma comunidade luso-brasileira.

Para sua pesquisa, Rezende (2006) entrevistou doze colegas acadêmicos que passaram pela experiência de doutorado sanduíche nos Estados Unidos, Inglaterra e Bélgica e constatou que a categoria saudade não fora acionada e, sim, aquelas voltadas para irritação, incômodo ou mesmo revolta em relação à identidade brasileira quando no exterior. Suas análises apontaram para o não acionamento da categoria saudade não pela ausência desse sentimento, mas porque a identidade brasileira não levou à formação de uma rede de relações sociais. Sua conclusão é que, então, a condição de saudade ganha importância ao passo que as relações sociais são de alguma forma construídas ou fortalecidas, aspecto central para esta chave antropológica girar em sociedades, como o próprio DaMatta (1997) chamou, relacionais.

Nessa mesma linha, é possível considerar a tese de doutoramento da antropóloga Tania Lago-Falcão (2009), “Homem não chora: um estudo sobre viuvez masculina em camadas médias urbanas”, como mais uma pesquisa que dá corpo ao argumento de DaMatta (1993), ao considerar a saudade como categoria sociológica que conjuga o sentir e o demonstrar pesar diante da morte.

Para a autora, a saudade é “A capacidade de sentir e de extravasar a perda” (2009, p. 357). Ao se tratar da perda por morte, é então uma saudade irreparável, é aquela que ‘não tem jeito’, mas que ainda tem alguma positividade quando se refere à lembrança ou ao ‘amor que fica’. Em conclusão, Lago-Falcão (2009) aponta a saudade como categoria mais acionada nos viúvos seguida da solidão, motivo pelo qual os homens se recasaram.

Outros estudos fundamentais neste campo são de autoria da antropóloga Mísia Reensink (2003, 2006, 2010; 2012). Ela chama atenção para a força dos sentimentos quanto aos ritos católicos de morte no Brasil, mais especificamente, em Recife no bairro de Casa Amarela, e por ressaltar a importância do dia da saudade, também

conhecido popularmente como dia de finados (REENSINK, 2003; 2006; 2010). A inquietação de cunho etnográfico se dá pela coincidência de comemoração da saudade aliada a celebração dos mortos.

Especialmente em seu artigo “Quando lembrar é amar: tempo, espaço, memória e saudade nos ritos fúnebres católicos”, Reensink (2012), analisa a morte, a partir da flexão de sua dimensão ritual em relação ao tempo, espaço, memória e saudade. Embora Reesink (2012) tenha a maior força de argumento voltada para a explicação teórica da produção da categoria analítica de “ente querido”, interessa saber suas reflexões teóricas sobre a saudade, ao marcar continuidade e descontinuidade de discussão na arena antropológica enquanto categoria do coração e sobre memória-saudade.

Como o foco do texto da antropóloga está voltado para a defesa da categoria analítica “entes queridos”, parece que a saudade é pensada de maneira específica para quando o alvo é direcionado para as pessoas ausentes (seja por morte ou por imigração). Isso implica dizer que a especificidade da saudade de determinados momentos da vida (como infância e juventude), de lugares ou de coisas não disseram respeito à sua construção teórica. Com isso, a saudade-morte e a saudade-exílio, das quais a primeira tem seu alvo perdido para sempre e a segunda entrevê a possibilidade converter ausência em presença. As relações de saudade e amor são tecidas através da memória e as relações da saudade com as espacialidades e temporalidades produz os “entes queridos”.

Contudo, Reensik (2012) tensiona a proposta de DaMatta sobre a articulação da saudade como categoria analítica de pensamento. Para a antropóloga, é necessário superar, ainda que parcialmente, o intelectualismo acadêmico para dar conta de maneira mais ampla e aprofundada da análise antropológica da saudade como organizadora da realidade. Por isso mesmo, a saudade é proposta como categoria do coração e não do pensamento.

[...] a saudade na sua acepção de uma categoria do pensamento, remete a um excesso de intelectualismo, o que leva a diminuir ou esterilizar na reflexão antropológica a capacidade organizadora ou estruturante de um determinado sentimento. Assim, ao considerar a saudade como uma categoria do coração, procuro conjugar uma análise intelectualista a uma abordagem maussiana dos sentimentos, em que se compreendem estes últimos como intrínsecos às condições sociais, psíquicas e corporais dos sujeitos (REENSIK, 2012, p. 378)

Reensik (2012) leva em consideração a centralidade sentimental da saudade como estruturante do ponto de vista nativo brasileiro, a qual se associa à memória, ao amor e ao desejo de alguém ou de alguma coisa. “O amor e afeição são, dessa forma, palavras de ordem da saudade” (2012, p. 378).

A autora acrescenta que, de modo geral, a saudade é uma experiência social passível de performatividade e significação social, ao passo que é vivida como íntima e particular, mas que ganha sentido de acordo com as relações sociais e está voltada para um objeto exterior. Nesse sentido, Reensik (2012) concorda com DaMatta (1993) ao afirmar que a saudade é coletiva e particular em um só tempo, além de estar intrinsecamente ligada a noção de memória.

[...] saudade e memória se conjugam, uma sendo intrínseca à outra. Nesse sentido, evocar a memória dos mortos significa dizer que aí se encontra a saudade, do mesmo modo que falar de saudade implica necessariamente a memória. Disso segue que, em todo tipo de memória ligado às relações entre vivos e mortos, a saudade está presente. O fato de classificar como saudade uma dessas memórias não nega o que acabo de dizer. A questão é que, no processo de cada uma dessas memórias, há um aspecto/categoria diferente que é evidenciada ou sublinhada – a perda, o sofrimento ou a saudade, apesar de esses três aspectos/categorias comporem cada tipo de memória, e, por conseguinte, estarem presentes nas lembranças que permanecem (REENSIK, 2012, p. 384).

Por outro lado, a autora segue a proposta de DaMatta (1993) ao registrar que o tempo é requisito base para a saudade, porquanto a saudade é ela mesma uma medida do tempo, assim como, o tempo é também seu regente. Ao tempo é possível abrandar a saudade e torna-la mais aceitável.

Nesse sentido, a autora aprofunda suas reflexões e se refere a uma modalidade específica de memória, particularmente importante para esta pesquisa, a memória-saudade. Para tanto, amplia a discussão sobre a saudade como uma categoria fundamental à memória, trazendo o trabalho de Adriano Nascimento e Paulo Menandro (2005), no âmbito da Psicologia Social. As relações de saudade e amor são tecidas através da memória e as relações da saudade com as espacialidades e temporalidades produz os “entes queridos”.

Desse modo, a memória tem função primordial para a (re)produção de

sentimentos positivos ou mesmo para a dedicação para o câmbio de sentimentos negativos para positivos. A memória, então, se forma “sempre com e pela saudade, o que significa dizer que a memória é antes de tudo questão de afetividade, de amor, implicando evidentemente a obrigação e a ‘oblação’” (REENSINK, 2012, p. 371).

Finalmente, Reensink (2012) conclui que também objetos e momentos demarcam memória, pois evocam uma seara de recordações permeadas de emoção, já que são preenchidas de amor e, mais vastamente, de saudade.

No campo da filosofia, embora não seja um tema maior em sua obra, a filósofa e teóloga feminista Ivone Gebara (2010) impressiona com seu ensaio sobre a saudade. Gebara recebeu o convite da Editora Brasiliense para escrever o livro “O que é saudade”. Uma vez aceito esse desafio, a autora discorreu sobre o tema a partir de uma concepção da saudade como condição humana, o que já parece fissurar a proposta de Orico (1940), Lima (1955) e Tobias (1966) sobre a exclusividade saudosa de países lusófonos. Obviamente que a substantivação do termo denuncia especificidades locais, mas não significa dizer que povos de outras línguas não possam viver experiências saudosas.

Para viver a saudade, a autora descreve dois caminhos. O primeiro se refere a um modo nostálgico, no qual a pessoa saudosa persevera sob a possibilidade de findar sua saudade, persevera em reaver a ausência que se fez saudosa. Aqui, a saudade pode ser aplacada pela presença do que antes fora perdido ou distanciado. Em outro plano, a experiência nostálgica da saudade pode, simplesmente, se revelar pela lembrança dos bons tempos já vividos.

O segundo caminho descrito pela autora diz respeito ao modo desesperado da saudade, também chamado de “má saudade” ou “saudade enferma”. Essa forma de viver a saudade denota uma saciedade impossível, uma vez que é igualmente impossível rever o alvo de sua esperança. Trata-se da saudade doente, daquela que pode devastar o sujeito, tirando-lhe a força vital.

Nesse sentido, Gebara (2010) reflete que a saudade só pode ser sentida a partir de sua experiência própria, de modo que quanto maior o passado vivido, quanto maior a experiência acumulada, maior pode ser seu fruto saudoso. Não por acaso, seriam os velhos aqueles que cultivam mais saudade. A saudade reclama um passado transformado, posto que serve de referência ao presente, quando o apetite de sentido se alastra. Por essa necessidade atual, o passado se modifica e produz, aos olhos da autora, uma ‘saudade inventada’ para dar conta de um cotidiano pesado.

Assim, a saudade não é pensada somente como uma memória imaculada ou como uma criação delirante. A saudade é um conjugado entre memória e imaginação que visa dar conta de uma demanda presente. “Memória e imaginação não produzem a saudade, apenas se aliam e permitem sua irrupção. Elas não são sua origem, mas apenas faculdades por meio das quais conseguimos captar sua misteriosa presença em nós” (GEBARA, 2010, p.54).

Também não são a todas as lembranças que a saudade confere seu estatuto. São as recordações prazerosas que se quer rever. São as belas lembranças que se quer alimentar. Por isso, a saudade (re)cria beleza quanto a determinadas experiências. A beleza da qual a saudade pede lugar é subjetiva, frágil, intensa e, por vezes, fugidia. Segundo Gebara (2010), é justamente pela bela saudade que se retoma lembranças, pois a saudade convoca no presente a beleza que tem se acumulado em nós. A dimensão estética da saudade embeleza o passado vivido, transformando-o, repetidamente, desejável para também eclodir beleza no presente.

No entanto, ainda segundo a autora, a estética saudosa carrega consigo diferentes emoções, incluindo tristeza, uma bela tristeza.

Uma tristeza é bela porque é capaz de mover nossas entranhas para direções inesperadas. Porque é capaz de despertar a convivência dos vivos com os mortos, dos que já se foram com os que ainda estão. A saudade bela volta também ao “naquele tempo” como se quisesse lembrar que hoje continuamos a construir um “naquele tempo” que será mais tarde lembrado por nós e talvez até por outros. O “naquele tempo” não tem mais importância do que o presente, mas dá ao presente uma dimensão simbólica particular, a da recordação da beleza como sinal de nossa saudosa constituição humana (GEBARA, 2010, p. 73-74)

Gebara (2010) se utiliza do termo ética para analisar como as pessoas saudosas e, talvez mais profundamente, as saudosistas utilizam a referência do tempo passado, considerando seus costumes e comportamentos mais respeitosos ou até mesmo melhores que os atuais. Trata-se da saudade como uma força que se traduz em uma ética própria pois salvaguarda o passado como código fundamental ou ainda como um regulador para o presente e para o futuro.

[...] é como se a saudade encerrasse em si mesma algo de qualitativamente melhor do que o vivido no presente. Na realidade, seria talvez mais correto dizer que essa atitude é de uma pessoa saudosista, ou seja, aquela que faz de sua saudade uma referência privilegiada para a sua vida. Os saudosistas estão sempre a comparar

o presente com o passado e a afirmar o presente como lugar onde a perversão dos costumes e a injustiça são maiores. Por sua vez, o passado é o tempo ideal no qual se acredita ter vivido mais respeito e dignidade para com as pessoas. Não se trata apenas do seu tempo passado. Por um lado, de fato, referem-se ao tempo da infância, da juventude ou do passado dos ancestrais, que parece ser sempre um tempo qualitativamente melhor do que outros tempos (GEBARA, 2010, p. 76)

Assim, de forma despojada, a autora chama ainda de “psicologia da saudade” suas reflexões sobre a mentalidade e os comportamentos saudosistas. “O presente deve se submeter às orientações e normas encontradas nas referências de um passado idealizado. Sem perceberem, exigem que o presente se pautem não apenas nos fatos, na ética e nos comportamentos passados, mas também às experiências de beleza passadas” (GEBARA, 2010, p. 91). Seguramente, Gebara (2010) não falara sobre um ramo da psicologia científica e, sim, sobre apontamentos possíveis sobre o psiquismo e sua expressão individual e social.

No campo da psicologia, as pesquisas de Adriano Nascimento e Paulo Menandro (2004; 2005) são notáveis por tomar a memória social e a saudade como temas centrais. Se por muito a saudade foi furtiva de conceituações na psicologia, os autores rompem esse silêncio e pensam a saudade enquanto componente afetivo da memória. Ao tomar a memória sob o enfoque social, as noções populares “naquele tempo” ou “tempo bom que não volta mais” tão comuns parecem apontar para uma questão que marca profundamente a construção das biografias no Brasil de modo a idealizar o passado. O saudosismo é, então, compreendido como um elemento crucial para a articulação da memória brasileira.

Os psicólogos Adriano Nascimento e Paulo Menandro (2004; 2005) apresentam três dimensões conceituais relacionadas à saudade: i) como componente afetivo da memória, ii) como elemento constituinte da percepção do presente como queda, ‘perda de sonhos’, ou como tempo de menor qualidade em relação ao passado, iii) visão do passado idealizado, cuja comparação com o presente permite vislumbrar um futuro possivelmente satisfatório.

Nesse sentido, os autores alertam sobre a saudade daquilo que se pode ter de volta, como um amor ausente, e daquilo que não é possível tornar, como a mocidade. Essa diferenciação em relação ao objeto alvo da saudade guarda semelhança com as reflexões de Ivone Gebara (2010), sobre saudades saciáveis e irreparáveis. A compreensão do sentimento saudoso exige, assim, uma gradação de sentido que

depende diretamente de seu objeto.

A recorrência de determinados objetos gira em torno de certas categorias, como a de sociabilidade (amigos, família, relacionamento amorosos...) e uma difusão de objetos (casa, candeeiro, rede...). Uma vez que o conteúdo saudoso é socialmente compartilhado, a lembrança saudosa apresenta a problemática do que deve ser lembrado como qualitativamente melhor, como também, daquilo que não se deve ter saudades (NASCIMENTO, 2004; NASCIMENTO; MENANDRO, 2005).

Dessa forma, os sentidos da saudade são propostos como um *continuum* que abarca os marcos 'lembranças saudosas, 'lembranças sem saudades' e 'esquecido', onde cada gradação envolve uma carga afetiva diferenciada. Seguramente, essas três categorias de memória não são as únicas existentes nem se autoexcluem, mas permitem uma ilustração sobre como o afeto tem investimentos singulares que variam de conteúdo para conteúdo. Nessa lógica, o elemento saudoso aponta também para certa lógica discursiva.

Ao mesmo tempo em que o discurso saudoso deve ser entendido em sua particularidade, como articulação qualitativa e afetiva de conteúdos, ele também está sob parâmetros mais gerais de funcionamento da memória social, por exemplo em seus aspectos de: a) coerência entre as diversas lembranças, b) coerência entre essas lembranças e a manutenção de uma imagem integrada dos grupos e sujeitos que recordam (NASCIMENTO; MENANDRO, 2005, p. 16)

Ao considerar que a memória tem a propriedade de simplificar e esquematizar seu conteúdo como sua característica mais básica, Nascimento e Menandro (2005) consideram que a lembrança saudosa vai além do grau que fez a experiência imediata das pessoas ou mesmo de grupos. Desse modo, sentir saudades do lugar de onde se nasceu e viveu pode ser um sentimento partilhado por migrantes, por exemplo.

Então, a própria saudade parece responsável por esquematizar seu conteúdo. Sob esse argumento, Nascimento (2004) defendeu sua dissertação de mestrado "Memória de meus verdes anos: saudade da infância na Música Popular Brasileira: uma investigação e uma proposta de análise de dados", na qual investigou as saudades da infância presentes em letras da Música Popular Brasileira. A conclusão foi evidente. Embora tenha sido constatada certa mudança do conteúdo lembrado, o discurso saudoso parece guardar suas marcas ao longo do século XX. Por exemplo, é lembrado mais fortemente o brincar, por seu despojamento de responsabilidade, do

que algum brinquedo em especial.

Incontestavelmente, segundo os autores, a memória é constituída por divergências em seu conteúdo. Entretanto, no que se refere à lembrança saudosa os conteúdos parecem compor uma percepção pessoal e privada de lembranças ao mesmo tempo em que compõe uma partilha social de sentimento pelas saudades do tempo de criança, da casa, do brincar... Para os autores, é possível que essa dupla composição da saudade seja sua marca mais profunda.

Já no campo da história, é importante chamar atenção para o trabalho de doutoramento de Durval Albuquerque Júnior (1999/2011), sua tese intitulada “A invenção do Nordeste e outras artes”. No Brasil, o historiador pondera a saudade como uma constante na produção cultural, seja literária ou poética, em contraposição a uma não relação à identidade nacional. Diferentemente de Portugal que mitificou a saudade e o saudosismo junto a identidade lusa, o Brasil parece ter ligado o saudosismo com o tempo e história no que se refere à construção de uma leitura social brasileira como prolongamento da portuguesa.

Nessa extensa investigação historiográfica, o autor pôde tecer uma crítica afiada que se distancia da questão colonizadora do Sertão em prol da saudade promulgada por José Antonio Tobias (1966). Foi preciso tensionar a noção de Nordeste por sua fundação mesma em meados da década de 1910, por relações de força que marcaram esse território sob o signo da saudade e da tradição. É a questão dos efeitos da reterritorialização tradicionalista que criva o ‘nascimento’ dessa região sob o signo da saudade que ganha destaque analítico. O autor parte não em defesa, mas em favor de um ataque reflexivo à noção homogênea e homogeneizadora, para não dizer estereotipada, de Nordeste.

A saudade é um sentimento pessoal de quem se percebe perdendo pedaços queridos de seu ser, dos territórios que construiu para si. A saudade também pode ser um sentimento coletivo, pode afetar toda uma comunidade que perdeu suas referências espaciais e temporais, toda uma classe social que perdeu historicamente a sua posição, que viu os símbolos de seu poder esculpido no espaço serem tragados pelas forças tectônicas da história. A região Nordeste, que surge na “paisagem imaginária” do país, no final da primeira década deste século [XX], substituindo a antiga visão regional do país entre Norte e Sul, foi fundada na saudade e na tradição (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 1999/2011, p.78)

A provocação desse argumento reside em pensar o Nordeste como uma espacialidade fundada historicamente, proveniente de uma tradição de pensamento, de uma imagética e textos que consubstanciaram práticas e discursos 'nordestinizadores'. É então pelo apagamento das múltiplas vidas, histórias e costumes que a unidade Nordeste foi falada e visibilizada. Cabe dizer que, segundo o autor, o Nordeste fora fabricado para atender a uma noção nacionalista no pós-independência do país e que serviria para localizar a região do Norte que sofre seca a partir dos pensadores e poetas da época.

O Nordeste, como filho da seca, foi montado a partir de uma elaboração de memória social base para sua institucionalização como região. De um discurso tradicional somado a um posicionamento nostálgico, o Nordeste foi fundado como um todo político-cultural em relação à saudade, à sensibilidade da perda de espaços econômicos e políticos por parte dos usineiros e algodoeiros, dos comerciantes e intelectuais ligados a ele na época. O Nordeste é, então, uma região fincada na tradição e numa posição nostálgica em relação ao passado (ALBUQUERQUE JUNIOR, 1999/2011).

Assim, a ordenação institucional do Nordeste como região foi também uma marcação de faltas em decorrência da seca e da crise do açúcar para as migrações de jovens e trabalho na roça. Com referência a grande seca de 1877, Durval Albuquerque Júnior (1999/2011) considera que o Nordeste passou a ser retratado como um território marcado por práticas voltadas para resolver o problema da precariedade. A análise do autor aponta que para a institucionalização ser legitimada pelas pessoas foi preciso recorrer à memória individual e coletiva para assegurar a existência do Nordeste antes mesmo de sua criação política.

Um lugar criado de lirismo e saudade. Retrato fantasioso de um lugar que não existe mais. Não é à toa que as pretensas tradições nordestinas são sempre buscadas em fragmentos de um passado rural e pré-capitalista; são buscadas em padrões de sociabilidade e sensibilidade patriarcais, quando não-escravistas. Uma verdadeira idealização do popular, da experiência folclórica, da produção artesanal, tidas sempre como mais próximas da verdadeira terra (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 1999/2011, p. 91).

Com isso, o discurso tradicionalista concebeu a história como espaço de produção de memória, como um discurso voltado para reminiscência e para o reconhecimento regional, cuja identidade é anacrônica. O relevo de memória no

Nordeste surge do desejo de estender o passado para o presente, voltando-se para resgatar as narrativas populares. É, pois, na memória que se agremiam pedaços de história, lembranças pessoais, de acontecimentos épicos e catástrofes que identificam a região. Ao comentar a produção artística que trata do Nordeste, Albuquerque Júnior (1999/2011, p. 98) comenta:

Mesmo para quem dela sai, o migrante, o Nordeste aparece como este espaço fixo da saudade. O Nordeste parece estar sempre no passado, na memória; evocado como espaço para o qual se quer voltar; um espaço que permaneceria o mesmo. Os lugares, os amores, a família, os animais de estimação, o roçado ficam como que suspensos no tempo a esperarem que um dia este migrante volte e reencontre tudo como deixou. Nordeste, sertão, espaço sem história, infenso às mudanças. Sertão onde a fogueira ainda esquentava o coração, sem rádio e sem notícia das terras civilizadas.

Já em seu artigo “As sombras do tempo: a saudade como maneira de viver e pensar o tempo e a história” (ALBUQUERQUER JÚNIOR, 2006), o autor chama a atenção para a saudade como sentimento que permite a nós, seres de memória, mantermos uma relação singular e sensível com o tempo. A saudade como paradoxo da existência faz ver o vazio da temporalidade vital, ou ainda, da necessidade vigorosa de preencher essas lacunas com experiências e sentimentos.

A saudade é produzida histórica e culturalmente, posto que não se sente saudade das mesmas coisas. “Cada tempo tem suas saudades, e nem todos os povos valorizam esse sentimento ou dão a ele o mesmo conteúdo e sentido” (ALBUQUERQUER JÚNIOR, 2006, p. 118).

Para compreender a relação entre saudade e história, a saudade é pensada como expressão de uma sensibilidade que é historicamente construída, ou ainda, apresentação de subjetividades que também são culturalmente produzidas. Assim como DaMatta (1993), Durval Albuquerque Júnior (1999/2011; 2006) propõe o conceito de saudade como categoria de análise que é perpetrada socialmente e que, portanto, se situa em atitudes, práticas, costumes e é transformada porque constitui a história do país. A saudade tem a potência histórica de presentificar o passado:

Saudade e história seriam diálogos com os mortos, seria apanhar do morto o que ainda nele está vivo, ainda merece viver [...] São pois a luta incessante contra o esquecimento. [...] Saudade e história falam das sombras do tempo que se apoderam das coisas e dos homens e as fazem inexistir [...] São memórias em estado puro encadecidas pelo fogo das paixões, que dão novo calor às coisas frias do passado,

infundem vida no que estava morto. [...] São filhas da imaginação, da capacidade de representar e encenar de novo o que existiu, de por de pé os que tombaram (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2006, p. 124).

Nessa lógica, parece que a reflexão de Durval Albuquerque (2006) segue a mesma linha de Roberto DaMatta (1993), pois o tempo da saudade é um tempo íntimo. É um tempo que escapa às exigências da rua ou da globalização, mas um tempo que reconecta histórias ancestrais e tradicionais ao hoje. A saudade faz resistência à descontinuidade do tempo, à sua ruptura mesma, fazendo viver nosso ser coletivo. Em conclusão, Albuquerque Júnior (2006, p. 139) refere:

A história da saudade é a história de todas as práticas que tentam, de alguma forma, reconciliar-nos com um tempo que sempre nos escapa. Como todo sentimento, a saudade é produto de uma dada sensibilidade que é construída socialmente. E, como todo conceito, saudade é uma palavra que recobre diferentes práticas, sensações, estados de espírito e que pertence apenas a alguns povos, os que podem pronunciar esta palavra e com ela expressar dada situação, um dado pedaço do tempo que quer reter e guardar como significativo, como constituinte de seu próprio ser. A história não é saudade, mas a saudade é história, aqui do outro lado do Atlântico. (Albuquerque Júnior, 2006, p. 139)

Assim, o autor reflete que fazer história é um ofício de prazer melancólico, típico da ambiguidade saudosa que é sofrimento e terapêutica, para dar conta ainda que parcialmente, da conexão de tempos e registro do *ethos* de um povo.

Quanto aos discursos e imagísticas que montaram o Nordeste em um movimento tradicionalista, o autor trata da obra de Ariano Suassuna e, sobretudo, da obra de Gilberto Freyre, dentre tantas outras. Para ele, o trabalho de Ariano Suassuna tomou o Nordeste como um lugar tradicional, cujo tempo aponta para uma dimensão da morte associada à fome, seca, doenças e sofrimento. Nessa perspectiva, Ariano Suassuna falou de um Nordeste sertanejo, um 'reino encantado do sertão', a partir de uma perspectiva sacramental da memória. O Nordeste de Ariano Suassuna se liga profundamente ao passado em tempos do medievo ibérico. Um Nordeste barroco, cujo tempo é o da morte. "Uma morte selvagem, mãe de todos" (SUASSUNA, 1976 apud ALBUQUERQUE JÚNIOR, 1999/2011, p. 99).

Já quanto a Gilberto Freyre, o autor relata que em seu livro clássico "Casa-grande e senzala" (1933) e em seu diário de infância e adolescência, "Tempo morto e outros tempos" (1975), forjou obras sociológicas fundamentais para a história

brasileira, as quais tiveram seu planejamento a partir dos olhos de menino. Partir da infância para registrar a história fora um passo diferente, uma vez que a história era dominada por adultos. No prefácio de seu diário, a saudade é acionada a falar nas palavras de Almeida Garret, enquanto o saudosismo ganha o estatuto metodológico “de interpretação um tanto sociológico, mas sobretudo psicológico do passado-presente-futuro de um povo” (FREYRE, 1975, p. 12).

A saudade dessa forma, segundo Albuquerque Júnior (2006), não é somente um objeto de simples reflexão, mas o saudosismo (saudade exacerbada) se tornara o método e signo freyriano para a explicação do desenvolvimento da sociedade brasileira. Tratou-se de “uma saudade que informa o próprio presente, uma saudade que se manifesta mesmo antes de ser tempo para haver saudade desse mesmo momento que se está a viver e que de forma alguma já se esgotou. Uma saudade sem prazo fixo” (FREYRE, 1975, p. 12).

Albuquerque Júnior (2006) refere que a saudade para Gilberto Freyre seria uma atitude existencial, uma forma de se relacionar com tempo e com a vida. A leitura do historiador aponta a saudade como *bon vivant* do coração de Freyre, uma vez que viver em vias do tempo é viver na saudade, é viver saudoso, é saber-se efêmero pela sua própria finitude e pela finitude das coisas. O tempo em si não é tão importante. É o tempo em sua relação com as pessoas que ganha destaque. É a capacidade humana de salvaguardar tempos, repassá-los para outros tempos e de, até mesmo, imortalizá-los.

Por fim, é preciso considerar os vastos registros sobre o *folk lore* (folclore) e sobre as questões do povo feitos por Câmara Cascudo (2004), registrados na reedição póstuma de seu livro “Locuções Tradicionais no Brasil. No entanto, cabe uma ressalva. Embora Cascudo se afaste de uma análise sociológica ou historiográfica de cunho mais crítico, parece-me inegável a contribuição que o autor fez em relação ao registro de determinados costumes de comunidades rurais do Sertão. Não me parece sensato, tampouco oportuno, desconsiderar a vasta obra de Cascudo. Cabe ao leitor/a tecer uma leitura que considere seus apontamentos como situados historicamente e produzidos por um autor que buscava erudição para falar das questões do povo a fim de angariar selo científico sobre temas não lucráveis.

Em trabalhos anteriores (OLIVEIRA, 2013; 2014; 2016a; 2016b), foi possível ler Cascudo (1983; 1974/2002) quanto à riqueza de suas notas sobre os ‘costumes do povo’ em relação à morte e às cruzes levantadas em estradas rurais. Cascudo

(1983; 1974/2002) descreveu em detalhes, a partir de sua experiência de vida no Sertão do Rio Grande do Norte, episódios que (re)criam o Nordeste a partir de sua memória e de suas próprias saudades. O sentimento saudoso parece ter sido o ponto de partida e de chegada da escrita de Cascudo.

Queria saber a história de todas as cousas do campo e da cidade. [...] Alguém deveria ficar estudando o material economicamente inútil. Poder informar dos fatos distantes na hora sugestiva da necessidade. Fiquei com essa missão. Andei e li o possível no espaço e no tempo. Lembro conversas com os velhos que sabiam iluminar a saudade. Não há um recanto sem evocar-me um episódio, um acontecimento, o perfume duma velhice. Tudo tem uma história digna de ressurreição e de simpatia. Velhas árvores e velhos nomes, imortais na memória (CASCUDO, 1968, s/p).

Os estudos de Cascudo sobre o *folk lore*, hoje considerados de antropologia nativa, não seguiram formalismos científicos, o que o deixou marginalizado no campo da academia. O autor escreveu em prosa e delineou um método próprio de pesquisa, fundamentado em conversas informais tramadas no cotidiano. Deixo que o próprio Cascudo explique, de acordo com a introdução de seu livro “Tradição, ciência do povo” (1971/2013, p. II):

A memória é a imaginação do povo, mantida e comunicável pela Tradição, movimentando as Culturas convergidas para o Uso, através do tempo. [...] Fundamentos na memória, a “Memória Coletiva de Halbwachs. Falará o brasileiro dos sertões, cidades-velhas e praias, sem constrangimento e sem disfarce. [...] A maioria do registro não resultou em cousas *olhadas* para a notação curiosa, espécie de turismo em *Wonderland*, mas *vistas*, vividas na adolescência sertaneja e maturidade urbana. Não bibliotecas, mas convivência (grifos do autor)

Assim, Cascudo não se dedicou diretamente ao estudo da saudade ou sobre como as pessoas sentiam ou falavam suas saudades, mas, saudosamente, versou sobre as superstições e costumes do povo. No entanto, em seu livro “Locuções Tradicionais no Brasil”, Cascudo (2004) parece indicar um entendimento social da saudade ao se remeter ao Tempo da Amorosa, isto é, o tempo gostoso das recordações. Ao nomear de ‘Amorosa’ o tempo bom de se lembrar, Cascudo (2004) parece ter uma posição semelhante a de Lima (1955), Tobias (1966), DaMatta (1993), Silveira (2007), Reensik (2003), Tania Lago-Falcão (2009), tratando a saudade como

relativa ao amor. Assim, o amor também é proposto como condição mesma para que a saudade surja.

Se por um lado Cascudo não conceituou saudade, por outro registrou, à sua maneira, costumes do povo voltados para um passado idealizado e mítico do Sertão. Penso, então, não ser exagero considerar os temas trabalhados pelo autor como expressão de saudade, ou ainda, como categorias regionalistas acionadas pela saudade, a saber: os mortos e os ritos fúnebres no campo; as festas e adivinhas juninas; as novenas; as cantorias; a religiosidade; as superstições; os gestos; a alimentação; as lendas e os contos sertanejos, tornando essas épocas do ano como mais propícias para o exercício da saudade no Sertão.

### **2.3.1 Saudade e memória**

Além de reconhecer a importância ibérica e as transformações brasileiras sobre a noção de saudade, é preciso ainda considerar a dimensão de memória que ela implica. Assim como Silveira (2007), Nascimento e Menandro (2005) já apontaram, saudade e memória guardam entre si uma estreita relação, mas não podem ser confundidas como sinônimos.

Nesse sentido, é possível perceber que a saudade como categoria analítica aciona afetivamente a memória sobre um passado idealizado, o qual se deseja retornar. A saudade não é vivida somente em foro íntimo e privado. Antes, se trata de uma experiência social que ganha sentido com as relações sociais e que mira um alvo exterior.

À semelhança das pesquisas de Roberto DaMatta (1993), Leonardo Silveira (2007), Mísia Reensik (2003), Adriano Nascimento e Paulo Menandro (2005) e Durval Albuquerque Júnior (2013; 2011; 2006), considero o trabalho do sociólogo francês Maurice Halbwachs (1950/2013) “Memória Coletiva” como pioneiro para os estudos das ciências sociais, de modo que minha proposta não é criar uma nova discussão neste campo. Pelo contrário, busco suporte de outros autores para tentar pensar a memória em relação a saudade.

Maurice Halbwachs (1950/2013) centrou seu pensamento nas relações entre memória e sociedade. Ao refletir sobre a memória coletiva, argumentou que “apelamos aos testemunhos para fortalecer ou debilitar, mas também para completar o que sabemos de um evento do qual já estamos informados de alguma forma”

(1950/2013, p.27). Isso quer dizer que o depoimento carrega um sentido em relação ao grupo, o qual faz parte, ao se tratar de um acontecimento vivido e compartilhado. Por isso mesmo, o depoimento depende do quadro de referência do grupo e do próprio indivíduo.

Durante o curso de minha vida, o grupo de que fazia parte foi o teatro de certo número de acontecimentos, dos quais digo que me lembro, mas que não conheci senão pelos jornais ou depoimentos daqueles que deles participaram diretamente. Ocupam um lugar na memória da nação. Porém eu mesmo não os assisti. Quando os evoco, sou obrigado a confiar inteiramente na memória dos outros. [...] Uma memória emprestada, que não é minha. [...] Por uma parte de minha personalidade, estou engajado no grupo, de modo que nada do que nele ocorre, nada do que o transformou antes que nele entrasse me é completamente estranho. Mas se quiser reconstituir em sua integridade a lembrança de tal acontecimento, seria necessário que juntasse todas as reproduções deformadas e parciais de que é objeto entre os membros do grupo” (HALBWACHS, 1950/2013, p. 54-55).

O autor propõe a noção de memória coletiva, pois a memória é provocada como fenômeno social, ou melhor, como “quadros sociais da memória”. A memória, então, não se refere tão somente a questões de percepção ou fenômenos particulares a cada sujeito, outrossim, se refere à realidade interpessoal de cada grupo ou das instituições sociais.

Nossas lembranças permanecem coletivas e nos são lembradas por outros, ainda que se trate de eventos em que somente nós estivemos envolvidos e objetos que somente nós vimos. Não é preciso que outros estejam presentes, materialmente distintos de nós, porque sempre levamos conosco e em nós certa quantidade de pessoas que não se confundem (HALBWACHS, 1950/2013, p. 30):

O autor defende a ideia de que a memória é social por definição, seja porque é compartilhada em uma língua que é também construção social, seja porque não escapa da produção em contextos sociais. Assim, a memória não se trata de processos de lembrar como uma reprodução do vivido, mas de um refazer a partir das referências de hoje. A memória é trabalho e não um devaneio onírico. O passado tal como aconteceu é inviável de ser lembrado em sua fidelidade realística, uma vez que a lembrança se trata de uma imagem construída com os recursos e materiais que estão disponíveis no presente.

De acordo com o sociólogo francês, a memória pessoal também se alinha à memória do grupo por conta das articulações sociais que o sujeito tem ao longo de sua vida e da memória coletiva dos grupos que já teve experiência. Portanto, penso que a transformação do passado, de acordo com as lentes sociais do presente, permite refletir a saudade como articuladora social e afetiva da memória e não somente como seu componente afetivo, como ressaltaram Adriano Nascimento e Paulo Menandro (2005). É em vias de saudade que as lembranças ganham o tom diferenciado para aquilo que se quer novamente. Não é toda lembrança que é saudosa, mas, certamente, toda saudade exige certa forma de lembrança.

A rememoração pessoal situa-se na encruzilhada das malhas de solidariedades múltiplas dentro das quais estamos engajados, nada escapa à trama sincrônica da existência social atual, e é da combinação destes diversos elementos que pode emergir esta forma que chamamos de lembrança, porque a traduzimos em uma linguagem. [...] Somos arrastados em múltiplas direções, como se a lembrança fosse um ponto de referência que nos permitisse situar em meio à variação contínua dos quadros sociais e da experiência coletiva histórica” (HALBWACHS, 1950/2013, p. 14)

A seletividade da memória, como reforça Halbwachs (1950/2013) parece ser direcionada pela afetividade, seja ela positiva ou negativa. Assim, compreendendo que a saudade está ligada ao amor, é possível dizer que a saudade, enquanto um afeto possível, também tem a propriedade de direcionar sobre quais conteúdos se deve lembrar e quais se deve esquecer. É porque a saudade se trata de uma construção socialmente compartilhada, que aprendemos a sentir saudades (DAMATTA, 1993) e, conseqüentemente, aprendemos quais experiências ou quais passados devemos lembrar e quais devemos esquecer.

É evidente a aposta social de Halbwachs (1950/2013) sobre o lembrar. O processo social da memória não diz de uma pujança do fenômeno externo sobre o interno, ou ainda, do social sobre o pessoal. Trata-se da compreensão de que a própria lembrança é produzida em termos gerais, via linguagem, e que, portanto, são constituídas a partir de uma filiação institucional. É pela sua objetividade e pela transubjetividade desses termos gerais que as imagens perseveram e se atualizam em lembranças. Lembrar implica partilhar lembranças.

Para que nossa memória se auxilie com a dos outros, não basta que eles nos tragam seus depoimentos: é necessário ainda que ela não tenha cessado de concordar com suas memórias e que haja bastante

pontos de contato entre uma e as outras para que a lembrança que nos recordam possa ser reconstruída sobre um fundamento comum. Não é suficiente reconstruir peça por peça a imagem de um acontecimento do passado para se obter uma lembrança. É necessário que esta reconstrução se opere a partir de dados ou de noções comuns que se encontram tanto no nosso espírito como no dos outros, porque elas passam incessantemente desses para aquele, e reciprocamente, o que só é possível se fizeram e continuam a fazer parte de uma mesma sociedade. Somente assim podemos compreender que uma lembrança possa ser ao mesmo tempo reconhecida e construída (HALBWACHS, 1950/2013, p. 34).

Desse modo, o processo psíquico de lembrar se estabelece, segundo o autor, na relação eu-mundo-social, uma vez que a atividade da memória é criativa e é regida pelos princípios da socialização do/a recordador/a e da sociabilidade daquilo que se lembra.

Halbwachs (1950/2013) se torna especialmente importante para o debate sobre saudade e memória pois a primeira pode ser compreendida como uma construção partilhada entre os diferentes grupos sociais, seguindo lógicas narrativas locais que sustentam tanto o que deve ser lembrado como o que deve silenciado, ultrapassando o que seria uma simples adjetivação.

Nesse sentido, a saudade contada em relação a um objeto produz a um só tempo outras lembranças, de modo que, lembrar implica a inserção em um grupo social, um contexto que possibilite sua produção. O processo de contar a saudade é também processo de partilha de lembranças. De acordo com Halbwachs (1950/2013), para que nossa memória, em seu caráter mais fundamental, ou seja, o social, possa ser partilhada é preciso que as memórias sejam construídas sob uma base comum, sob expressões comuns para que possam ser reconhecidas e reconstruídas ao mesmo tempo.

As reflexões de Halbwachs (1950/2013) foram revisitadas pelo historiador francês Pierre Nora (1993) a partir de 1970. Nesse sentido, a diferença entre memória e história tiveram seu argumento fortalecido. O autor parece dar acento à noção de história como narrativa hegemônica e oficial que deslegitima o passado vivido, enquanto a memória é seu oposto, uma atividade que assume o caráter de legitimar o passado. Assim, o termo história-memória, provocado pelo historiador francês, torna-se importante para se referir a ideia de que o passado não é imutável.

Memória e história: longe de serem sinônimos, tomamos consciência que tudo opõe uma a outra. A memória é vida, sempre carregada por grupos vivos e, nesse sentido, ela está em permanente evolução, aberta à dialética da lembrança e do esquecimento, inconsciente de suas transformações sucessivas, vulnerável a todos os usos e manipulações, susceptível de longas latências e de repentinas revitalizações. A história é sempre reconstrução problemática e incompleta do que não existe mais. A memória é um fenômeno sempre atual, um elo vivido no eterno presente; a história, uma representação do passado. Porque afetiva e mágica, a memória [...] se acomoda a detalhes que a confortam [...]; a história, porque operação intelectual e laicizante, demanda análise e discurso crítico. A memória instala a lembrança no sagrado, a história a liberta, e a torna prosaica. A memória emerge de um grupo que ela une, o que quer dizer, como Halbwachs o fez, que há tantas memórias quantos grupos existem (NORA, 1993, p. 09)

O esforço de lembrar pode reviver o passado e o presente se torna “ele próprio, a sua maneira, um passado reconduzido, atualizado, conjurado enquanto presente por esta solda e essa ancoragem” (NORA, 1993, p. 19). O autor buscou compreender como a memória caracteriza o mundo contemporâneo, de modo que contextualizou as transformações históricas que poderiam ser base do sentimento de descontinuidade com o passado e da ameaça de perda de identidades.

Aceleração da história. Para além da metáfora, é preciso ter a noção do que a expressão significa: uma oscilação cada vez mais rápida de um passado definitivamente morto, a percepção global de qualquer coisa desaparecida – uma ruptura de equilíbrio. O arrancar do que ainda sobrou de vivido no calor da tradição, no mutismo do costume, na repetição do ancestral, sob o impulso de um sentimento histórico profundo (NORA, 1993, p. 07).

Uma aproximação firmada pelo autor com Halbwachs (1950/2013) diz respeito ao pressuposto de que a memória tem estreita ligação com a realidade vivida e aos grupos que lhe sustentam. Com o objetivo de relacionar história e memória, Nora (1993) aponta que há estratégias voltadas para a sobrevivência emocional diante do desaparecimento acelerado da tradição, os quais chamou de lugares de memória. De acordo com a definição do autor, esses lugares “são, antes de tudo, restos” (NORA, 1993, p.12), formando uma iniciativa saudosa em um mundo que tem perdido cada vez mais seus rituais.

Daí a noção nostálgica desses empreendimentos de piedade [...] Os lugares de memória nascem e vivem do sentimento de que não há mais memória espontânea, que é preciso criar arquivos, que é preciso

manter aniversários, organizar celebrações, pronunciar elogios fúnebres, notariar atas, porque essas operações não são naturais. [...] Sem vigilância comemorativa, a história depressa os varreia. São bastiões sobre os quais se escoram. Mas, se o que eles defendem não estivesse ameaçado, não se teria, tampouco, a necessidade de construí-los. Se vivêssemos verdadeiramente as lembranças que eles envolvem, eles seriam inúteis. E se, em compensação, a história não se apoderasse deles para deformá-los, transformá-los, sová-los e petrificá-los eles não se tornariam lugares de memória. É este vai-e-vem que os constitui: momentos de história arrancados do movimento da história, mas que lhe são devolvidos. Não mais inteiramente a vida, nem mais inteiramente a morte, como as conchas na praia quando o mar se retira da memória viva (NORA, 1993, p. 13)

Poderia pensar que a produção de lugares de memória no Sertão, como desenho motivado pela saudade, está relacionada com o processo de modernização do campo<sup>6</sup>, no qual os avanços tecnológicos e a popularização dos meios de transporte e de comunicação permitiram o encurtamento das distâncias. Dessa maneira, parece haver certa compressão de espaço e tempo, resultando no aceleração da dinâmica da história. Os lugares de memória, então, apontam para uma disputa pela preservação da memória que se esvai pelas ondas de modernidade, cujo ideário de progresso tende a homogeneizar modos de vida.

Exatamente porque os 'tempos modernos', segundo o autor, aceleram a história que a memória se perde e que os ritos se esvaem. É porque as sociedades-memória estão sendo mundializadas e massificadas que os lugares de memória são o que restam. E, ainda assim, é preciso de certos guardiões, determinadas pessoas que insistem em contar como a memória ocorre e é vivida individual e coletivamente.

Quando a memória não está mais em todo lugar, ela não estaria em lugar nenhum se uma consciência individual, numa decisão solitária, não decidisse dela se encarregar. Menos a memória é vivida coletivamente, mais ela tem necessidade de homens particulares que fazem de si mesmos homens-memória (NORA, 1993, p. 18).

Para Nora (1993), os lugares de memória devem obedecer à lógica da 'vontade de memória' (p.22), pois, caso a intenção de memória inexista, se tratará de lugares de história. Assim, é preciso que essa condição primeira seja atendida e articulada a três sentidos fundamentais: material, simbólico e funcional. O historiador tenciona ao

---

<sup>6</sup> Para uma maior discussão sobre o processo de modernização do campo, conferir o trabalho de Maria de Nazaré Wanderley (2009).

máximo sua acepção. Ainda que se trate de um lugar cuja aparência se revela essencialmente material, como um centro de arquivos, só será um lugar de memória se for banhado simbolicamente. Se for um lugar que se apresente funcional, como um testamento, só será considerado um lugar de memória caso seja considerado como um componente ritual. Em seu extremo simbólico, um minuto de silêncio, por exemplo, só pode ser considerado lugar de memória se for relacionado materialmente a uma unidade de tempo para uma convocação de lembrança.

Penso que a saudade também pode operar como motor para a produção e manutenção de determinados espaços-memória, na medida em que se busca uma referência, um apelo de presentificação do passado. Quando o passado é idealizado e se quer retornar, certamente, é possível entrever o elemento saudoso.

Em minha pesquisa de Mestrado (OLIVEIRA, 2014), busquei investigar as cruzes chantadas em estradas no Sertão quanto à (in)visibilidade da morte. Decerto, as cruzes foram pensadas como componentes de uma economia de salvação em âmbito do catolicismo rústico, como também foram pensadas enquanto redutos de memória e reverência aos mortos. Esse argumento permite pensar que as cruzes também seriam elas mesmas lugares de memória levantados para marcar a saudade e dignificação do morto.

Indo mais além, não só as cruzes, mas também o cemitério, os álbuns de família, os armários repletos de roupas guardadas daquele que já morrera... Todos esses lugares operam de acordo com as três condições discutidas por Nora (1993): material, simbólico e funcional, pois são elementos que constituem 'estratégias de bem lembrar' (OLIVEIRA, 2014) que são construções de origem e de chegada saudosa.

Já o sociólogo austríaco, Michael Pollak (1989), reviu a noção de memória coletiva forjada por Halbwachs (1950/2013), em seu clássico artigo "Memória, esquecimento e silêncio". Para o autor, Halbwachs (1950/2013) parte de uma perspectiva durkheimiana ao considerar a memória coletiva como fato social, cujo aspecto positivo é ressaltado em torno da função de coerência e unicidade do grupo. O desenvolvimento do grupo se daria pela via afetiva, formando então comunidades afetivas, cuja configuração mais completa de uma memória coletiva resulta na memória nacional.

Pollak (1989) vê na proposta de Halbwachs (1950/2013) uma problemática importante, pois o sociólogo pioneiro na tomada social da memória deixara passar

seus aspectos negativos e destrutivos, como a coerção. Assim, Pollak (1989), partindo de uma abordagem construcionista, se preocupa com as memórias marginalizadas, das minorias, com as memórias subterrâneas em disputa com a memória nacional.

Ao contrário de Maurice Halbwachs, ela [abordagem construcionista da memória] acentua o caráter destruidor, uniformizador e opressor da memória coletiva nacional. Por outro lado, essas memórias subterrâneas que prosseguem seu trabalho de subversão no silêncio e de maneira quase imperceptível afloram em momentos de crise em sobressaltos bruscos e exacerbados.<sup>6</sup> A memória entra em disputa. Os objetos de pesquisa são escolhidos de preferência onde existe conflito e competição entre memórias concorrentes. (POLLAK, 1989, p.04).

Para defender seu argumento, Pollak (1989) ilustra com três acontecimentos históricos como a memória nacional também implica destruição, a saber: 1) a reescrita da história em dois momentos fortes da destalinização; 2) o silêncio dos sobreviventes dos campos de concentração que, após serem libertados, retornaram à Alemanha ou à Áustria; 3) a ambiguidade da memória envergonhada dos recrutados a força alsacianos. Embora os três exemplos trabalhados pelo autor não apresentem, à primeira vista, grandes semelhanças, eles guardam entre si a característica fundamental de assistir as dificuldades de agregar as lembranças subterrâneas à memória coletiva da nação.

Mas esses exemplos têm em comum o fato de testemunharem a vivacidade das lembranças individuais e de grupos durante dezenas de anos, e até mesmo séculos. Opondo-se à mais legítima das memórias coletivas, a memória nacional, essas lembranças são transmitidas no quadro familiar, em associações, em redes de sociabilidade afetiva e/ou política. Essas lembranças proibidas (caso dos crimes estalinistas), indizíveis (caso dos deportados) ou vergonhosas (caso dos recrutados à força) são zelosamente guardadas em estruturas de comunicação informais e passam despercebidas pela sociedade englobante.

Pollak (1989) indica zonas de silêncio e 'não-ditos' como componentes das lembranças, cuja linha entre o esquecimento final e o deslocamento para o inconsciente é muito tênue. Por isso mesmo, as lembranças não são estáticas e estão em contínua transformação. O silêncio é delineado pela consternação e angústia de

não poder ser escutado, de ser expiado pelo que se diz, ou pelo menos, de arriscar a mal-entendidos.

Nesse sentido, é possível questionar se as lembranças saudosas contadas no Sertão estão ou não agremiadas à memória coletiva (nacional), quais são os operadores que permitem ou não sua integração e se seus silêncios e esquecimentos dizem de qual memória que se quer obliterar ou remodelar à memória oficial.

Ainda segundo a lógica do austríaco, é possível compreender como o passado ganha cores do presente, tendo em vista os contextos favoráveis ou não às memórias subterrâneas. De acordo com situação, determinadas lembranças irão ocorrer em detrimento de outras. Com isso, o vivido e o aprendido, o vivido e o transmitido prosseguem em contínuo movimento. Essa conclusão pode ser pensada também para toda e qualquer memória, seja saudosa ou não.

No entanto, algumas barreiras precisam ser pensadas em torno das memórias subterrâneas. Por um lado, uma delas é como sua transmissão pode permanecer preservada até a ocasião que lhe seja propícia a emergência, passando do silêncio à contestação. Por outro, trata-se do problema relacionado a memória nacional, à memória coletiva, quanto à sua confiabilidade e ordenação (POLLAK, 1989).

Ainda no que se refere a noção de memória coletiva proposta por Halbwachs (1950/2013), Pollak (1989) considera mais apropriado e mais específico remeter-se ao termo 'memória enquadrada'. Esse termo seria mais adequado por se referir ao trabalho de enquadramento que toda memória está submetida, em função das circunstâncias que lhe permitem ou não ser dita.

O trabalho de enquadramento da memória se alimenta do material fornecido pela história. Esse material pode sem dúvida ser interpretado e combinado a um sem-número de referências associadas; guiado pela preocupação não apenas de manter as fronteiras sociais, mas também de modificá-las, esse trabalho reinterpreta incessantemente o passado em função dos combates do presente e do futuro (POLLAK, 1989, p.11).

Assim, no trabalho de enquadramento, importa o sentido da identidade individual e do grupo. Seguindo o exemplo apresentado pelo autor, uma organização política associa a si própria um passado e uma imagem, de modo que alterar seu passado ou imagem acarretaria graves consequências ou mesmo sua dissipação caso seus membros não pactuassem mais com o novo passado e nova imagem. Sob

essa lógica, o trabalho de enquadramento tem seus protagonistas, isto é, pessoas especializadas, profissionais da história para operar a manutenção ou transformação gradativa de seu passado e imagem.

No caso de pesquisas que consideram a argumentação de Pollak (1989), há de se atentar para a indicação de pessoas a dar seus depoimentos, pois a sugestão, por parte das organizações, tende a ser por pessoas confiáveis, aquelas que assumirão o papel de guardiãs da memória.

Também uma história de vida registrada por uma entrevista oral pode ser entendida como uma memória enquadrada pois que resulta da administração de um balanço contingente, de diversas contradições e tensões. Isso implica dizer que dificilmente as dificuldades apresentadas em uma entrevista são oriundas de problemas de memória ou mesmo esquecimentos. Trata-se de uma ponderação sobre os ganhos e perdas de falar sobre seu passado. Importa saber as condições de fala, seus ouvintes e se a escuta será respeitosa, pois o que está em jogo é a reconstrução da identidade de quem fala e não a simples expressão de acontecimentos factuais. Ainda que se trate de níveis individuais da memória, ela não está nunca dissociada da organização social da vida.

Por fim, em relação a um debate mais específico entre saudade e memória, considero que a saudade emerge como potencia para o não-esquecimento, como resistência a agudeza do tempo, tornando-se memória-afetiva agradável e dolorosa: uma experiência de ausência, que em outros tempos fora presença significativa. Agradável porque é o que permite a sobrevivência social das lembranças, dolorosa porque o passado não voltará. Segundo o psicólogo social Adriano Nascimento (2004, p. 16):

A própria caracterização social de um relato como saudoso pode indicar uma especificidade no conjunto do discurso mnemônico [...] Depreende-se desta constatação que ao mesmo tempo em que o discurso saudoso deve ser entendido em sua particularidade, como articulação qualitativa e afetiva de conteúdos, ele também está sob parâmetros mais gerais do funcionamento da memória social, por exemplo, em seus aspectos de: a) coerência entre as diversas lembranças, b) coerência entre essas lembranças e a manutenção de uma imagem integrada dos grupos e sujeitos que recordam.

A saudade se conecta a uma noção de memória, inaugurando, por isso mesmo, uma categoria analítica que associa determinado passado idealizado à memória. O

passado alvo da saudade já é um passado transformado pela demanda presente, pelos desejos não realizados e, portanto, se trata de uma memória produzida, uma memória social. O sujeito que conta suas saudades é referência da narrativa pretérita para promover certa organização da realidade, de acordo com a memória saudosa.

A aposta teórica é que a saudade, enquanto sentimento partilhado, segue lógicas discursivas que sustentam tanto o que deve ser lembrado como o que deve se silenciado e/ou esquecido. Segundo os psicólogos Nascimento e Menandro (2004, p. 16):

A própria caracterização social de um relato como saudoso pode indicar uma especificidade no conjunto do discurso mnemônico [...] Depreende-se desta constatação que ao mesmo tempo em que o discurso saudoso deve ser entendido em sua particularidade, como articulação qualitativa e afetiva de conteúdos, ele também está sob parâmetros mais gerais do funcionamento da memória social, por exemplo, em seus aspectos de: a) coerência entre as diversas lembranças, b) coerência entre essas lembranças e a manutenção de uma imagem integrada dos grupos e sujeitos que recordam.

Seguindo este argumento, as lembranças de outras pessoas têm uma função de confirmar e de dar continuidade às nossas próprias lembranças ou mesmo de silenciar outras tantas. Desse modo, produzimos lembranças e saudades, ora do que presenciamos e, então, produzimos lembranças, ora daquilo que escutamos e produzimos experiências distintas. Ainda que a lembrança guarde verossimilhança, ela não é uma apreensão da realidade. Outrossim, é também construção da realidade.

Que as lembranças tenham suporte social não significa dizer que são estáticas. As lembranças são produzidas na medida em que a contamos, de acordo com o contexto no qual ela é articulada. Assim, pode-se admitir, tomando como força teórica o argumento de Nascimento e Menandro (2004) que a saudade é compartilhada socialmente, cuja lembrança expõe não só o problema do que deve ser lembrado e daquilo de que não se deve ter saudades e se produzir lembranças. A força simbólica das lembranças se dá justamente pelo seu caráter de produção de sujeitos e relações sociais.

### 3 SOBRE O DESENHO METODOLÓGICO: UM BORDADO DE MUITAS LINHAS

Enquanto trabalhamos no espaço tridimensional da pesquisa (com) narrativa(s), aprendemos a olhar para nós mesmos como sempre no entremeio – localizado em algum lugar ao longo das dimensões do tempo, do espaço, do pessoal e do social. Mas nos encontramos no entremeio também em outro sentido, isto é, encontramos-nos no meio de um conjunto de histórias – as nossas e as de outras pessoas (CLANDININ, CONNELLY, 2011, p. 99).

Assim como os educadores canadenses D. Jean Clandinin e F. Michael Connelly (2011) refletem sobre a posição de entremeio que é própria ao pesquisador/a narrativo/a, ou ainda, ao pesquisador/a que propõe suas investigações com narrativas, este é um trabalho bordado por muitas histórias e muitas saudades no Sertão de Pernambuco. Nesse sentido, a proposta de pesquisa voltou-se não só para os sentimentos nostálgicos que a saudade suscita, enquanto objeto e categoria de análise, mas por seu enredamento social e condições de produção narrativa

Decerto, a escolha por uma abordagem qualitativa de pesquisa com narrativas foi uma forma de dar conta de estratégias que considerassem a saudade em sua complexidade de construção no Sertão de Pernambuco. A partir de meu objeto de estudo, as histórias de saudade, o trabalho de campo realizado no Sertão de Pernambuco procurou responder a importantes questões de pesquisa: Quais os sentidos da saudade contados em narrativas de homens e mulheres rurais do Sertão de Pernambuco? Como as narrativas de saudade acionam outras categorias de análise? Quais são as histórias de saudade que são faladas e quais são silenciadas?

Para tanto, à semelhança da pesquisa que realizei no Sertão por ocasião do mestrado (OLIVEIRA, 2014), perseverei em um posicionamento no qual minhas perguntas de pesquisa e desenho metodológico me evidenciaram como *bricoleur* (DENZIN, LINCOLN, 2006). O bordado analítico das histórias de saudade produzidas no Sertão me possibilitou a utilização de diferentes ferramentas de pesquisa, como observação de inspiração etnográfica, conversas, diários de campo, fotografias e entrevistas narrativas.

Como *bricoleur* [...], o pesquisador qualitativo utiliza as ferramentas estéticas e materiais do seu ofício, empregando efetivamente quaisquer estratégias, métodos ou materiais empíricos que estejam ao seu alcance. Havendo necessidade de que novas ferramentas ou técnicas sejam inventadas ou reunidas, assim o pesquisador o fará.

[...] A escolha das práticas da pesquisa depende das perguntas que são feitas, e as perguntas dependem de seu contexto, do que está disponível no contexto e do que o pesquisador pode fazer naquele cenário (2006, p. 18).

É possível, então, relacionar a postura de *bricoleur* proposta por pelos pesquisadores norte-americanos Norman Denzin e Yvonna Lincoln (2006) com o posicionamento dos canadenses Clandinin e Connelly (2011) sobre a produção de textos de pesquisa narrativa, pois os registros de investigação podem ser compostos por inúmeras fontes, como diários de campo, fotografias, conversas, entrevistas, dentre outras. Se é premente a necessidade de se questionar politicamente o uso de textos de campo, preciso investigar os possíveis sentidos que delineiam uma pesquisa com narrativas de saudade, seu desenho metodológico e instrumentos de pesquisa para mim mesma, para os narradores/as e para o campo de pesquisa como um todo.

A fim de tornar a jornada de pesquisa inteligível para os/as leitores/as e para a comunidade acadêmica, a seguir apresento minhas filiações teórico-metodológicas, as ferramentas utilizadas e a descrição do processo de produção de dados.

### 3.1 DA PESQUISA COM NARRATIVAS

Antes de tudo, é preciso dizer que não realizo um estudo sobre a narrativa de saudade no Sertão de Pernambuco, uma vez que não me proponho a analisar a narrativa hegemônica ou formalista sobre a saudade (CLANDININ, CONNELLY, 2011). Outrossim, me dedico a um estudo com narrativas da saudade, ou seja, prezo por refletir sobre as condições de produção e de contação de histórias por homens e mulheres rurais que versam o tema central da saudade em suas vidas.

Cabe, então, explicar que considero as narrativas a partir da contação de histórias<sup>7</sup>, as quais são investigadas como artefatos sociais que dizem muito sobre como a sociedade e a cultura atuam sobre determinada pessoa ou grupo. Por isso mesmo, me posicionei como uma pesquisadora que esteve atenta à própria participação ativa no texto. As narrativas são pensadas como um conjugado de

---

7 Em inglês, o termo *story* deve ser considerado de maneira específica em relação ao termo *history*. Na língua portuguesa, a diferenciação é menos notória em seu uso cotidiano, de modo que artigos científicos com referência narrativa utilizam com maior frequência o termo “história” ao invés de “estória”. Neste estudo, à semelhança de Kind (2012), tomarei como tradução do original *story* o termo em português “história” como correspondente.

arcabouços linguísticos e psicológicos que são produzidos socialmente e culturalmente (BROCKMEIER; HARRÉ, 2003).

A partir das considerações da socióloga Catherine Riessman (2008), considero as narrativas como uma forma específica de montagem de histórias que fazem relação à singularidade do/a narrador/a no que corresponde à organização de uma sequência de eventos e seus efeitos como algo único de cada sujeito. As narrativas são singulares e coletivas ao mesmo tempo, pois são expressões compartilhadas que permitem uma análise da construção social da narrativa do/a narrador/a como também dos próprios grupos sociais em relação a como eles se percebem e se descrevem.

De acordo com a autora, embora a narrativa seja singular à cada narrador/a e esteja presente em todos os lugares, é preciso que uma fala narrativa compreenda um comprometimento do/a narrador/a com a história contada. É preciso que o/a narrador/a se implique na história que conta a partir de algumas características textuais, como personagens, enredo e temporalidade. Aliados a essas três características, é preciso considerar o repertório local e o contexto cultural nos quais as narrativas são produzidas, de modo a complexificar a análise narrativa em pesquisas qualitativas. Assim, a abordagem narrativa tem uma dimensão que pode ser considerada como híbrida, pois transborda os limites da análise narrativa do texto escrito ou mesmo da transcrição das entrevistas realizadas.

Os sociólogos Jaber Gubrium e James Holstein (2009) parecem colaborar com as discussões levantadas por Riessman (2008) e consideram que as narrativas podem ser histórias que produzem sujeitos, textos, informações e autoridade. As histórias versam sobre as nossas vidas, sobre o mundo e seus eventos, além de serem parte da sociedade e que, portanto, se pode considerar uma dimensão de vida social das histórias. Segundo os autores:

São as dimensões práticas da narratividade que destacamos e o apelo por uma forma de análise e procedimentos de pesquisa relacionados que nos levam para fora das histórias e de suas relações verídicas com contadores de histórias e experiências. O método de escolha pode ser chamado de “etnografia narrativa”, ou seja, o estudo etnográfico das histórias (GUBRIUM; HOLSTEIN, 2009, p. 22. Tradução livre.)<sup>8</sup>.

---

<sup>8</sup> “*It is the practical dimensions of narrativity that we spotlight and the call for a form of analysis and related research procedure that take us outside of stories and their veridical relationship to storytellers and experience. The method of choice might be called “narrative ethnography”, that is, the ethnographic study of stories*” (GUBRIUM; HOLSTEIN, 2009, p. 22).

Nesse sentido, para pensar uma pesquisa com narrativas, considero a proposta de Gubrium e Holstein (2009) sobre os conceitos de etnografia narrativa e de realidade narrativa como fundamentais para compreender como as histórias sobre a saudade são acionadas e como articulam outras categorias de análise no Sertão. Assim, partilhando da proposta dos autores, é possível definir a etnografia narrativa como um estudo etnográfico de histórias. Para esta pesquisa, isso significa dizer que importou compreender como são as histórias cuja categoria de análise saudade pôde ser contada no Sertão de Pernambuco, pois a abordagem se concentrara na atividade narrativa cotidiana desdobrada em uma interação situada. A etnografia narrativa me direcionou para conversas e interações no Sertão que moldaram histórias de saudade.

A partir das contribuições dos autores, posso dizer ainda que a etnografia narrativa tratou-se de um método de procedimento e de análise que envolvia uma investigação esmiuçada das circunstâncias, seus narradores/as (*storytellers*) e ações no processo de formulação e expressão de histórias. Certamente, para realizar um estudo com essa configuração foi necessária observação direta em campo e atenção à formação das histórias, isto é, das saudades narradas.

Nesse sentido, o conceito de realidade narrativa possibilita uma reflexão teórica e empírica que funciona para especificar o campo analítico e para chamar a atenção para um objeto de investigação. O empreendimento metodológico deste tipo de pesquisa é norteado, então, pelo caráter social das produções de narrativas como produtoras da vida em sociedade. Embora leituras psicológicas apresentem certa tendência a ressaltar a experiência vivida pelos sujeitos ou ainda os “domínios da experiência humana”, os autores atentam que “histórias são reunidas e contadas a alguém, em algum momento, para diferentes propósitos, e com uma variedade de consequências” (GUBRIUM; HOLSTEIN, 2009, p.10, Tradução livre)<sup>9</sup>.

Penso que a possibilidade de estar nas cenas de construção e de contação de histórias permitiu uma abertura de horizonte para entender a realidade narrativa sobre a saudade no Sertão. Com isso, o contexto de produção de histórias foi considerado como parte fundamental que compõe o próprio exercício de narratividade, isto é, a produção narrativa de saudade que produz também determinada forma de vida em sociedade no Sertão. O posicionamento em que me mantive alerta buscou examinar

---

<sup>9</sup> “*stories are assembled and told to someone, somewhere, at some time, for diferente purposes, and with a variety of consequences*” (GUBRIUM; HOLSTEIN, 2009, p.10)

a organização narrativa tendo em vista a conjuntura em que as histórias foram reunidas, contadas, não contadas ou mesmo esquecidas.

Por isso, a consideração de pequenas contingências do dia a dia podem montar certa forma de ser dos narradores/as foi imprescindível. Foi preciso ouvir atentamente e tomar nota sobre a maneira pela qual as histórias foram forjadas e considerar as preferências dos narradores/as em circunstâncias específicas. A atenção da pesquisadora esteve voltada para identificar a possibilidade das ocasiões narrativas terem histórias privilegiadas (GUBRIUM, HOLSTEIN, 2009).

Assim, o campo empírico da realidade narrativa centrou-se na reflexividade do trabalho narrativo e seus ambientes. Para Gubrium e Holstein (2009), há duas formas de iniciar o trabalho de campo: a primeira se dá pela escolha do trabalho diário de montar e comunicar histórias, a qual serve para desenhar a questão sobre como as histórias são construídas. Já a segunda escolha se dá pela ênfase dos componentes operacionais da realidade narrativa, ou seja, dos contextos e ambientes narrativos, a qual atenderia a questão de quais significados, compreensões e contingências os/as narradores/as empreendem.

A análise da realidade narrativa requereu uma suspensão dos/as pesquisadoras/as que opera de modo diferente daquela realizada em pesquisas fenomenológicas. Deixe que explique, nas pesquisas narrativas, o distanciamento recomendado por Gubrium e Holstein (2009) diz respeito a colocar entre parêntesis (“*analytic bracketing*”) os temas de interesse para que os demais possam ser percebidos em sua integralidade. O que se coloca entre parêntesis seriam os “o quês” (“*whats*”) da pesquisa narrativa, os assuntos que se investigam nas histórias, para que outros também possam emergir dela.

Seguindo essa lógica os autores ressaltam dois tipos de terreno para a pesquisa narrativa: o interativo e o situacional. Ressalta-se o terreno interativo, quando se utilizar a estratégia da suspensão analítica e, conseqüentemente, quando se multiplica o surgimento de outros temas. Assim, pode-se identificar com maior escopo os ‘comos’ (“*hows*”) do processo de formação de narrativas. Neste caso, o trabalho de campo precisa ser atentamente registrado, uma vez que o foco da análise deve ultrapassar a organização textual das narrativas. Deve-se prestar atenção ao que provoca, altera ou integra os textos narrativos.

Já o acento ao terreno situacional implica habilidade metodológica sobre aquilo que permite aos narradores/as contar uma história, marcar início, meio e fim, de modo

a torná-la compreensível para si e para as outras pessoas. Isso implica dizer que a produção de narrativas não aparece isoladamente ou num vazio institucional e histórico. “O trabalho narrativo toma lugar em tempo real, em lugares concretos, muitas vezes em relação a demandas interpretativas especializadas, utilizando vocabulários e conhecimentos distintos” (GUBRIUM, HOLSTEIN, p. 32, Tradução livre)<sup>10</sup>.

Ao considerar os terrenos interacionais e situacionais, o processo de produção de dados carece de grande cuidado de registro, sendo o pesquisador/a responsável por documentar os dados. Segundo Gubrium e Holstein, assim como para Riessman (1993), é interessante produzir registros gravados, seja em áudio ou vídeo, o mais próximo possível de como os sujeitos puderam contar suas histórias. Notadamente, além do material gravado, notas de campo são indispensáveis para manter o máximo de detalhes contextuais e contingenciais do momento já de produção de narrativas.

É importante dizer que o terreno situacional considera a audiência para a qual a narrativa será endereçada ou ainda para quem ela pode ser válida. Nesse ponto, é possível pensar um diálogo metodológico sobre a proposta de etnografia narrativa dos autores norte-americanos e da proposta de compreensão de história oral de Daphne Patai (2011). Para Patai (2011), o senso de audiência é a própria pesquisadora, o que orienta a produção de narrativas para os propósitos específicos do estudo em questão. Essa contação de histórias para a pesquisadora também assume uma dimensão política singular, uma vez que se trata ainda de uma ‘escuta especializada’.

Argumentar que a narrativa é (re)inventada no processo de pesquisa faz referência não só ao seu caráter ficcional por natureza conceitual, mas à legitimação acadêmica daquilo que é contado e que é vivido nos intertextos científicos. Por isso mesmo, a participação da pesquisadora foi considerada nas análises, pois uma entrevista precisa ser compreendida como uma situação interativa que produz narrativa. A pesquisadora, portanto, participou ativamente da construção narrativa.

Neste ponto, o trabalho de D. Jean Clandinin e F. Michael Connelly (2011, p. 80) se apresenta como oportuno para refletir sobre o lugar da pesquisadora na investigação narrativa, pois “os pesquisadores precisam reconstruir sua própria narrativa de histórias de pesquisa e estarem alertas para possíveis tensões entre aquelas histórias narrativas e a pesquisa narrativa que desenvolvem”.

---

<sup>10</sup> “*Narrative work takes a place in a real time, in concrete places, often in relation to specialized interpretive demands, utilizing distinctive vocabularies and knowledge*” (GUBRIUM, HOLSTEIN, p. 32).

Um ponto de tensão evidenciado pelos autores diz respeito aos lugares dos narradores/as e da pesquisadora, uma vez que remetem a corporificações de histórias vividas, que constituem e são constituídas por narrativas sociais e culturais. Portanto, procurei permanecer atenta às histórias narrativas que encontrei e à pesquisa que se desenvolveu. Tratou-se de um cuidado de preservar eticamente minhas próprias narrativas em consonância com as dos narradores/as e os interesses de pesquisa.

Desse modo, analisar o intertexto que fundamenta este trabalho até a forma pela qual a argumentação é organizada implica reconhecer que a pesquisa é também uma produção narrativa, cuja apresentação é textual e escrita. Assim, a construção de narrativas de experiências vividas implica uma reflexão contínua sobre “o viver, o contar, reviver e recontar de uma história de vida” (CLANDININ, CONNELLY, 2011, p. 108).

A pesquisa com narrativas trata, então, de uma pesquisa relacional tanto porque envolve a própria pesquisadora e os/as narradores/as, como porque permite uma movimentação incessante do campo para o texto e do texto para o campo de pesquisa. Pesquisadora e narradores/as são convidados, em todo e qualquer tempo, a atuarem sobre suas capacidades de afetar e serem afetados e a fundarem novas maneiras de sentir e contar histórias.

Desse modo, foi preciso que, enquanto pesquisadora, estivesse disponível para mergulhar nas histórias dos atores sociais que encontrei e de me tornar parte da paisagem da pesquisa. Isto implica lidar com a teia de relações e negociações desde o início até o final do processo de pesquisa. É válido também registrar que foi necessário reconstruir minhas próprias narrativas de pesquisa e estar alerta para as possíveis tensões entre as histórias narrativas produzidas por ocasião da pesquisa e a pesquisa com narrativas que desenvolvi.

### 3.2 DAS FERRAMENTAS UTILIZADAS

Saber-me como pesquisadora, movida pela etnografia narrativa, voltada para a investigação de histórias de saudade no Sertão de Pernambuco exigiu que utilizasse diferentes instrumentos de pesquisa, ao mesmo passo, que exigiu também uma reflexão contínua sobre o uso crítico dessas ferramentas. O emprego da observação com inspiração etnográfica, fotografias, diário de campo, conversas e entrevista narrativa foi fundamental para que pudesse produzir dados sobre a saudade.

Nesse sentido, não procurei sobre a narrativa verdadeira sobre a saudade e, sim, narrativas de saudade que compusessem o que tenho chamado de bordado analítico. O que quero dizer é que reconhecer-me com um posicionamento narrativo implicou uma colocação ativa na pesquisa e na produção de histórias sobre a saudade de tal modo que busquei narrativas, histórias de saudade, que me permitissem percorrer um emaranhado de diferentes linhas e composições. A seguir, refletirei sobre as ferramentas que utilizei e descreverei como cada uma delas foi empregada nesta pesquisa.

- **Entrevista narrativa**

A entrevista narrativa, segundo o psicólogo e sociólogo Uwe Flick (2009, p. 164), se trata de uma alternativa às entrevistas semiestruturadas pois permitem aos sujeitos narrarem seu mundo empírico de maneira mais ampla. Nesse sentido, o uso de entrevistas narrativas foi uma decisão importante como possibilidade de construção da saudade como objeto empírico através das histórias contadas pelos/as narradores/as. O princípio básico de produção de dados pode ser descrito como um pedido aos participantes da pesquisa que narrem, de maneira improvisada, histórias relacionadas com o interesse da pesquisa. A empreitada do pesquisador/a é produzir, junto aos narradores/as, histórias que acionem os objetivos de pesquisa com histórias consistentes que contemplem eventos relevantes da vida do sujeito.

Flick (2009) apresenta reflexões sobre os elementos das entrevistas narrativas a partir de dois estágios que podem ser compreendidos durante a realização da própria entrevista. Assim, o início da entrevista deve se dar por uma “pergunta gerativa de narrativa” que se volta para o tema de estudo e que tem por objetivo instigar a narrativa principal do/a narrador/a. Já no segundo estágio, é possível aprofundar a investigação da narrativa sobre trechos que, eventualmente, não foram detalhados. Desse modo, podem ser realizadas perguntas que convidem o narrador/a a produzir maiores descrições e explicações sobre as histórias contadas. De acordo com o autor,

Se a intenção for fazer surgir uma narrativa que seja relevante para a questão de pesquisa, deve-se formular a pergunta gerativa de narrativa com clareza, mas que esta seja, ao mesmo tempo, específica o suficiente para que o domínio experimental interessante seja adotado como tema central. [...] É fundamental certificar-se de que a

questão narrativa seja realmente uma questão narrativa (FLICK, 2009, p 165).

Com isso, a questão gerativa de narrativa desta pesquisa foi realizada com as seguintes orientações: “O senhor/a poderia me contar como a saudade tem aparecido ao longo da sua vida? O senhor/a pode fazer isso me contando sobre suas experiências com a saudade desde quando era pequeno/a até os dias de hoje? O senhor/a pode levar o tempo que for preciso para isso, podendo também dar detalhes, pois tudo o que for importante para o senhor/a é importante para mim. Não se preocupe com certo e errado. Eu gostaria mesmo é de ouvir as histórias de sua vida em que a saudade esteve presente”.

Para permitir que a fala dos/as narradores/as fluísse sem interrupções, procurei realizar as entrevistas em um lugar que lhes fosse conveniente e seguro o suficiente para contar suas histórias e preservar seu sigilo e espontaneidade. Por isso, busquei me manter na qualidade de “ouvinte ativa” (FLICK, 2009, p. 166) e estimulei o/a narrador/a a concluir suas histórias a partir das sinalizações de reforço, como “*hunrum*”, a fim de comunicar uma compreensão empática com a história narrada e com o ponto de vista do/a narrador/a.

Durante todos os estágios da pesquisa narrativa, sobretudo estágio da questão gerativa de narrativa, foi fundamental identificar quando uma história é finalizada, Flick (2009) sugere o reconhecimento de “codas”, isto é, um trecho conclusivo de uma composição que serve de desfecho à história. Nesta pesquisa, alguns exemplos de coda puderam ser identificados como: “Eu acho que é isso”, ou ainda, “Então, pronto, foi assim”.

Já no segundo estágio da entrevista narrativa, o estágio dos questionamentos, as perguntas devem ser introduzidas a partir da contextualização dos fragmentos a serem aprofundados. Por exemplo, “O senhor/a me contou sobre essa experiência de sua vida. Não entendi bem como essa experiência aconteceu. O senhor/a poderia me contar essa história com um pouco mais de detalhes?”. Por ocasião do segundo estágio da entrevista narrativa, Flick (2009) sugere a ênfase em perguntas do tipo “Como” a fim de ampliar o escopo descritivo das histórias, para então complementá-las com outras perguntas do tipo “Por que”, a fim de produzir explicações e argumentações sobre o que aconteceu com narrador/a.

Importa ainda considerar o que Flick (2009) denominou de constrangimentos narrativos. Esse fenômeno, segundo o autor, ocorre quando o/a narrador/a fica

emaranhado e está envolvido na situação de pesquisa após ter começado uma narrativa. Os constrangimentos são o constrangimento de fechamento de *gestalt*, o constrangimento da condensação e o constrangimento do detalhamento.

O primeiro faz com que o narrador encerre uma narrativa que ele já tenha iniciado. O segundo e terceiro exigem que apenas aquilo que for necessário para a compreensão do processo na história faça parte da apresentação. A história é condensada não apenas devido a limitação de tempo, mas também para que o ouvinte seja capaz de entendê-la e acompanhá-la (FLICK, 2009, p. 167).

No mais, esses constrangimentos, puderam ser superados, ainda que parcialmente, através das técnicas de entrevista narrativa, pois a narrativa é composta de certa independência quando contada, tem a potência de apresentar mais sobre as vidas dos/as narradores/as do que necessariamente aquilo que eles/as teorizam sobre si mesmos/as e sobre suas vidas e apresentam uma íntima relação entre narrativa e experiência pois essas últimas são relatadas a partir do ponto de vista do próprio/a narrador/a sobre como foram suas vivências.

- **Observação de inspiração etnográfica e conversas no cotidiano**

Para realizar as chamadas negociações de transição sobre a entrada, imersão e saída de campo (CLANDININ, CONNELLY, 2011), a observação de inspiração etnográfica foi uma técnica de pesquisa fundamental para estabelecer uma relação mais próxima com os/as narradores/as em seu dia a dia e, assim, estimular a produção de histórias de saudade no Sertão.

Ressalto, que a observação que pude realizar e tomar nota foi considerada próxima à etnográfica, pois conjugou uma jornada de contato direto com narradores/as, em seu próprio contexto, para a produção de histórias de saudade e, assim, facilitou a constituição de uma relação face a face entre pesquisadora e narradores/as.

De acordo com as antropólogas Stéphane Beaud e Florence Weber (2014), a observação etnográfica se sustenta sobre a tessitura entrelaçada de três técnicas: perceber, memorizar e anotar, de modo que não há observação etnográfica sem que haja seu registro escrito ou mesmo fotográfico.

Para as autoras, a observação “pura” deve ser evitada para que não hajam contrassensos sobre a interpretação do/a pesquisador/a. Outrossim, a observação precisa ser tecida juntamente com o trabalho de entrevistas, devendo seguir quatro fases: i) Negociar seu lugar; ii) *In Situ*; iii) Escrever e Analisar; e por fim, iv) Controlar.

Na primeira fase, deve-se encontrar um lugar de observação que precisa ser negociado na entrevista para colocar em ação uma colaboração entre pesquisadora e narradores/as. Na segunda fase, a observação deve ser realizada *in situ*, de modo que a observadora pode intervir como participante se preciso ou como pesquisadora. Nesse momento, cabe o exercício da percepção e da memorização. A condução da entrevista, ela mesma é uma intervenção da pesquisadora, na qual é preciso registrar e observar.

Já na terceira fase, deve-se anotar a observação, podendo ter suporte em documentos recolhidos ou repertoriados. Em relação às entrevistas, é a fase de transcrição, de coloca-las em fichas, analisa-las e relacioná-las com elementos exteriores a elas, como as práticas observadas. Finalmente, na quarta fase, é possível entrevistar, mais uma vez, os participantes a fim de reiterar a observação e comparar diferentes acontecimentos. É a oportunidade de rever a pessoa e completar as informações faltantes.

Nesse sentido, a observação de inspiração etnográfica que empreendi esteve atenta para as interações que pude testemunhar ou participar no decorrer da pesquisa nos lugares onde as entrevistas narrativas foram realizadas. Para Beaud e Weber (2014, p. 108),

A técnica básica (de observação) é a mesma em toda a parte. A interação, no entanto, ao contrário da cerimônia, não foi preparada nem anunciada. Na melhor situação, você tem um encontro em tal hora e em tal lugar. Pode ser, também, perfeitamente imprevisto. Primeiro corolário: é bem mais difícil decidir quando ela começa e quando termina. Segundo corolário: é bem mais difícil dar-lhe um nome, pois não passam de ‘encontros’ entre pessoas que se conhecem (interação pessoal) ou entre desconhecidos definidos por uma função (interação anônima).

Outra sugestão das autoras é que as entrevistas sejam realizadas em duplas, para que um/a pesquisador/a esteja atento/a a condução da entrevista e o/a outro/a voltado/a para a observação. Assim, ao primeiro pesquisador/a não seria permitido descentrar de seu interlocutor, enquanto o/a segundo/a poderia ficar liberado/a dessa

função e atentar para observar a cena em seu contexto, os outros participantes e a atitude dos/as próprios/as pesquisadores/as.

Notadamente, as observações e entrevistas desta pesquisa foram realizadas somente por mim, tendo então ocupado esse duplo lugar de observadora e entrevistadora narrativa. Devo então referir que minhas anotações de campo foram realizadas a partir desse contexto de produção de dados. Desde uma entrevista e observação solitárias, a tarefa de percepção, memorização e anotação foi exercitada desde minha pesquisa de mestrado (OLIVEIRA, 2014).

Assim, a observação foi realizada, geralmente, à mesa, quando os/as narradores/as me recebiam e/ou se despediam de mim, juntamente com seus familiares e amigos/as, e eram servidos café, bolo, pamonha ou angu. As interações foram situadas em seus lares, seja na roça ou na rua, ou ainda no Sindicato de Trabalhadores Rurais de Santa Cruz da Baixa Verde. Esses foram momentos privilegiados de conversas e de interação que permitiram certa continuidade de produção de dados sobre a saudade, compreendido em interações entre os familiares, amigos e a própria pesquisadora.

Desse modo, tomo como referência as considerações das psicólogas sociais Mary Jane Spink e Vera Menegon (1999) sobre as conversas como uma fonte importante para a construção de dados em pesquisa, uma vez que se tratam de um meio que viabiliza a produção de sentidos e de posicionamentos nas relações que se estabelecem e se (re)produzem no cotidiano.

Assim, nas ocasiões em que pude estar em contato com os/as narradores/as, seus familiares e/ou amigos/as, procurei observar as interações e as conversas entre eles e comigo, de modo que as conversas geradas foram consideradas com produções no cotidiano que funcionaram como mais um recurso de pesquisa que facilita a aproximação e o conhecimento entre a pesquisadora e os/as narradores/as e os enredamentos narrativos que envolvem a saudade.

Foram exatamente as conversas que compuseram minhas anotações de observação e de campo no Sertão e que me permitiram alargar o horizonte de produção de dados e delinear com mais elementos a saudade enquanto objeto empírico.

- **Anotações de pesquisa: diário de campo e fotografias**

Durante toda a pesquisa de campo, tomei nota das entrevistas narrativas, observações, conversas e afetações de campo, de tal modo que produzi um material de notas de pesquisa que agremiou textos, desenhos, audiografações e fotografias. Esse material, o qual chamarei de maneira unificada como 'diário de campo', foi produzido processualmente dia após dia de pesquisa.

Em diálogo com os psicólogos sociais Benedito Medrado, Mary Jane Spink e Ricardo Mélo (2014), estive em campo com minhas ferramentas de pesquisa não de modo solitário, mas com instrumentos que, além de terem sua finalidade voltada para a produção de dados, funcionaram como companheiros-atuantes da pesquisa. Com o auxílio reflexivo dos autores, minha investitura nessas ferramentas buscou ultrapassar o mito da "solidão" do/a pesquisador/a durante o processo de investigação e escrita científicas, pois o diário de campo pôde ser (re)pensado continuamente como atuante.

O diário, como afirmamos, é um atuante: com ele e nele a pesquisa começa a ter certa fluidez, à medida que o pesquisador dialoga com esse diário, construindo relatos, dúvidas, impressões que produzem o que nominamos de pesquisa. Esse companheirismo rompe com o binarismo sujeito-objeto, tornando o diário também um ator/atuante que permite a potencialização da pesquisa. Ao invés de atores contrapostos (pesquisador/pesquisado;técnicas/instrumentos; tema/objetivo), temos na pesquisa uma conjugação de fluxos em agenciamentos coletivos produzindo a própria ação de pesquisar (MEDRADO, SPINK, MÉLLO, 2014, p. 278)

Ainda de acordo com os autores, o diário de campo pode assumir três funcionalidades: a) Diários como atuantes na pesquisa, b) Diários como estratégia de adensamento das análises; c) Diários como texto que compõe o *corpus* de análise. Nesse sentido, tomei meu diário com esse triplo objetivo, porquanto inúmeras páginas rascunhadas, grifadas, desenhadas e escritas acolheram minhas afetações, impressões de campo e subsidiaram minhas primeiras inscrições analíticas.

No que se refere à composição do diário, é preciso descrever como cada modalidade de registro foi feita e os sentidos que ela assumiu na pesquisa. As fotografias que foram produzidas guardaram sentido semelhantes àqueles apresentados em minha pesquisa de Mestrado (OLIVEIRA, 2012), uma vez que

atuaram como um modo de notação traduzido em um texto de campo. Resgatando as considerações de Clandinin e Connelly (2004/2011, p. 157), as fotografias que apresento são propostas como 'caixas de memórias', cuja configuração dispõe de minha perspectiva, enquanto pesquisadora em campo. Assim, as fotografias foram consideradas como objeto atuante que compõe o diário de campo e que apresenta mais um modo de interpretação<sup>11</sup>.

Assim, quando se tratou de fotografias que incluíam pessoas ou lugares privados, foi negociado um Termo de Consentimento de Imagem (APÊNDICE B) para que os/as narradores/as pudessem ficar cientes do uso ético e restrito à pesquisa e produções científicas daquelas imagens.

Já meus registros audiogravados foram realizados quando algum acontecimento, afetação ou reflexões de análise aconteciam em campo e exigiam um registro mais rápido. As audiografações foram realizadas em um lugar discreto e isolado, respeitando o sigilo quanto às minhas próprias impressões no campo. Por fim, o caderno com anotações textuais e desenhos foram elaborados sempre ao final do dia, quando retornava para a pousada na qual fiquei hospedada. Neste caderno, pude complementar e retomar em detalhes os tópicos registrados em áudio.

Diante de tantos dados produzidos e acumulados em forma de notas de pesquisa, a organização deste material foi árdua. Através de tantos registros, pude refletir sobre as viagens de campo, a forma pela qual as relações entre mim e os narradores/as foram se modificando ao longo do tempo e os rumos metodológicos a serem tomados ou atualizados.

Por fim, de acordo com a antropóloga Florence Weber (2009), não bastasse tamanho exercício reflexivo sobre a produção de pesquisa, o diário de campo possibilitou ainda um processo de "autoanálise", isto é, viabilizou minha autoavaliação sobre o processo de autocensura e de categorização de importância de registro em relação ao que seria ou não escrito no diário de campo.

---

<sup>11</sup> Inicialmente, a produção de fotografias foi vista como possibilidade de produção de narrativas visuais sobre a saudade a partir das lentes de cada narrador/a. Assim, as viagens de campo previram, pelo menos, dois contatos com cada participante. O primeiro para a entrevista narrativa e convite de produção de fotografias da saudade e o segundo para falar sobre as narrativas visuais produzidas. Embora as fotografias e as 'entrevistas fotográficas' (FLICK, 2009) tenham sido realizadas, não foi possível realizar as análises desse material devido a dificuldades de agenda entre os prazos de pesquisa e o trabalho da pesquisadora.

### 3.3 DO SERTÃO QUE PUDE OUVIR HISTÓRIAS

Apresentar o lugar da pesquisa é, numa via de mão dupla, situar o/a leitor/a sobre a caracterização objetiva do campo como também refletir sobre o percurso de pesquisa construído nesse cenário. As histórias de saudade que pude construir juntamente com os narradores/as para esta pesquisa ocorreram sob o contexto do município de Santa Cruz da Baixa Verde – PE, seus sítios, ruas e Sindicato de Trabalhadores Rurais.

Um município que fora cenário de meu primeiro contato com pesquisas no Sertão (CORDEIRO, 2011b; OLIVEIRA, 2014) e destino o qual retornei para analisar como as histórias de saudade articulam um modo de vida rural e acionam outras categorias de análise.

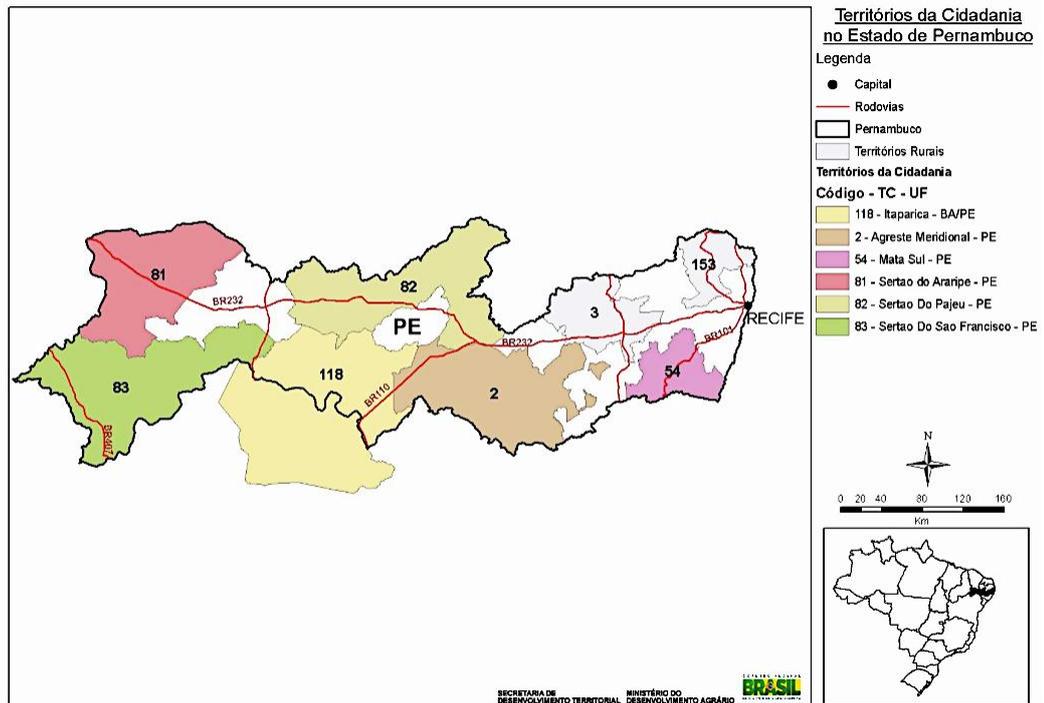
Se por um lado, apresentarei Santa Cruz a partir de sua caracterização objetiva, seguindo os dados e estimativas do último Censo de 2010 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE (BRASIL, 2017). Por outro, apresentarei Santa Cruz como cenário vivo de saudades, onde pude percorrer tantas estradas de chão e de asfalto para fazer histórias de saudade. Uma Santa Cruz que foi chegada, caminho e partida da pesquisa.

#### **3.3.1 Santa Cruz da Baixa Verde**

De acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE (BRASIL, 2017), o município de Santa Cruz da Baixa Verde é considerado como a capital mundial da rapadura e foi criado em 01 de outubro de 1991, pela Lei estadual de nº 10.620, quando foi desmembrado do município de Triunfo. Administrativamente, o município é composto pelo distrito sede e pela Vila de Jatiúca e sítios circunvizinhos.

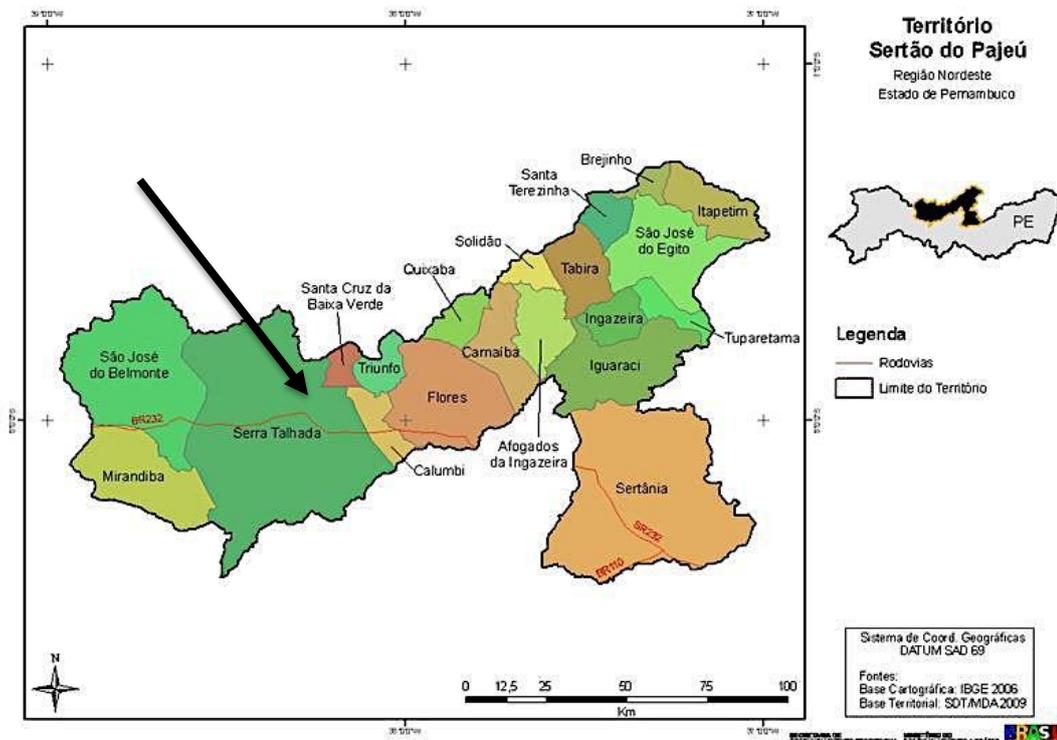
Está a aproximadamente 437km de distância da cidade do Recife. Possui uma área de 90,8 Km<sup>2</sup>, está localizado na mesorregião do Sertão Pernambucano e na microrregião do Pajeú, conforme ilustram as Figuras 1 e 2.

Figura 1: Localização do Território do Sertão do Pajeú no Estado de Pernambuco



Fonte: [http://sit.mda.gov.br/images/mapas/tc/uf\\_026\\_tcs\\_pernambuco\\_jan\\_2009.jpg](http://sit.mda.gov.br/images/mapas/tc/uf_026_tcs_pernambuco_jan_2009.jpg)

Figura 2: Localização do município de Santa Cruz da Baixa Verde – Sertão do Pajeú



Fonte: [http://sit.mda.gov.br/images/mapas/tc/tr\\_082\\_sertao\\_pajeu\\_pe\\_abr\\_2009.jpg](http://sit.mda.gov.br/images/mapas/tc/tr_082_sertao_pajeu_pe_abr_2009.jpg)

Segundo o último Censo realizado em 2010, o IBGE (BRASIL, 2017) apontou que a população compreendia aproximadamente 11.768 habitantes, sendo 5.271 habitantes da zona urbana e 6.491 da zona rural. Contudo, a estimativa populacional para 2018 voltou-se para 12.535 habitantes, sendo 5.614 habitantes da zona urbana e 6.914 da zona rural. Já a estimativa do Índice de Desenvolvimento Humano Municipal (IDHM) tem taxa de 0.612, além de índice de PIB Per Capita de R\$5.688,45 (BRASIL, 2017).

### **3.3.2 Um percurso vivo de histórias, saudades e pesquisa**

Santa Cruz da Baixa Verde guarda um lugar de importância pessoal e de pesquisa, pois fora o primeiro *locus* que tive acesso no Sertão. A partir da parceria entre a Professora Orientadora Dra Rosineide Cordeiro (2004, 2007, 2010, 2011a, 2011b,), o Sindicato de Trabalhadores Rurais de Santa Cruz da Baixa Verde e o Movimento de Mulheres Trabalhadoras Rurais do Sertão Central de Pernambuco (MMTR), pude realizar minha pesquisa de Mestrado tendo como objeto empírico as cruzeiras levantadas nos limites da PE-365 referentes ao município, uma vez que tratava-se de uma pesquisa inserida no projeto de Cordeiro (2011b).

Do Mestrado, surgiu a inquietação de pesquisa sobre como a saudade poderia articular certas formas de vida no Sertão. Em certa medida, esta pesquisa pode ser compreendida como um aprofundamento da primeira. Se no Mestrado busquei analisar a produção e (in)visibilidade da morte no Sertão, no Doutorado busquei analisar as histórias de saudade, como narrativas que evidenciam a centralidade da vida em comunidades rurais.

Ainda que a pesquisa tenha a finalidade de analisar as histórias de saudade de mulheres e homens rurais, é preciso não perder de vista que o trabalho de campo requereu a tarefa de negociação de relacionamento entre a pesquisadora e os/as narradores/as, da apresentação da pesquisa e seus propósitos, além da negociação sobre os momentos de transições de início e término do próprio processo de investigação, pois a narrativa é ação na paisagem.

Por isso mesmo, busquei tornar a pesquisa parte da paisagem, pois o pesquisador/a, de acordo com Clandinin e Connelly (2011), devem se inserir no campo por um tempo razoável, atentar e refletir sobre as situações para compreender os acontecimentos e histórias.

Foi preciso negociar níveis de intimidade com os/as narradores/as para que uma relação de confiança na pesquisa fosse estabelecida e, por conseguinte, as histórias pudessem ser compartilhadas em sua inteireza de detalhes. À semelhança da perspectiva de Clandinin e Connelly (2011, p. 77), os/as narradores/as foram compreendidos como “corporificação de histórias vividas. [...] As pessoas são encaradas como vidas compostas que constituem e são constituídas por narrativas sociais e culturais”.

Por se tratar de um estudo exploratório no âmbito da psicologia social, pretendi envolver mulheres e homens rurais como narradores/as. Durante toda a pesquisa, realizei o registro de minhas impressões, inferências e reflexões sobre o trabalho de campo em um diário composto por textos escritos, fotografias, desenhos e áudios.

Desse modo, a pergunta central da pesquisa versou sobre como são as histórias de saudade contadas por mulheres e homens rurais no Sertão de Pernambuco. Não obstante, o objetivo foi analisar como as histórias de saudade são acionadas e articulam outras categorias analíticas no Sertão.

Para tanto, o trabalho de campo foi composto por três etapas: I) (re)aproximação com o campo; II) entrevistas narrativas; III) análise das narrativas. Na primeira etapa, como estratégia de (re)entrada em campo, contatei uma das principais interlocutoras de minha pesquisa de Mestrado (OLIVEIRA, 2014), Dona Artemis, uma mulher de 69 anos que fora presidenta do Sindicato de Trabalhadores Rurais de Santa Cruz da Baixa Verde e que participa ativamente do Movimento de Mulheres Trabalhadoras Rurais do Sertão Central. Com Dona Artemis, pude realizar uma entrevista de (re)aproximação ou pré-entrevista. De acordo com a psicóloga social Ecléa Bosi (2003), em estudos que envolvem narrativas, a pré-entrevista é de ordem exploratória, tornando acessível ao pesquisador/a elementos de linguagens, vivências e sujeitos específicos a serem entrevistados posteriormente.

Nesse contato inicial, foram solicitadas indicações de mulheres e homens rurais que pudessem narrar suas saudades, de modo que a inclusão de outros/as narradores/as na pesquisa foi realizada através da estratégia de indicação por “bola-de-neve” (TURATO, 2003). Essa estratégia permitiu registrar indicações sucessivas de novos sujeitos.

A segunda etapa consistiu na realização de entrevistas narrativas com mulheres e homens rurais indicados por Dona Artemis. Como as entrevistas narrativas foram entendidas como técnicas de produção de dados, as entrevistas envolveram

um processo aberto, não-estruturado por questões prévias ao contato com os sujeitos e teve por finalidade desencadear um processo de “contação de histórias (*storytelling*)” (RIESSMAN, 1993). Todas as entrevistas narrativas foram audiogravadas para, posteriormente, serem transcritas.

Já na terceira etapa, realizei a transcrição das entrevistas como um processo de pré-análise, na medida em que pude revisar os dados produzidos e realizar uma pré-organização dos dados de acordo com sua relevância para a pesquisa (BEAUD, WEBER, 2010). Como parte do processo de análise, foram consideradas as estratégias utilizadas por narradores/as para produzir diferentes temas em relação às narrativas de saudade.

Nesse sentido, a análise temática foi empreendida como um processo de aproximação das narrativas produzidas e seus temas subjacentes. Segundo Riessman (2008), o conteúdo falado é o foco da análise temática, embora possa ser trabalho de diferentes formas, como por exemplo as entrevistas narrativas, os relatos biográficos, ou mesmo a combinação entre observação e entrevista.

Em outras palavras, a análise temática é compreendida, segundo Gibbs (2009) como uma tematização das falas, a partir de leituras iniciais realizadas mais intuitivamente para identificar os temas mais relevantes e separando-os em categorias-chaves.

Em concordância com Riessman (1993), a análise seguiu quatro passos: i) codificação temática das histórias como um resumo; ii) identificação das informações orientadoras da narrativa (Por exemplo, “Quanto eu tinha xx anos...”; Quando eu morava em xx...”); iii) identificação de ações complicadoras e; iv) identificação de desfechos. Somado a esse procedimento, ponderei o desenho metodológico para analisar as práticas narrativas, delineando as condições de produção das histórias, suas possibilidades de montagem e os temas que puderam ser acionados.

Assim, os/as narradores/as tiveram uma função ativa sobre como gostariam de ser chamados na pesquisa, sobre o que de sua narrativa podia ou não continuar registrado, o que gostariam de mudar e o que gostariam que permanecesse. Assim, o argumento teórico de pesquisa sobre a (re)contação de histórias do vivido se operacionalizou pelos encontros junto às/aos narradores/as e as negociações contínuas sobre o que se vive, se diz e se registra cientificamente.

- **Viagens para ouvir saudade**

Conheci o Sertão para entender a morte (OLIVEIRA, 2014) e tornei a Santa Cruz para ouvir saudades. Esta é a apresentação de um trabalho de campo movido pela saudade e colorido por suas histórias. Assim, devo dizer que a jornada de pesquisa foi realizada durante os finais de semana dos meses de abril a julho de 2017, pois a pesquisa ocorreu juntamente com a vida de trabalho da pesquisadora. Foram realizadas oito viagens de campo, conferindo 17 dias, aproximadamente 9.000 km percorridos e mais de 150 horas em estradas.

Cabe ressaltar que a realização do trabalho de campo compreendeu datas socialmente importantes para as comunidades rurais locais quanto à saudade, como o mês de maio (mês mariano), dia das mães (13 de maio) e as festas juninas (festas populares de Santo Antônio – 13 de junho, São Pedro – 29 de junho e, sobretudo, São João – 24 de junho) (CASCUDO, 2004). Embora não tivesse composto meu planejamento de pesquisa, devo dizer que esse período se apresentou como estratégico no que se refere à análise da realidade narrativa que envolve a saudade em relação as histórias que são contadas no Sertão de Pernambuco.

Embora o município de pesquisa seja Santa Cruz da Baixa Verde, fiquei instalada em uma pousada situada em Serra Talhada, a 26,8 km de distância, já que Santa Cruz não dispunha de lugares de hospedagem naquele momento. Quanto às andanças em relação aos sítios circunvizinhos, contei com a colaboração de Filipe Távora que me acompanhou em todas as viagens à Santa Cruz da Baixa Verde e pôde se encarregar de dirigir um carro de passeio.

Depois de uma seca de seis anos, encontrei Santa Cruz com suas estradas ‘sangrando’, cacimbas cheias, animais saudáveis e roça verde. Ao tratar de uma pesquisa com narrativas, preciso contar que o impacto que tive ao me deparar com uma Santa Cruz da Baixa Verde cuja baixa estava realmente verde foi enorme. Minhas impressões em diário de campo apontam minhas reflexões sobre como esse cenário de céu cinza e cheiro de terra molhada pode ter facilitado a contação de histórias de saudade que remontassem o contraste da Seca e da Chuva:

Como Santa Cruz está diferente. A serra está verde e talhada pela neblina. Santa Cruz me recebeu com chuva. As pessoas não falam outra coisa se não a felicidade e as expectativas que a chuva traz. Pareciam palavras de ordem: “O milho vai brotar”; “O jerimum vai crescer”. Ao comentar na rua ou no Sindicato sobre o tempo bom para

chover, prontamente ouvia histórias sobre a Seca de 1930, de como se brincava com bonequinhas de milho e de como a vida era mais tranquila e segura, mesmo com a fome e com a miséria. Histórias contadas por homens e mulheres rurais em conversas do dia a dia. Não sei se seria exagero, mas depois de seis anos de seca, a chuva molhou Santa Cruz de saudade (DIÁRIO DE CAMPO, 21/04/2017).

A primeira viagem de campo, compreendida no final de semana de 21 a 23 de abril de 2017, teve como objetivo apresentar a pesquisa e fazer o primeiro contato de (re)entrada em campo com Dona Artemis. Para este encontro, Dona Artemis me recebeu no Sindicato de Trabalhadores Rurais (STR) de Santa Cruz da Baixa Verde, de modo que pude também apresentar a pesquisa, elaborar a agenda de atividades e realizar a leitura e assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) (APÊNDICE A). Assim, Dona Artemis iniciou sua contação de histórias de saudade e indicara uma segunda narradora, Aline, de 33 anos, a qual também já conhecia por ocasião de minha pesquisa de Mestrado (OLIVEIRA, 2014).

Fotografia 1: Tempo bom para chover



Fonte: Registro da autora em 21/04/2017

Fotografia 2: A chuva na estrada



Fonte: Registro da autora em 21/04/2017

Na segunda viagem de campo (29 e 30 de abril de 2017), pude dar continuidade à entrevista narrativa com Dona Artemis e iniciei a entrevista narrativa com Aline. Esses dois encontros também aconteceram sobre o contexto do STR.

Neste encontro, Dona Artemis me indicou uma terceira narradora que também já conhecera em minha pesquisa de Mestrado (OLIVEIRA, 2014), Hilda, 49 anos. Durante a realização da pesquisa, Isis se tornou bastante ativa, fazendo indicações de outros/as possíveis narradores/as e se disponibilizando a me acompanhar em todas as outras visitas aos sítios da região. Dona Hilda se tornou meu guia de pesquisa juntamente com Dona Artemis.

Fotografia 1: Sindicato de Trabalhadores Rurais de Santa Cruz da Baixa Verde



Fonte: Registro da autora em 29/04/2017

A terceira viagem de campo (06 e 07 de maio de 2017) aconteceu no final de semana que antecedeu o dia das mães. Considero que a proximidade desta data teve influência nas histórias contadas. Nesta viagem, visitei o Sítio Boa Vista com Dona Artemis e pude entrevistar Hilda. A partir desse contato, Dona Hilda se disponibilizou de pronto a participar da pesquisa e colaborar no que fosse possível e indicou Dona Larissa, 57 anos, e Dona Ítala, 66 anos, como narradoras de saudade. Além disso, pude finalizar a entrevista narrativa com Aline, já em sua residência na sede do município.

Fotografia 2: Cacimba do Sítio Boa Vista



Fonte: Registro da autora em 06/05/2017

Fotografia 3: A roça do Sítio Boa Vista



Fonte: Registro da autora em 06/05/2017

A quarta viagem (20 e 21 de maio de 2017), ocorreu no final de semana seguinte ao dia das mães e já contou com a colaboração local de Hilda para visitar Dona Larissa em sua residência na sede do município e para visitar Dona Ítala, sua tia, no Sítio Baixa das Flores, onde ambas moram. Neste quarto momento do trabalho

de campo, Dona Artemis e Hilda indicaram Seu Heitor, 65 anos, e Dona Francyne, 58 anos, como narrador/a de saude.

Fotografia 4: Via de acesso ao Sítio Baixa das Flores



Fonte: Registro da autora em 06/05/2017

Fotografia 5: Roça e Animal no Sítio Baixa das Flores



Fonte: Registro da autora em 06/05/2017

Desse modo, a quinta viagem (27 e 28 de maio de 2017) compreendeu uma visita ao Sítio São José dos Pilotos para entrevistar Dona Francyne e outra visita ao Sítio Lagoa do Almeida para entrevistar Seu Heitor.

Fotografia 8: Animais no Sítio Lagoa do Almeida



Fonte: Registro da autora em 28/05/2017

A sexta viagem (10 e 11 de junho de 2017) compreendeu uma visita ao Sítio Lagoa do Almeida para entrevistar Seu Heitor, ao Sítio São José dos Pilotos a fim de entrevistar Dona Francyne e, finalmente, ao Sítio Baixa das Flores para entrevistar Dona Hilda.

Fotografia 9: Casa de Dona Hilda no Sítio Baixa das Flores



Fonte: Registro da autora em 11/06/2017

Já a sétima viagem (17 e 18 de junho de 2017) compreendeu o final de semana que antecedeu as festividades locais de São João, de modo que a proximidade com essa data, a semelhança do processo relacionado ao dia das mães, parece ter feito influência sobre as histórias de saudade que foram contadas. Nessa viagem, foi finalizada a entrevista narrativa com Dona Larissa em sua residência na sede do município, assim como foi finalizada a entrevista narrativa com Dona Artemis no STR.

Fotografia 10: Entrada de Santa Cruz da Baixa Verde para o São João



Fonte: Registro realizado pela autora em 17 de junho de 2017

Por fim, a oitava viagem de campo (01 e 02 de julho de 2017) foi realizada no final de semana seguinte às festividades de São João e contou com uma visita ao Sítio Baixa das Flores para finalizar a entrevista narrativa com Dona Ítala, assim como, o trabalho de campo da pesquisa com um todo.

Fotografia 11: Cacimba cheia no Sítio Baixa das Flores



Fonte: Registro da autora em 01/07/2017

A fim de sistematizar as informações referentes às narradoras e ao narrador de saude e a agenda de pesquisa que pude realizar em campo, apresento os Quadros 1 e 2.

Quadro 1: Narrador/as de saúde em Santa Cruz da Baixa Verde

	<b>Narrador/a</b>	<b>Idade</b>	<b>Profissão</b>	<b>Local da entrevista narrativa</b>
<b>01</b>	Dona Artemis	66 anos	Agricultora	Sede do Município
<b>02</b>	Dona Aline	33 anos	Assistente Social	Sede do Município
<b>03</b>	Dona Hilda	49 anos	Agricultora	Sítio Boa Vista e Sítio Baixa das Flores
<b>04</b>	Dona Larissa	57 anos	Agricultora	Sede do Município
<b>05</b>	Dona Francyne	55 anos	Agricultora	Sítio São José dos Pilotos
<b>06</b>	Dona Ítala	66 anos	Agricultora	Sítio Baixa das Flores
<b>07</b>	Seu Heitor	65 anos	Agricultor	Sítio Lagoa do Almeida

Fonte: Elaboração da autora

Quadro 2: Viagens de campo e agenda de pesquisa

	<b>Datas de viagem</b>	<b>Local</b>	<b>Agenda de Pesquisa</b>
<b>01</b>	21 a 23 abr 2017	Sindicato de Trabalhadores Rurais de Santa Cruz da Baixa Verde	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Apresentação da pesquisa.</li> <li>• Contato inicial e pré-entrevista narrativa com Dona Artemis;</li> </ul>
<b>02</b>	29 e 30 abr 2017	Sindicato de Trabalhadores Rurais de Santa Cruz da Baixa Verde	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Entrevista narrativa com Dona Artemis</li> <li>• Entrevista narrativa com Aline</li> </ul>
<b>03</b>	06 e 07 mai 2017	Residência de Dona Aline (Santa Cruz da Baixa Verde)  Sítio Boa Vista	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Entrevista narrativa com Aline</li> <li>• Entrevista narrativa com Hilda</li> </ul>
---	12 e 13 mai 2017	-----	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Dia das mães</li> </ul>
<b>04</b>	20 e 21 mai 2017	Residência de Dona Larissa (Santa Cruz da Baixa Verde)  Sítio Baixa das Flores	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Entrevista narrativa com Dona Larissa</li> <li>• Entrevista narrativa com Dona Ítala</li> </ul>
<b>05</b>	27 e 28 mai 2017	Sítio São José dos Pilotos  Sítio Lagoa do Almeida	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Entrevista narrativa com Dona Francyne</li> <li>• Entrevista narrativa com Seu Heitor</li> </ul>
---	02 e 03 jun 2017	-----	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Não houve viagem de campo.</li> </ul>
<b>06</b>	10 e 11 jun 2017	Sítio São José dos Pilotos  Sítio Lagoa do Almeida	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Entrevista narrativa com Dona Francyne</li> <li>• Entrevista narrativa com Seu Heitor</li> </ul>

		Sítio Baixa das Flores	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Entrevista narrativa com Hilda</li> </ul>
<b>07</b>	17 e 18 jun 2017	Residência de Dona Larissa (Santa Cruz da Baixa Verde)  Sindicato de Trabalhadores Rurais de Santa Cruz da Baixa Verde	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Entrevista narrativa com Dona Larissa</li> <li>• Entrevista narrativa com Dona Artemis</li> </ul>
---	23 e 24 jun 2017	-----	<ul style="list-style-type: none"> <li>• São João</li> </ul>
<b>08</b>	01 e 02 jul 2017	Sítio Baixa das Flores	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Entrevista narrativa com Dona Ítala</li> <li>• Finalização do trabalho de campo</li> </ul>

Fonte: Elaboração da autora

Por fim, a partir dessa produção de dados, pude construir histórias de saudade com seis narradoras e um narrador, com os quais foram gerados 15 encontros narrativos, mais de 20 horas de entrevistas narrativas audiogravadas e 439 páginas de transcrição.

#### 4 DAS SAUDADES VIVAS NO SERTÃO

Procurei analisar as histórias sobre saudade no Sertão como quem produz uma tecelagem de bordado vivo junto aos narradores/as. Um bordado que parece movimentar-se no tempo cada vez que a categoria saudade é acionada e articula outras tantas. Suas cores, linhas e texturas foram únicas e coletivas em um só tempo, pois as narrativas foram vividas como biografias, ao mesmo passo em que compuseram construções sociais locais (RIESSMAN, 2008).

Assim, como dito anteriormente, a análise narrativa que empreendi seguiu os procedimentos sugeridos por Riessman (1993) e compreendeu uma organização temática das histórias de acordo com os seguintes passos: i) codificação das histórias como um resumo; ii) identificação das informações orientadoras da narrativa; iii) identificação de ações complicadoras e; iv) identificação de desfechos. Segui ainda as recomendações de Gibbs (2009), pois as transcrições das entrevistas narrativas foram lidas e relidas exaustivamente, em um exercício de buscar sequencias temporais, personagens, enredos, dentre outros elementos deflagradores de temas.

Após a organização, tomei como referência analítica as reflexões de Gubrium e Holstein (2009) para compreender como as particularidades das histórias sobre saudade compõem uma realidade narrativa no Sertão, isto é, como as vicissitudes das histórias sobre saudade constituem a vida social em comunidades rurais no Sertão. Já para dar conta de como as produções narrativas sobre saudade são montadas e como outras categorias de análise foram acionadas, parti das considerações de Riessman (1993, 2008) com um eixo temático.

Para facilitar a compreensão do/a leitor/a, esse capítulo foi composto por subtópicos, de acordo com os resumos das sete narrativas sobre saudade e, posteriormente, com os eixos de análise que criei.

Assim, com a finalidade de responder às seguintes questões de pesquisa 1) Quais os sentidos da saudade contados em narrativas de homens e mulheres rurais do Sertão de Pernambuco? 2) Como as narrativas de saudade acionam outras categorias de análise? 3) Quais são as histórias de saudade que são faladas e quais são silenciadas?, abordei analiticamente oito eixos de análise, os quais foram marcadores de descrição da saudade no Sertão, de suas particularidades no Sertão e das categorias que lhes foram acionadas: i) “Sentidos da saudade”, ii) “Velhos

sentem mais saudade”; vi) “Para alimentar e para matar a saudade”; e vii) “Tempos de sentir saudade”.

#### 4.1 DAS SAUDADES CONTADAS

##### 4.1.1 Dona Artemis: “A saudade é de quem ama”

Dona Artemis abriu as portas do Sindicato como quem abre as portas de sua casa. Na sala da presidência, um birô com café e queijo manteiga testemunhou por dois dias o início deste trabalho de campo. Depois de uma seca de seis anos, Santa Cruz estava verde e cinza e, com essas cores de grama e céu, Dona Artemis contou da saudade esperançosa e da saudade ‘doedora’. Como numa roda, que não se sabe início ou fim, foi preciso volver à memória com humildade e lembrar o amor para não deixar de amar nunca. Suas histórias contam um Sertão épico que forja seca e fome, família e trabalho, roça e pertença.

Nascida e criada na roça, Dona Artemis se apresenta como católica e sindicalista. Sua labuta começou desde pequena e hoje participa da Coordenação do Conselho Municipal de Desenvolvimento Rural Sustentável e é presidente da Associação Municipal de Agricultores/as Familiares de Santa Cruz da Baixa Verde.

Para ela, sempre se sente saudade porque se sente a água nos olhos renovando a vida. A saudade dói, mas nem por isso pode-se dizer que é ruim. Dona Artemis é contundente: a saudade é boa porque é sinal de que há amor. Se um dia a saudade acabar, o mundo se desesperança. A saudade é para ser sentida e não para ser tocada. Ela não tem cor nem forma porque também o amor não se pode tocar.

Para amar, existem duas saudades: com e sem esperança. A esperança acontece quando há a possibilidade de ver quem se ama em um Natal ou São João, quando as pessoas viajam para trabalhar, por exemplo. No entanto, quando se sabe que a pessoa amada morreu, aí a saudade é mais doedora. É quando o pranto salva a alma dilacerada.

A saudade é no dia a dia. Música a qualquer momento magoa ouvir. A saudade de pai, mãe e irmão toca o coração de Dona Artemis que até a alimentação fica difícil. Comer bem é só arroz e feijão com caldo porque comer melhor é guardado para a memória de quando dividia a mesa com sua família na Semana Santa.

A saudade de quando se é criança é que forte porque junta com uma dor também. No Sertão, no tempo em que Dona Artemis foi criança, havia sofrimento e fome, mas não se sentia. Quando não chovia não tinha produção e a pobreza aumentava. A fé era mais forte. Tomar água com fome era como sentir um entalo. Tudo era pelos próprios braços porque não havia políticas públicas para o campo.

E, para finalizar, Dona Artemis arremata: quando a pessoa constrói uma história bonita, se sente saudade e chora, mas, não se engane, a história não é triste. Esse choro vem pelo amor às pessoas. A dor é tanta que ver fotografias ou objetos de quem se ama é uma jornada insuportável. Para ela, é possível construir uma história através de uma fotografia ou de coisas que se fez na vida e o tempo não pode acabar. Como seria triste se não tivesse tanta história sem retrato. Podia até escrever, mas e a imagem? O instantâneo renova a saudade e o sofrimento evidencia o pranto ao ver a pessoa ausente.

#### **4.1.2 Dona Aline: “A saudade também tem suas intensidades”**

No Sindicato de Trabalhadores Rurais de Santa Cruz da Baixa Verde, Aline veio ao meu encontro para lembrar saudade. Depois de um lanche generoso com sanduíche de queijo manteiga e café, pudemos encontrar a saudade nas suas diferentes forças. Da saudade maior de sua mãe à saudade da infância, este sentimento que parece difícil de explicar é espontâneo no sentir. Aline me convidou a ouvir suas batalhas com a maturidade de uma mulher que busca conquistar sua voz e superar a lacuna que a morte deixa nos vivos.

Aline se apresenta como uma mulher negra e feminista, cuja saudade é voltada para as pessoas que estiveram presentes em sua vida. Esse é um sentimento vivido em suas intensidades. Como num gradiente, a saudade em suas potências parece se configurar pela proximidade de convivência que teve com as pessoas ausentes, a exemplo de sua mãe e seus avós. Aline sente saudade de ambos, mas analisa a saudade de sua mãe como a mais premente pela convivência amorosa que tiveram, enquanto a saudade de seus avós é mais branda porque não teve o prazer de conhece-los.

Para lidar com alegria e a tristeza que a saudade desperta, Aline diz buscar por maturidade e pedir a Deus conforto para suportar tanto as ausências de quem já morreu como daqueles que estão distante. Assim, guardar fotos, roupas, cartas ou

mesmo ouvir uma música são formas de manter saudade porque é afirmar a lembrança de que aquela pessoa continua por perto.

Para reavivar sua saudade mais intensa, Aline guarda ainda o que tem de mais íntimo de sua mãe, seu cabelo. Já conseguiu repassar as roupas, mas o friso que conserva seus cabelos não. Esse nunca. Nem para os irmãos. Dá-lo seria como confirmar que sua mãe não está mais. Das roupas ao friso, Aline faz consulta quando a falta é muito grande.

Então, tudo o que se vive em seu próprio tempo pode deixar uma saudade, como o tempo de brincar na roça e fazer confusão com espiguinhas de milho para fazer a boneca mais bonita. Da infância, Aline não tem fotos. Foram tempos de muita dificuldade. Para lembrar a infância guarda seu vestido de batismo. Como quisera ter uma foto de quando era bebe. Como não tem foto de si própria, retrata com muitas imagens seus sobrinhos. Tira várias fotos para não pecar faltando.

Para ela, a saudade é isso. É vontade de estar com aquelas pessoas ou com aquilo que se sente falta. A saudade só acaba quando se resgata quem se foi. Porque saudade só se guarda o que é bom de ser lembrado. O que é ruim, vai-se deixando para lá.

#### **4.1.3 Dona Hilda: “Tem saudade que se quer voltar, tem saudade que não”**

Acomodada em um sofá e servida com chá, Dona Hilda aqueceu o Sertão de 8°C com suas saudades. Segue então um relato de força sobre a saudade que se quer de volta e a saudade que não se quer voltar, quero dizer, a saudade de sua mãe biológica e de sua mãe adotiva. Com a pujança de sua experiência, Dona Hilda ainda passeia pela saudade das novenas e dos passatempos da alta noite.

Para ela, a saudade é um sentimento doloroso e sofrido. Um sentimento que implica tristeza e vontade que alguma coisa volte. Já de outras coisas se sente saudade mas não quer que volte, pois mesmo se pudesse voltar, deixaria uma saudade ainda mais dolorosa. Assim, a saudade é sentida pela separação.

Sente saudade por não ter o amor de sua mãe biológica. Dona Hilda conta que sua história é triste porque tem saudades de sua mãe, mas não do que sofria com ela. Embora sinta falta de ter vivido bem com sua mãe, as lembranças difíceis se tornaram uma saudade que não se quer voltar. Hoje, conta que sua saudade é sua mãe adotiva que faleceu há dezoito anos. Era ela quem a chamava de “minha neném”, que fora

cotidianamente função materna e paterna em sua educação. Quando a saudade aperta, reza para Deus lhe dar força.

As saudades da infância e da adolescência também marcam a história de Dona Hilda. Da infância, lembra tempos cheios de gracinha e alegria, ao brincar de casinha e família com bonecas de milho. Da adolescência, lembra que dançava muito em festas e de como era bom juntar o pessoal para jogar baralho e dominó depois das novenas. Era de virar a noite. Nessa época, não tinha televisão, então as pessoas se juntavam mesmo para brincar.

Em conclusão, Dona Hilda fala que a saudade de quem faleceu é a de quem não vai mais voltar. Por isso, é preciso se conformar e rezar por aquela pessoa. Já a saudade das pessoas que moram longe pode ser aplacada com o encontro. Nesse sentido, a saudade de quem faleceu é sempre maior do que de quem está distante. A saudade de quem faleceu é para o resto da vida.

#### **4.1.4 Dona Larissa: “Com a roça, o mundo pra eu fica bem clarim”**

A saudade contada por Dona Larissa foi regada a café, pamonha e risadas de sua netinha. No sofá de sua sala, em Santa Cruz da Baixa Verde, a saudade lembrada teve a toada da roça, dos bichos e de sua família. Dona Larissa passeou cuidadosamente por sua infância na terra e com os bichos dos outros, por sua saída de casa, pelo afastamento dos pais e irmãos, chegando em sua saudade maior: a perda de seu filho e de seu marido. Talvez por ser a saudade mais doída foi aquela mais silenciada: “quando a saudade chega, só dou pra chorar”. Aos 57 anos, sua vigilância em não esquecer os ausentes guarda nas fotografias e papeis uma bela recordação. É preciso lembrar porque é consentido por Deus, embora não valha maldizer. Afinal, a saudade é uma ida sem volta.

Dona Larissa entende a saudade como a falta que se sente no coração. Sua primeira saudade chegou quando casou e se distanciou de seus pais. Saiu do Sítio Fazenda Batata, em Serra Talhada, para Santa Cruz da Baixa Verde. A segunda veio quando seu filho morreu em um acidente de motocicleta. Essa saudade, essa sim, não tem comparação. Ela conta que já completara cinco anos de sua morte, mas sente como se fosse semana passada. A terceira chegou com a morte de seu esposo. Dessa morte, já se passaram três anos. Por sentir tanto, Dona Larissa continua trabalhando arduamente e cuida de sua neta. Assim, é possível espairecer mais.

De quando era criança, conta das saudades da criação de porco, bode e gado. De tudo já fez criação. Morava no sítio até seu marido adoecer e falecer. Hoje, mora na rua e é mais difícil o contato com os bichos. Na rua é escuro e o sítio clareia. O mundo fica bem 'clarim'.

Sua história conta como é morar e cuidar do que era dos outros. Começou a trabalhar na roça com seis anos e já cuidava de gado. Quando os bichos cresciam, eram vendidos. Dona Larissa e seus onze irmãos amansavam as vacas, tirando o leite. Para ela, trabalhar no que é dos outros só deixa saudade. Depois que se afeiçoa aos animais, se recebe a ordem de venda.

Por fim, de sua família, todos estão espalhados, uns para São Paulo e outros para Minas Gerais pelo corte de cana. Outros moram em Serra Talhada e Floresta. Hoje, conta que tem mais contato pelo advento do celular. Antes, tinha que caminhar como de Santa Cruz a Triunfo para ter um telefone e depois pagar a ligação quando a conta chegava para o dono. Assim, suas separações parecem compor suas saudades, desde o afastamento dos animais, de sua casa, de seus pais e da morte de seu filho e de seu marido.

#### **4.1.5 Dona Francyne: “O andú sempre registra a seca”**

Dona Francyne abre as portas de sua casa em uma tarde chuvosa e, ao sabor de bolacha e chá de cidreira, me recebe. Com sua família reunida em férias e seu marido acamado, reserva o sofá de sua sala para falar de seus bordados, roça, família e suor. O cuidado com seus pais, a vontade de despedida de seu irmão e a força diante da morte são histórias de luta e de amor. Exemplo que quisera dar para si e para os outros. “Se for para rir, rio. Se for para chorar, choro”. Suas veias têm trajeto simples, por isso sua vazão é tão forte.

Mais conhecida como Pretinha, Dona Francyne conta as saudades que tem de sua mãe, de seus dois irmãos e de seu pai que já faleceram. De um de seus irmãos falecidos a saudade parece diferente. Ele fora para São Paulo pois no sítio os ganhos não existiam. Mesmo sendo tudo pouco no sítio, foi em São Paulo que ele adoeceu e morreu. Sem ter assistido ao velório, tampouco ao enterro, Dona Francyne lamenta fortemente estar longe até de seus restos mortais. Dos sete irmãos, Dona Francyne diz só restarem cinco com ela. E em Santa Cruz da Baixa Verde, diz que somente ela ficou, os demais estão em São Paulo e no Pará em busca de uma vida melhor.

O tempo de sua juventude era difícil e de muita pobreza, mas era quando a família estava toda reunida. Era quando podia ouvir música romântica em toca-discos, fazer crochê debaixo de um pé de pitomba e que aprendera a assistir televisão na casa de uma vizinha, mesmo com sua mãe sendo contra esse hábito.

Nessa época, também se plantava guandú, mais chamado como andú na língua de Santa Cruz. Para ela, o andú sempre registra a seca e registrou também um tempo de precariedade e união da família.

Mesmo com toda a tristeza e saudade, Dona Francyne faz questão de não demonstrar. Pode estar triste por dentro, mas procura disfarçar. É um jeito de manter sua coragem viva e dar exemplo para os outros e, assim, ter um efeito conjunto de força. Sempre há saudade. Há dias quem que chora e depois ri. Para poder levar a vida, é dessa maneira.

#### **4.1.6 Dona Ítala: “Quando a fome falava mais alto”**

Com o fogão a lenha aceso para preparar licor de cajá, Dona Ítala remontou suas saudades na cozinha de casa, no Sítio Baixa das Flores. Sentadas a mesa e servidas com café, jerimum e sardinha, Dona Ítala passeou no tempo de sua infância, festas e felicidades. É contundente: a saudade boa é dos vivos, deles se deve falar. A saudade que traz tristeza, a saudade dos mortos, deve-se deixar em silêncio.

Para ela, sentir saudade é querer chegar perto. Por isso, a saudade de quem já morreu desespera. Para explicar, conta que nunca visitou o túmulo de sua mãe e que só falará dos vivos porque dos mortos se lembra muito coisa que não se pode ter de volta. Quem sente mais saudade é mais acabrunhada.

Dona Ítala conta que viveu toda a vida na mesma casa no Sítio Baixa das Flores. Antes morava com os pais e os irmãos. Agora, mora sozinha. Os pais Deus levou. Seus quatro irmãos foram buscar uma vida fora: em Brasília, Goiânia, São Paulo e Bahia. Já as irmãs se casaram e continuam morando pelo Sertão.

No entanto, as saudades que quer contar são da infância que, embora sofrida, foi bem vivida. O sofrimento pela falta de mantimentos não foi suficiente para diminuir o brilho da diversão. Brincava com sabugo de milho enrolado. Para a comida, punha uma pedra na panela e dizia que era feijão. Café se fazia com mata-pasta.

A juventude também foi boa. Dançava pro chapéu quebrar. Como sente falta daquela danação. As travessuras só arrancavam risada. Pegar manga no sítio vizinho, chupar laranja verde ou comer pirão de tiú sem sal para abrandar fome só rendiam

mais união. No entanto, Dona Ítala conta que o tempo da juventude foi curto porque aos 22 anos sofreu um acidente e ficou cega de um olho. A felicidade voltou depois de quase seis meses. Tem 66 anos, mas sente que tem a idade de 40 porque sobe no telhado e nos pés de fruta. A saia pendurada não impede suas travessuras até hoje.

#### **4.1.7 Seu Heitor: “Um sentimento de silêncio”**

Para chegar em sua casa, percorrer as estradas de terra regadas às chuvas não vistas por seis anos tornou a jornada bem-aventurada. Com sua esposa e duas filhas, Seu Heitor ofereceu uma recepção generosa. Com direito a café, munguzá salgado e angú, o dia de chuva no Sítio Lagoa do Almeida se fez quente. Entre tantos causos, suas histórias remontam saudades de um tempo de festa, cachaça, família e trabalho. Com bom humor, Seu Heitor contou de uma vida no Sertão eivada de suor, risada e força.

Para Seu Heitor, a saudade é na vivência. Vai passando aquele tempo bom de farra e quando é no amanhã não passa mais. Saudade de pessoa é mais triste porque, geralmente, lembra-se de quem faleceu. Então, dá sentimento de silêncio. De quem realmente sente saudade é sua mãe, seu pai, seu irmão e seu sogro. Do pai lembra do dia a dia na roça, já sua mãe e seu irmão lembra de suas visitas em suas trabalhadas. Seu sogro era como seu segundo pai e como um amigo que ajudava a todos em tempos de necessidade. Quando uma pessoa é boa assim é muito lembrado. Quando se está no São João e alguém pergunta por ele já é uma saudade.

Seu Heitor sente saudade das trabalhadas e dos colegas. Era negócio de cortar cana e limpar mato. Era um tempo corrido, mas era um tempo animado. Sempre morou no Sítio Lagoa do Almeida, mas já viajou para São Paulo aproximadamente onze vezes, além do Paraná e Mato Grosso. Ainda da sua juventude, sente saudade das festas, de quando embalava no tabuleiro e dançava por toda a noite. Sente saudade ainda de beber cachaça. Quando jovem, gostava de ficar ‘quente’ e bebia até não faz muito tempo.

Essas são lembranças que vêm mas passam porque fica só na saudade mesmo. A emoção é que, se pudesse renovar, renovaria. Tem coisas que é uma vez só. Quanto mais aproveitar é que é bom. Para ajudar a lembrança é música. Quando começa a tocar e cantar, a pessoa lembra.

Saudade é isso: uma lembrança boa do que passou. A saudade é um sentimento que faz a pessoa se revolver e ficar assim meio que pensando naquele tempo. Ela lhe faz lembrar, faz doer e, às vezes, faz até a pessoa se endireitar na vida. Está fazendo algo e, então, vem uma lembrança e já toma outro rumo. Para ele, é assim.

## 4.2 BORDANDO ANALITICAMENTE SAUDADES

(Re)tomar saudades analiticamente, sem dúvida, foi a tarefa mais árdua desta tese. Não por acaso, tratou-se de um processo que, além de exigir esforço intelectual, envolveu encantamento e tristeza à semelhança da saudade contada pelo/as narrador/as que pude encontrar. Meu apelo é de que o texto possa de alguma forma transbordar a si mesmo (RIESSMAN, 2008) e comunicar, hibridamente, sua oralidade e afetação saudosa.

Assim, como dito anteriormente, criei códigos de análise que permitiram a identificação e articulação de pontos em comum na fala do/as narrador/as de saudade. Por seu turno, essa codificação viabilizou a organização de quatro eixos de análise, que serão debatidos a seguir: i) “Sentidos da saudade”, ii) “Velhos sentem mais saudade”; iii) “Para alimentar e para matar a saudade”; iv) “Tempos de sentir saudade”.

### 4.2.1 Sentidos da saudade

Esse eixo analítico foi criado a partir da agremiação de fragmentos narrativos sobre os diferentes sentidos que a saudade é contada no Sertão, isto é, criado a partir de códigos voltados para as diferentes concepções e direcionamentos que a saudade pôde assumir nas histórias contadas no Sertão de Pernambuco.

#### 3.2.1.1 A saudade é de quem ama

No que se refere às suas definições, a saudade parece ter uma acepção que remonta um sentimento doloroso próprio daquele/a que ama e que tem como alvo alguém ou algo que está ausente, como apresenta o Quadro 3 (APÊNDICE C).

A partir de uma primeira leitura, é possível aproximar as definições de saudade construídas no Sertão com as considerações de Alceu Amoroso Lima (1955) sobre um sentimento que nasce a partir de um ‘passado vivo’, ou seja, daquele que permite a sensação de continuidade no tempo porque persevera em insurgir por contingências

diversas da vida. Do mesmo modo, as considerações de José Antonio Tobias (1966) podem tangenciar essas noções de saudade como fruto do amor humano que só pode se referenciar a um passado que foi bom. Isso implicaria dizer que um passado feliz aponta para a saudade e remonta histórias do/as narrador/as.

No mais, vale lembrar que busquei, inicialmente a partir das reflexões de Roberto DaMatta (1993), não só considerar a saudade enquanto produção individual, mas (re)tomá-la como chave antropológica central e cultural de comunidades rurais do Sertão que, por isso mesmo, confere um tom afetivo diferenciado para determinadas histórias do passado e não o contrário.

O pressuposto teórico residiu no argumento de que não é a experiência positiva do passado que faz nascer a saudade, mas de que justamente pela saudade ser crivo antropológico (DAMATTA, 1993) e elo social da comunidade é que produz determinadas histórias como destacadas de outras. É porque a saudade existe socialmente, enquanto centro ideológico e cultural, que é possível categorizar nossas experiências como especiais.

Nesse sentido, a avaliação social de que a saudade é própria de quem ama é tão legítima que permite sua extensão reflexiva sobre como a saudade é voltada para alvos de amorosidade, sejam pessoas, tempos ou coisas ausentes.

A extensão analítica de Silveira (2007) também parece fazer sentido ao analisar as saudades contadas no Sertão, posto que, embora seja concebida como sentimento doloroso de quem ama, é sua positividade que é ressaltada. “A saudade dói, mas a gente não pode dizer que é ruim. Ela é boa porque é um sinal de que a gente já amou e ainda ama” como diz Dona Artemis.

Assim, a saudade tem importância porque as relações sociais são de alguma forma construídas ou fortalecidas em vias de amor em comunidades rurais do Sertão, como aponta DaMatta (1997), Silveira (2007), Rezende (2006) e Reensink (2012). Então, a forma pela qual as saudades são contadas implicam performatividade e sentidos que são pessoais e sociais, além de estarem intimamente relacionadas à memória.

Igualmente, o passado do qual se sente saudade não é o mesmo daquele anunciado na História Formal, mas diz respeito a uma memória incorporada pessoalmente e coletivamente de maneira singular, tratando-se, portanto, de uma memória coletiva, tal como propõe Halbwachs (1950/2013), Nora (1993) e Pollak (1989). Sente-se saudade de pessoas amadas que estão ausentes, tempos passados

da infância e juventude, da roça, do milho, das festas, trabalhos e das relações de solidariedade no Sertão de modo que se contam saudades em tom biográfico e social.

Com isso, a saudade não é compreendida como uma revisão fiel do passado vivido, mas trata-se de uma releitura de lembranças amorosas a partir de demandas presentes. Nesse ponto, as reflexões de Ivone Gebara (2010) sobre a estética que a saudade produz sobre determinadas experiências ganham relevo para pensar a dimensão estética da saudade no Sertão, pois a saudade não aciona qualquer lembrança, somente aquelas que compõem prazer de serem revisitadas, ainda que sejam compostas por um elemento doloroso também.

Então, é a própria a saudade que solicita, no tempo atual, a beleza que tem se juntado durante o tempo. É a noção estética da saudade que orna o passado, alterando-o como memorável por apresentar encanto nostálgico no presente. Assim, ainda que se lembre dos tempos passados em que foi vivida a seca, a fome ou mesmo as precariedades materiais de modo geral, esses são tempos que se quer tornar. São tempos em que as relações sociais são lembradas com tal intensidade e prazer que os demais elementos parecem opacos.

Outra questão importante diz das formas de contar a saudade daquilo que se pode rever e a saudade cujo objeto é impossível de reencontrar, como pessoas que já faleceram ou tempos idos. Essa especificidade do objeto-alvo da saudade pode ser pensada com o suporte de Gebara (2010) ao propor saudades saciáveis e saudades irreparáveis, uma vez que os sentidos da saudade parecem ter uma certa continuidade afetiva em função de seu alvo.

Penso que a saudade pode ter dois fins: ou deve-se matá-la, ou deve-se alimentá-la. Explico: o reencontro mata a saudade, mas as saudades que não se pode matar, aquelas cujo reencontro é impossível, deve-se dar alimento, deve-se guardar lembranças e realizar rituais. As primeiras se referem a pessoas que já morreram ou tempos vividos, como a infância, juventude, dentre outros; e as últimas, por sua vez, podem ser voltadas para pessoas que estão distantes ou objetos que podem ser reavidos.

Em comunidades rurais do Sertão, analiso que as chamadas saudades saciáveis foram pouco acionadas em relação às saudades irreparáveis, como são descritas nos subtópicos a seguir.

#### 4.2.1.2 Saudade com esperança e saudade doedora ou Saudade por distância e saudade por morte

Em relação à saudade de pessoas, é importante ressaltar que não são todas que deixam saudades, mas aquelas cuja qualificação social é avaliada positivamente, como aponta DaMatta (1993). Assim, pude notar que as histórias sobre saudade que se referem a pessoas são contadas a partir da natureza de sua ausência, seja por morte, seja por distância, isto é, saudades irreparáveis e saudades saciáveis, respectivamente (GEBARA, 2010).

As saudades voltadas para pessoas que podem ser revistas foram compreendidas como “saudades com esperança” e as saudades de pessoas que já morreram foram compreendidas como “saudades mais doedoras”, de acordo com Dona Artemis. As “saudades com esperança” são aquelas, geralmente, voltadas para os entes queridos ou amigos de infância que estão ausentes por terem migrado em busca de condições melhores de vida, sobretudo para a São Paulo, Minas Gerais e Mato Grosso para o trabalho no corte de cana. Assim, a migração aparece, segundo Maria de Nazareth Wanderley (2009), não como uma falta de vínculo ao território familiar, mas como uma possibilidade de reconstituição do patrimônio familiar camponês, ainda que em um local distante.

Já as “saudades doedoras”, mesmo envolvendo uma dor intensa pela impossibilidade de rever a pessoa amada, conferem ainda uma forma de “produzir saudade positivamente, como no caso de comunidades rurais do Sertão” (OLIVEIRA, 2014, p. 110). As saudades em relação às pessoas que já faleceram parecem ter uma expressão de intensidade que seguem uma lógica de comunidades relacionais (DAMATTA, 1997), tendo a família como referência afetiva e de trabalho, assim como pessoas que são consideradas próximas, como amigos, vizinhos ou companheiros de trabalho e de movimentos sociais.

De acordo com o Quadro 4 (Apêndice D), no caso das histórias analisadas, pode-se chamar atenção para figuras recorrentes como alvo da saudade no Sertão, como a mãe, o pai, irmãos, amigos e vizinhos, o que parece ser alimentado pelo funcionamento relacional das comunidades. Nesse sentido, as reflexões de José Carlos Brandão (1986) oferecem subsídios para compreender como as pessoas-alvo da saudade são construídas também a partir de uma ética camponesa relacionada ao catolicismo rústico a partir dos preceitos sociais de respeito aos mais velhos e respeito à família.

Os familiares, amigos e vizinhos são pessoas cuja dimensão social é indicadora de importância pela dimensão relacional que, podendo ser pensados, a partir das contribuições de Mísia Reensink (2012), como componentes da categoria “entes queridos”. Desse modo, ao se conjecturar a importância social dos “entes queridos”, é possível compreender como a categoria saudade é articulada para dar conta de demandas que são sentimentais e são também voltadas para a manutenção das relações sociais das comunidades rurais do Sertão. De acordo com Dona Aline, o alvo da saudade:

Geralmente, são as pessoas que estiveram próximas, pelo menos comigo funciona assim. No momento que estiver ausente, vai proporcionar esse sentimento de saudade. Seja uma amiga, seja uma pessoa que foi e continua sendo importante na minha vida. É muito mais forte quando é uma pessoa que está mais próxima da tua vida.

Vale chamar atenção para duas pessoas que tiveram destaque nas histórias contadas por Dona Artemis, Dona Hilda e Dona Aline: Netinha, como gostavam de chamar Vanete Almeida, e Manoel Santos.

Vanete foi uma líder feminista proeminente na região, trabalhou pelos direitos das mulheres trabalhadoras rurais desde a década de 1980, atuou no Movimento de Trabalhadoras Rurais do Sertão Central (MMTR), foi coordenadora internacional da Rede de Mulheres Rurais da América Latina e do Caribe (Rede Lac), integrou o Conselho Nacional dos Direitos da Mulher (CNDM), foi indicada junto com outras 51 mulheres do Brasil ao Prêmio Nobel da Paz em 2005, foi presidenta do Centro de Educação Comunitária Rural (CECOR), sediado em Serra Talhada, e faleceu em 11 de setembro de 2012 em decorrência de complicações de câncer de mama.

A importância social de Vanete no Sertão é inegável e sua aproximação com as lutas do campo e pelos direitos das mulheres trabalhadoras rurais a tornou uma forte referência não só como militante, mas também, de acordo com Dona Artemis, um modelo a ser seguido.

Vanete Almeida, por exemplo, é uma pessoa que toda vez que a gente fala se emociona. Era uma pessoa que a gente amava muito. Ela nos cativou e nos deixou cheia de amor por ela. Nas reuniões das mulheres, na abertura, não tem jeito das lágrimas não caírem por causa de Netinha. Quando é abertura de tudo, eu choro. É o que dá e a gente se alivia e toca o barco.

Já Manoel Santos, foi presidente da Confederação Nacional dos Trabalhadores na Agricultura (CONTAg), o primeiro secretário rural da Central Única dos Trabalhadores (CUT), foi dirigente-fundador do Partido dos Trabalhadores (PT) em Pernambuco e deputado estadual também pelo PT. Assim, Manoel Santos também foi uma pessoa de grande importância e que é, por vezes, lembrado nas narrativas de saudade como alguém que contribuiu para o crescimento social, econômico e político da região, conforme ilustra Dona Artemis:

Toda abertura da FETAPE se faz homenagem para ele. Inclusive dia 19 de abril, que é o aniversário de morte dele. Eles colocam o vídeo e aquilo ali não tem jeito pra umas lágrimas não caírem. Quando vem as bandeiras, as fotos, o cântico e aqueles gritos “Manoel Santos presente”, a emoção cresce. Até o hino da FETAPE me faz chorar porque faz recordar tanta gente que já se foi e lutou por aquela entidade.

Desse modo, a saudade de familiares, amigos, vizinhos, ou como chama Mísia Reensink (2012) dos ‘entes queridos’, Vanete Almeida e Manoel Santos parece seguir os preceitos de uma ética social de comunidades relacionais, como o caso das comunidades rurais de Santa Cruz da Baixa Verde, e que vem a fortalecer as relações sociais na região a partir do reconhecimento de importância dos mesmos via saudade e lembrança.

#### 4.2.1.3 Saudades da infância e juventude

Primeiramente, em relação às saudades da infância, devo sinalizar que se trata de uma saudade irreparável, pois não há como tornar a esse tempo de vida, além de estar também em vias de uma saudade mais “doedora”. Assim, interessa circunscrever as especificidades das histórias contadas ao acionarem outras categorias sociais, tais como a roça, o milho, a fome e a seca. Nesse campo, Durval Albuquerque Junior (1999/2011), ao propor a institucionalização geopolítica do Nordeste sob o símbolo da saudade, a partir de uma memória social de seca e precariedades, parece apontar para determinados enredamentos que também compuseram as histórias de saudade que foram contadas por ocasião dessa pesquisa, conforme aponta o Quadro 05 (APÊNDICE E).

Para Tobias (1966), o surgimento da saudade acontece com o surgimento da história vivida. Assim, a infância seria o início da história de vida de cada sujeito que sente saudades e, por isso mesmo, seria um tema indiscriminadamente recorrente. Já DaMatta (1993), ao tomar a saudade como crivo antropológico, subverte a ordem de nascimento da saudade e seus alvos. Em concordância com DaMatta (1993), penso exatamente que há uma referência social de saudade que funciona como mola propulsora desse sentimento para determinadas histórias que são partilhadas socialmente, como por exemplo a infância e juventude.

Por outro lado, Nascimento (2004) aponta que a infância e a juventude são categorias geralmente acionadas via memória saudosa, pois compõem esquematicamente uma lógica de discurso saudoso que perdurou durante o século XX, a exemplo do brincar por sua espontaneidade e não por um recurso lúdico específico. Nesse ponto, penso ser interessante ressaltar certo distanciamento das reflexões propostas pelo autor, posto que as histórias de brincar no Sertão foram destacadas também pelo recurso que era próprio à infância do/as narrador/as, como o sabugo de milho que se transformava em bonecas.

Em um só tempo, o milho foi falado como símbolo de força no roçado, na alimentação e nas brincadeiras. Talvez, de maneira mais específica no Sertão de Pernambuco, o milho tenha um impacto social tamanho que repercute diretamente em uma lógica narrativa local para se contar saudades da infância.

Embora a infância descrita pelas narradoras e pelo narrador contem histórias relacionadas à pobreza, trabalho árduo e dificuldade de acesso à educação, são também histórias marcadamente saudosas pela forma que as relações sociais funcionavam, como diz Dona Ítala.

Sinto muita saudade da minha infância porque foi um pouco sofrida, mas foi bem vivida. Eu me divertia. No passado, você tinha mais tranquilidade, mas você sofria pelos mantimentos porque a gente não tinha alimentação igual a de hoje. A gente andava e trabalhava muito, mas também brincava e tinha aquelas amizades boas. Era bom. Eu gostava. Só que passou e não volta mais.

Assim, a infância foi acionada via saudade como um tempo privilegiado para se viver a roça, tendo o milho como elemento central de plantio, alimentação e brincadeiras das crianças. Ainda que a fome estivesse presente, o preceito de solidariedade em comunidades rurais apareceu em relevo, de modo a qualificar

fortemente um passado vivido coletivamente em detrimento de um presente cada vez mais individualizado e inseguro, compondo o que Maria de Nazareth Wanderley (2009, p. 168) aponta como o “patamar mínimo e outras formas de precariedade” no campesinato brasileiro. Assim, com a impossibilidade de se transmitir um patrimônio material de uma geração a outra, foi transmitido o próprio modo de vida camponês.

Já a juventude foi acionada como um tempo de conscientização pessoal sobre as dificuldades sociais enfrentadas. De acordo com o Quadro 6 (APÊNDICE F), o/as narrador/as contam como passaram a perceber com mais afinco a jornada de trabalho da família, a fome, a falta de recursos materiais, de educação e de alimentação que viviam.

A juventude foi relatada como o tempo em que muitos começaram a trabalhar fora, isto é, começaram a migrar para outros estados do país em busca de qualidade de vida, começaram a vender bordados, ou ainda, começaram a dar “trabalhadas”, como diz Seu Heitor, em engenhos da região ou em outros roçados para o corte de cana.

Eu sinto saudade das trabalhadas e dos colegas tudinho reunido. Trabalhar em grupo é mais melhor. Um só é muito devagar. Quando é oito, dez, é coisa animada. A gente se lembra dos colegas. Às vezes, almoçava na casa de um. Quando eles vinham trabalhar pra meu lado, na minha região, atendia alguém. Era negócio de cortar cana, limpar mato, essas coisas assim. Era um tempo corrido, mas era um tempo animado.

Além da dimensão do trabalho, é interessante ressaltar que a juventude também foi relatada como o tempo de vida em que aventuras, namoros e festas ganharam espaço. Eventos que são contados como diferentes daqueles vividos pelos jovens atualmente, conforme fala Dona Ítala.

Dançava pro chapéu quebrar. Eu aprontei. Eu gostava de ir pro salão e ia pro forró. Chegava cedo da noite que era pra eu ser a última a sair. Quando começava o arrasta pé, eu já estava pulando no meio do salão. Dançava muito, mas essa dança acabou. Essa dança de hoje Deus me livre. Uma dança esquisita. Não dou conta, mas a de antes era muito boa.

Assim, enquanto a infância é retratada pela vivência na roça, das brincadeiras com o milho e de inúmeras precariedades, a juventude é saudosamente contada por

histórias que remontam a conscientização das dificuldades vividas, do ingresso no trabalho assalariado e das festas.

#### **4.2.2 Velhos sentem mais saudade**

Esse eixo analítico foi criado a partir da agremiação de fragmentos narrativos sobre o tema da saudade e velhice. A partir das histórias contadas, outro tema considerado de importância foi como os velhos sentem uma saudade diferente dos demais, uma saudade mais acentuada e, por vezes, mais doída, como apresenta o Quadro 07 (APÊNDICE G) e conforme ilustra a seguir a fala de Dona Artemis e Dona Aline.

Antigamente, ninguém era velho. Os idosos acumulam mais saudade. A saudade vai matando os outros desejos. Enquanto tem parente, eles estão sofrendo por aquelas pessoas e sentem aquela saudade de não poder estar mais saindo. A juventude não. Os jovens podem se divertir e vão esquecendo a saudade rápido, porque vai namorar, vai dançar, vai beber, vai conversar com os amigos, vai para festa, vai para vaquejada. Pra juventude é mais fácil porque vão se alimentando do amor e vão cuidando das crianças. Na verdade, vão vivendo pra aquelas crianças, vai naquela luta e vai esquecendo. O tempo vai passando pra eles, mas pro idoso não porque a saudade está ficando (DONA ARTEMIS).

Eu acho que que as pessoas mais jovens sentem saudade diferente das mais velhas. (...) As alegrias também são diferentes, as pessoas mais velhas demonstram mais o sofrimento, de recolher, de ficar mais isolado. Nesse sentido, o público mais jovem é diferente. Claro que, dependendo do que você tem como manutenção, na sua vida, da própria questão cultural, familiar que você foi criado interfere (DONA ALINE).

De maneira mais específica, as histórias contadas enfatizam que os velhos sentem mais saudade pois, se por um lado eles se preocupam intensamente com os mais jovens, por outro, já não há mais quem se preocupe com eles. Se, segundo Gebara (2010), a saudade só é sentida a partir da própria experiência de vida, quanto maior o passado, maior seria a saudade sentida.

No entanto, penso que os velhos não sentem mais saudade porque se tratam de um depositário de experiência, mas porque, ao longo de sua vida, provavelmente tiveram mais experiências de ausência e de vivência da passagem do tempo que os

mais jovens, o que permite mais possibilidade de acionamento social da saudade. Os jovens, por sua vez, também não sentem menos saudade porque se tratam de um pequeno armazenamento de experiência, mas porque nesse momento da vida outras categorias sociais lhes são acionadas mais vigorosamente, como a sexualidade, o trabalho, migração etc.

Também a noção de sentir saudade apenas através da experiência própria pode ser tensionada por Adriano Nascimento (2004), pois é possível a partilha social da saudade de lugares nunca antes visitados desde que sejam contados por uma pessoa querida, ou ainda, é possível sentir saudades de pessoas nunca antes conhecidas desde que sejam contadas também por pessoas queridas.

Nesse sentido, uma vez que a categoria da saudade é acionada, o passado pode ser revisto com lentes mais generosas do que o presente. É, então, pelo operador da saudade que o passado é modificado para produzir histórias que deem conta de um dia a dia difícil.

#### **4.2.3 Para alimentar e para matar a saudade**

Esse eixo de análise foi formado a partir da integração de fragmentos narrativos voltados para a forma de vivência da saudade a partir do uso de alguns recursos que ora facilitam alimento para saudade, ora proporcionam sua diluição, como as tecnologias voltadas para comunicação, as fotografias e músicas (Cf Quadro 08, APÊNDICE H).

De acordo com as histórias contadas, enquanto as fotografias e as músicas parecem funcionar como alimento de saudades irreparáveis, a tecnologia voltada para a comunicação, sobretudo a partir do uso das redes sociais, parecem aplacar esse sentimento pois está voltada para as saudades saciáveis. Dona Francyne descreve como a sua vivência de saudade hoje é diferente daquela sentida no passado.

Hoje em dia, a gente sente a saudade, mas já não é como aquela saudade daquele tempo porque tem o meio de comunicação. Todo dia dá para falar e ver as pessoas. A tecnologia está muito avançada. A pessoa tem saudade de estar perto, mas vê, conversa e sente no coração. No tempo da minha juventude, as coisas eram muito difíceis. Era difícil até tirar uma foto. Tem família que não tem uma recordação, uma foto de pai nem da mãe porque, na época, não tinha um fotógrafo, não tinha condição, não tinha nada. Era muito difícil. [...] Eu guardo a roupa de mãe e de pai com todo carinho. Tenho também a foto de uma freira lá do Stella Maris que foi mesmo que minha segunda mãe. Daí eu alimento e mato um pouco a saudade (DONA FRANCYNE)

Nesse sentido, o uso do telefone celular e das redes sociais marcam uma diferença grande sobre a produção de saudade no Sertão. Aos familiares que migraram para outras regiões em busca de melhores trabalhos é possível contato em tempo real seja por chamadas de áudio seja também com vídeo chamadas, de tal modo que as cartas caíram em desuso

É possível pensar, com o apoio de Michel Oliveira (2018) que a fotografia pode ser compreendida como saudade e como suporte para a própria saudade. Isso porque a fotografia trata de um recorte espaço-temporal que já se foi, que já se fez ausente. Contudo, cabe ainda assinalar a dimensão paradoxal da fotografia como recurso voltado para a memória, uma vez relacionada à saudade. Explico: a fotografia ora retrata uma presença, ora funciona como prova de ausência (SONTAG, 2004).

É justamente essa natureza paradoxal da fotografia que mobiliza emoções de prazer e de dor no que se refere à saudade. Ainda segundo Oliveira (2018), a relação entre fotografia e saudade é intrínseca pois, socialmente, o registro de instantâneos foi concebido como substrato-ouro da memória. “Nesse contexto, é possível afirmar que a fotografia – com todas as suas complexidades conceituais – estabelece relação bastante próxima com a saudade, tornando-se suporte ideal para que o indivíduo saudoso realize a transcendência necessária para reavivar simbolicamente a presença do ser amado que já não vive” (OLIVEIRA, 2018, p. 59).

Nesse sentido, as fotografias da família, de casamentos, da infância ou dos filhos são transmutadas em relicários afetivos, como denomina Kossoy (2005, p. 42). Há uma noção social de que as imagens fixadas pelas fotografias têm a potencia de suplantarem sujeitos ou cenas, que podem inclusive serem transportados através do espaço e do tempo.

Não por acaso, na ausência de fotografias, o/as narrador/as lamentam não ter esse recurso, esse substrato de alimento para a saudade, e relatam guardar outras materialidades, como roupas e cabelo de pessoas que estão ausentes, conforme explica Dona Aline:

Eu não tive muitas fotografias. Eu acho que seria uma lembrança que eu desejaria muito até hoje. Então, eu tenho uma foto, que era pequena, mas não bebê. Eu sinto muita falta dessa foto bebê. Eu queria ter tido essa foto bebezinha, e eu dizia pra *mainha* e ela respondia: “Minha filha, as condições eram outras”. A minha irmã tem uma foto bebezinha e ela diz: “Mas foi a madrinha dela que tirou.” Eu

respondo: “Mas tinha que ter tirado uma”. Aí, você acaba fazendo isso com os sobrinhos. Você tira várias fotos pra não pecar faltando. [...] Eu guardo o cabelo da minha mãe. Eu tenho um pouquinho do cabelo dela guardado comigo. Tenho meu caderninho que eu anotava quando estava acompanhando sua internação na UTI. Quando eu sinto muita falta, eu vou lá. É que nem fosse uma consulta: você ir lá pra ver e sentir. Passei muito tempo com as roupas de *mainha*. Eu não dei pra ninguém. Inclusive, minhas tias queriam uma peça de roupa pra guardar. Elas também tinham vontade de ter. Eu dei umas coisas dela e elas guardaram. Eu peguei as coisas e guardei no guarda roupa: “Pronto. Vai ficar guardadinha as coisas de *mainha*”. Porque eu organizei e levou um bom tempo pra mim. Não dizia nada, nem que guardasse e nem que não guardasse. Eu queria que tivesse lá, guardada, preservada. Eu ia lá olhar, dobrar... Não era uma coisa rotineira, mas fazia. Então, esse ano passado foi quando eu consegui. Foi de 2012 pra cá. Foi ano passado que eu organizei e perguntei a minha tia: “Ô, tia, a senhora não quer não algumas coisas de *mainha*?”. Aí, eu comecei a mexer e ainda tem mais coisa. Já consegui me desprender de certa forma da roupa. Se alguma delas quiser o que ainda tem lá, é tranquilo levar o que tem hoje. Menos o cabelo, essas coisinhas, isso não. Isso eu não dou nem pra irmão. Tá lá comigo guardado. Guardadinho. Era o frizozinho que ela usava no cabelo e tinha uns fiozinhos, aí eu guardei. Isso eu não dou não. É que nem você não quisesse confirmar que aquela pessoa não está mais (DONA ALINE).

As músicas, por seu turno, também se apresentaram como um recurso fecundo para alimentar a saudade, conforme explica Seu Heitor:

Para ajudar a lembrança é mais música. Quando começa a tocar, cantar, falar, a pessoa lembra. Eu não sei se a mulher [esposa] tem um cuidado em mim. Eu não preciso ter cuidado de mulher. Outro dia, eu estava encostado no canto da mesa, passou uma música, eu subi na emoção e saiu água dos olhos. Eu acho que ela ficou cismada, pensando bem que eu estava lembrando de alguém. O ‘cabra’ pode lembrar de alguém, mas não era mais interessado e passou aquele tempo bom (SEU HEITOR)

Nascimento (2004, p.16) aponta o tema da saudade com uma presença forte na Música Popular Brasileira (MPB) em interface com outras categorias como da “infância feliz, da cidadezinha onde se nasceu, da casa no campo, da juventude, da cidade de antigamente, dos bairros que não são mais os mesmos, dos trilhos dos bondes, do tempo em que se ganhava bem e no qual o dinheiro dava, da boemia, dos velhos carnavais, do primeiro amor, do verdadeiro amor, do tempo em que homem era homem e mulher era mulher, da cordialidade”, por exemplo.

Finalmente, não é de se estranhar que o processo de ouvir música traga a reboque uma identificação entre o/a ouvinte saudoso/a e a letra cantada, de modo que

a saudade é reafirmada socialmente a partir dessas produções, ao mesmo tempo que incita cada vez mais produções musicais.

#### 4.2.4 Tempos de sentir saudade

Esse eixo de análise foi pensado a partir de trechos narrativos voltados para a vivência da saudade a partir de tempos e festividades sociais específicos, como Semana Santa, Mês de Maio (mês mariano e dia das mães), São João, Santo Antônio, São Jose, Dia de Finados, Natal e aniversários, como indicado no Quadro 09 (APÊNDICE I).

Desse modo, é preciso ponderar sobre as provocações de DaMatta (1993) em relação ao discurso saudoso a partir somente de uma temporalidade íntima, uma temporalidade caseira, que foge às datas nacionais. A partir das histórias de saudade, foi possível pensar que, além do tempo caseiro, algumas datas nacionais também funcionaram localmente como partilha social nas comunidades rurais de Santa Cruz da Baixa Verde e, assim, foram relatadas como mais propícias para a vivência e expressão da saudade, como apresenta Dona Aline:

[...] Então, pra mim, o dia das mães é um momento que fica muito aflorada a questão da saudade. O dia de finados também. Quando uma pessoa falece, eu vou visitar. São momentos que se eu vir o sofrimento de outra pessoa porque perdeu alguém, um ente querido, eu sofro com aquela pessoa. [...] Pra mim, estar na Igreja nesses momentos é uma demarcação. É um aniversário, que você comemora um aniversário de falecimento. Eu não vejo mais fisicamente essa pessoa, então você demarca isso. Hoje, está com cinco anos. Então, eu fui pra Igreja e celebrei missa. Tive todo esse cuidado, então você tem os elementos que te faz sempre estar lembrando. [...] Os acontecimentos na casa pra representar a semana santa também são importantes. A gente tem o dia do nosso almoço que é um momento que a gente toda vez chora porque todas lembram. Tanto nós, filhos, como as irmãs dela porque a gente diz: "Tá com tantos anos que ela estava aqui com a gente." Então, alimentar o que ela fazia é o que a gente continua fazendo. Rezar tal qual era uns faz com que a gente fique lembrando. Semana santa, *mainha* fazia o almoço pra família e a gente continua há cinco anos fazendo e, há cinco anos, nesse dia a gente chora lembrando.

Sexta-feira santa é um dia muito grande pra quem é católico e até pros protestantes pelo respeito aquele momento. [...] No São João, a gente se reunia e vinha gente de fora. Quando a gente encontra um familiar que mora fora, vem de novo aquela saudade. Quando chega, a primeira coisa é: "Eita, tia Selma não está mais." Então, as pessoas quando chegam também faz lembrar. [...] Tem alguns momentos no ano que a gente sente mais saudade. Se eu for pensar nas pessoas

que morreram... Quando chega 20 de julho é aniversário de *mainha*, então: "*mainha* faria tantos anos". Eu lembro. Dia das mães, dia de finados, dia de falecimento, semana santa, então, são datas que marcam.

Desse modo, ainda que sejam datas de referência nacional, as festividades e celebrações vividas saudosamente parecem seguir a lógica de uma vivência que é também experienciada de maneira íntima, pois se trata de um tempo que interliga as histórias familiares e tradicionais às histórias de hoje.

Assim, as datas ressaltadas nas narrativas como privilegiadas para o sentir saudade foram também apontadas por Cascudo (2002) como centrais para as pessoas do povo, ou em outras palavras, para as comunidades rurais do Sertão. Datas que são voltadas para reviver um passado idealizado e mítico em detrimento de um presente duvidoso.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Uma empreitada intensa é encerrar um trabalho que centraliza suas reflexões sobre a saudade no Sertão. Posso dizer que se tratou de uma jornada que me despertou um contato profundo com histórias regadas a lágrimas e sorrisos. Histórias cuja tessitura formara um bordado colorido ora de pontos apertados, ora de pontos afrouxados. Histórias contadas como uma homenagem às pessoas que se ama e ao tempo passado e histórias que foram silenciadas porque a dor saudosa se tornara insuportável.

Assim, busquei compreender os sentidos da saudade e tomei como objeto as narrativas contadas por mulheres e homens rurais do Sertão, mais especificamente do município de Santa Cruz da Baixa Verde - PE. O argumento teórico teve o suporte de Roberto DaMatta (1993), e compreendeu a saudade como um crivo antropológico que produz práticas socialmente construídas e que tem suas especificidades de acordo com demandas locais.

Nesse sentido, penso que a saudade opera paradoxalmente sobre vivências da passagem do tempo e de experiências de ausência, sejam elas 'com esperança', sejam elas mais 'doedoras', como chamou Dona Artemis. As saudades com esperança se referiram aquelas em que o objeto alvo da saudade pode ser revisitado ou reencontrado, como no caso das pessoas amadas que migraram para o corte de cana em São Paulo ou Minas Gerais, enquanto que as mais 'doedoras' são aquelas em que o reencontro é impossível, como no caso da morte ou dos tempos idos.

O processo de pesquisa foi realizado a partir da produção de narrativas e contou com uma inspiração etnográfica, cujo exercício de investigação foi pensado também como prática social (SPINK, MENEGON, 1999). As viagens de campo foram realizadas entre abril e julho de 2017, com a produção de dados a partir de entrevistas narrativas, conversas, observações de inspiração etnográfica, fotografias e anotações de campo.

Assim, foram entrevistadas seis mulheres rurais e um homem rural que contaram histórias sobre saudade. Todas as entrevistas narrativas foram audiogravadas e transcritas, sendo organizadas em um texto único para cada narrador/a a fim de apresentar as diferentes histórias contadas.

As histórias foram lidas e relidas até que trechos narrativos com conteúdos comuns pudessem ser conectados para fins de análise temática (RIESSMAN, 2008).

Foram criados então cinco códigos de análise: 1) Sentidos da saudade; 2) Velhos sentem mais saudade, 3) Para alimentar e para matar a saudade e 4) Tempos de sentir saudade.

No primeiro código de análise, **Sentidos da saudade**, foi possível situar os diferentes direcionamentos que a saudade pôde assumir nas histórias contadas. A saudade acionou outras três categorias de análise, como o amor (só sente saudades aquele/a que ama), a infância e a juventude.

Já no segundo código, **Velhos sentem mais saudade**, foi discutido como pessoas mais velhas vivenciam a passagem do tempo e as experiências de perda de maneira diferente dos mais jovens, conseqüentemente, acionando socialmente a categoria saudade com mais intensidade.

No terceiro código, **Para alimentar e para matar a saudade**, foi analisado como as fotografias e música podem atuar como suporte social da saudade, enquanto a tecnologia da comunicação, sobretudo o telefone celular e as redes sociais, têm funcionado como recursos para apaziguar esse sentimento.

Por fim, no quarto código, **Tempos de sentir saudade**, foi possível situar como o mês de maio, Semana Santa, as festividades juninas, Finados, Natal e aniversários são concebidos como momentos mais propícios para sentir e expressar saudade, pois são ao mesmo tempo uma referência no calendário nacional e um tempo íntimo em comunidades rurais do Sertão para se conectar com seus familiares, amigos e vizinhos.

## REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. As sombras do tempo: a saudade como maneira de viver e pensar a história. *In*: Org. ERTZOGUE, Marina Haizenreder; PARENTE, Temis Gomes. **História e sensibilidade**. Brasília: Paralelo 15, 2006.

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. (1999) **A invenção do Nordeste e outras artes**. 5ª. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. Pedagogias da saudade: a formação histórica de consciências e sensibilidades saudosistas. A vida e o trabalho do poeta e professor português Antonio Corrêa d'Oliveira. **Revista História Hoje**, v.2, no. 4, p.149-174. 2013.

BOSI, Ecléa. (1979) **Memória e sociedade**: lembranças de velhos. 10ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

BOSI, Ecléa. **O tempo vivo da memória**: ensaios de psicologia social. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Os deuses do povo**: um estudo sobre a religião popular. São Paulo: Editora Brasiliense, 1986.

BRAZ, Adelino. **L'universel et le singulier dans la saudade: une philosophie de l'interculturel**. Paris: Éditions Lusophone, 2005

BRASIL. IBGE. **Brasil em síntese**: Santa Cruz da Baixa Verde. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pe/santa-cruz-da-baixa-verde/panorama>. Acesso em 04 de dez de 2018.

CARVALHO, Joaquim. (1952) Elementos constitutivos da consciência saudosa. **Revista Filosófica**. Ano 20. Lisboa: Lisboa Editora, 1998.

CASCUDO, Luís da Câmara. **Anúbis e outros ensaios**. 2a ed. Rio de Janeiro: FUNARTE/ INF/Achiamé/UFRN, 1983.

CASCUDO, Luís da Câmara. Um provinciano incurável. **Província**. Natal: IHGRN, nº 2, Pp. 5-6, 1968.

CASCUDO, Luís da Câmara. (1974). Religião no povo. *In*: CASCUDO, Luís da Câmara. **Superstição no Brasil**. São Paulo: Global, 2002.

CASCUDO, Luís da Câmara. **Dicionário do Folclore Brasileiro**. 11. ed. ilustrada. São Paulo: Global, 2002.

CASCUDO, Luís da Câmara. **Locuções tradicionais no Brasil**. São Paulo: Global, 2004.

CLANDININ, D. Jean; CONNELLY, F. Michael. (2004) **Pesquisa narrativa: experiência e história em pesquisa qualitativa**. Tradução Grupo de Pesquisa Narrativa e Educação de Professores ILEEL/UFU. Uberlândia: EDUFU, 2011.

CORDEIRO, Rosineide de Lourdes Meira. **Além das secas e das chuvas: os usos da nomeação mulher trabalhadora rural no Sertão de Pernambuco**. 2004. Tese (Doutorado em Psicologia Social) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2004.

CORDEIRO, Rosineide de Lourdes Meira. Vidas de agricultoras e histórias de documentos no Sertão Central de Pernambuco. **Revista Estudos Feministas**, v.15, n.2:240, p.453-460, 2007.

CORDEIRO, Rosineide de Lourdes Meira; CARDONA, Milagros C.Garcia. A previdência rural e a constituição de modos de ser mulher trabalhadora rural no Sertão de Pernambuco. In: SOUZA, Solange Jobim; MORAES, Marcia (orgs.) **Tecnologias e modos de ser no contemporâneo**. Rio de Janeiro: PUC-Rio/7 Letras, 2010.

CORDEIRO, Rosineide de Lourdes Meira. **Gênero, pobreza e documentação civil em contextos rurais**. Relatório Projeto de Pesquisa. CNPq. Recife, 2011a (mimeo).

CORDEIRO, Rosineide de Lourdes Meira. **Biopoder, gênero e pobreza em contextos rurais: a regulamentação da morte e as práticas de resistência no Sertão de Pernambuco**. Projeto de Pesquisa CNPq. Recife, 2011b (mimeo).

DAMATTA, Roberto. Entrevista. **Revista Escritos**, Ano 6, no. 6, 2012. Disponível em: [http://www.casaruibarbosa.gov.br/escritos/numero06/escritos%206\\_14\\_entrevista.pdf](http://www.casaruibarbosa.gov.br/escritos/numero06/escritos%206_14_entrevista.pdf)) Acesso em jan 2017.

DAMATTA, Roberto. **Conta de Mentiroso: sete ensaios de antropologia brasileira**. Rio de Janeiro: Rocco, 1993.

DAMATTA, Roberto. **A casa & a rua: espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil**. 5ªed. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

DUARTE, Dom. (1438) **Leal conselheiro e livro da ensinança de bem cavalgar toda a sela**. 2ª. ed. Coimbra: Coleção Literária Atlantida, 1973.

DE FINA, Anna; GEORGAKOPOULOU, Alexandra. **Analyzing Narratives**. Cambridge, Cambridge University Press, 2012.

DENZIN, Norman K.; LINCOLN, Yvonna S. Introdução: a disciplina e a prática da pesquisa qualitativa. In: DENZIN, Norman K; LINCOLN, Yvonna S. (org). **O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens**. Porto Alegre: Artmed, 2006.

FLICK, Uwe. **Introdução à pesquisa qualitativa**. Tradução Joyce Elias Costa. 3ª.ed. Porto Alegre: Artmed, 2009.

FRAGA, Maria do Céu. Um historiador «esquisito»: a Epanáfora Amorosa de D. Francisco Manuel de Melo. Península. **Revista de Estudos Ibéricos**. n.º 6. Porto, 2009, p. 93-100.

FREYRE, Gilberto. **Casa-grande e senzala**. Rio de Janeiro: Maia & Smith, 1933.

FREYRE, Gilberto. **Tempo morto e outros tempos**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1975.

GARCIA, Jorge Mendonza. *Las formas del recuerdo: la memoria narrativa*. **Athenea Digital**, 6, 2004.

GEBARA, Ivone. **O que é saúde**. São Paulo: Editora Brasiliense, 2010.

GIBBS, Graham. **Análise de dados qualitativos**. Tradução: Roberto Costa. Consultoria, supervisão e revisão desta edição Lorí Viali. Porto Alegre: Artmed, p. 80-96, 2009.

GUBRIUM, J.F.; HOLSTEIN, J.A. **Analysing narrative reality**. Los Angeles: Sage Publications, 2009.

HALBWACHES, Maurice. (1950) **A memória coletiva**. Trad. Beatriz Sidou. 2ª ed. São Paulo: Centauro Editora, 2013

KIND, Luciana.; CORDEIRO, Rosineide de Lourdes Meira. **Narrativas sobre morte: experiências de mulheres trabalhadoras rurais e mulheres vivendo com HIV/AIDS**. CNPq. Belo Horizonte, 2012 (mimeo).

KOSSOY, Boris. Fotografia e memória: reconstituição por meio da fotografia. In.: ETIENNE, Samain. (Org.). **O fotográfico**. 2. ed. São Paulo: Hucitec; Senac, 2005. p. 39-46.

LAGO-FALCÃO, Tânia Maria. **Homem não chora: um estudo sobre viuvez masculina em camadas médias urbanas**. 2009. Tese (Doutorado em Antropologia) – Universidade Federal de Pernambuco. CFCH. Antropologia, 2009.

LEÃO, Duarte Nunes. (1606) **A origem da língua portuguesa**. Lisboa: Prodomo, 1945.

LIMA, Alceu Amoroso. **Meditação sobre mundo interior**. Rio de Janeiro: Livraria Agir Editora, 1955.

LOURENÇO, Eduardo. **O labirinto da saúde: psicanálise mítica do povo português**. Lisboa: Dom Quixote, 1978.

LOWENTHAL, David. **Como conhecemos o passado**. Trad. Lúcia Haddad. Projeto História, São Paulo, (17), nov . 1998.

MAGALHÃES, Antonio. A Filosofia da Saúde. **Revista Portuguesa de Filosofia**, 7(1): 59-71, 1951.

MEDRADO, Benedito; SPINK, Mary Jane; MÉLLO, Ricardo Pimentel. Diários como atuantes em nossas pesquisas: narrativas ficcionais implicadas. In: SPINK, Mary Jane Paris; BRIGAGÃO, Jacqueline Isaac Machado; NASCIMENTO, Vanda Lúcia Vitoriano do; CORDEIRO, Mariana Prioli (Orgs). **A produção de informação na pesquisa social**: compartilhando ferramentas. 1.ed. – Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2014 (publicação virtual).

\_\_\_\_; LYRA, Jorge. Por uma matriz feminista de gênero para os estudos sobre homens e masculinidades. **Revista Estudos Feministas**, v.16, n.3, p.809-840, 2008.

MELO, Dom Francisco Manuel de. (1660) **Epanáforas de vária história portuguesa**. 3ª ed. Ed. Revista e Anotada por Edgar Prestage. Coimbra: Imprensa da Universidade, 1931.

NASCIMENTO, Adriano Roberto Afonso. **Memória dos verdes anos**: saudade da infância na música popular brasileira – uma investigação e uma proposta de análise de dados. Tese de Doutorado. Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória- ES, 2004.

NASCIMENTO, Adriano Roberto Afonso; MENANDRO, Paulo Rogério Meira. Memória social e saudade: especificidades e possibilidades de articulação na análise psicossocial de recordações. **Memorandum**, 8, 2005.

NORA, Pierre. Entre a memória e a história: a problemática dos lugares. **Projeto História**, São Paulo, n.10, p. 1-27, 1993.

OLIVEIRA, Michel. Fotografia e saudade: três considerações sobre a perda. **Novos Olhares**. Vol.7 N.1, 2018.

OLIVEIRA, Vanessa Souza Eletherio de. **Entre as cruzes da estrada**: produções e (in)visibilidades da morte no Sertão de Pernambuco. 2014. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Universidade Federal de Pernambuco. CFCH. Pós-Graduação em Psicologia, 2014.

OLIVEIRA, Vanessa Souza Eletherio de; KIND, Luciana ; CORDEIRO, Rosineide de Lourdes Meira . Em busca de histórias vividas e contadas. **Pedagogia em Ação** (PUC-MG), v. v.7, p. 164-169, 2015.

OLIVEIRA, Vanessa Souza Eletherio de. Morte e gênero: a saudade narrada em favor da lembrança no Sertão de Pernambuco. In: CAMPELO, Lúcia Barreto; MENINO, Silvana; MENEZES, Walfrido. (Org.). **Gênero**: a diversidade além da gaveta. 1ed.Recife: Libertas, 2016, v. , p. 17-33.

OLIVEIRA, Vanessa Souza Eletherio de. A produção da saudade latino-americana: um novo horizonte em Psicologia Social. In: **VI Congresso ULAPSI**. Buenos Aires, 2016b.

OLIVEIRA, Vanessa Souza Eletherio de; CORDEIRO, Rosineide de Lourdes Meira. 'Uma superstição p'ra a lembrança': produções e visibilidades da morte em cruzes de

estradas do Sertão de Pernambuco. **Patrimônio, memória e arte: diálogos interdisciplinares sobre a morte e o culto aos mortos**. 1ed.: 2013, v. , p. 1- 14.

OLIVEIRA, Vanessa Souza Eletherio de. A saudade narrada e a (re)invenção da lembrança: uma inflexão sobre os mortos no Sertão. *In: XVIII Encontro Nacional de Psicologia Social*, 2015, Fortaleza. *Psicologia Social e os atuais desafios ético-políticos no Brasil*, 2015.

ORICO, Oswaldo. **Saudade Brasileira**. Editora S/A A Noite, Rio de Janeiro: 1940.

PATAI, Daphne. **História Oral, Feminismo e Política**. São Paulo: Letra e Voz, 2010.

PASCOAES, Teixeira. Renascença. **A Águia**. Coimbra. N.1, 1912.

PASCOAES, Teixeira. (1915) A arte de ser português. Lisboa: Assírio & Alvim, 1993.

PASCOAES, Teixeira. **Santo Agostinho**. Porto: Livraria Civilização, 1945.

PASCOAES, Teixeira. (1952). Da saudade. In: BOTELHO, Afonso; TEIXEIRA, Antonio Braz (orgs.). **Filosofia da Saudade**. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1986.

PINHARANDA, Gomes. **Dicionário de filosofia portuguesa**. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1987.

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, 1989, p. 3-15.

REAL, Miguel. **Introdução à filosofia da saudade do século XX**. Lisboa: Lisboa Editora, 1998.

REESINK, Mísia Lins. Quando lembrar é amar: tempo, espaço, memória e saudade nos ritos fúnebres católicos. **Etnográfica**. vol. 16 (2), 2012.

REZENDE, Claudia Barcellos Saudades de casa? Identidade nacional no prisma da antropologia das emoções. **Revista Brasileira de Sociologia da Emoção/Grupo de Pesquisa em Antropologia e Sociologia da Emoção da Universidade Federal da Paraíba**, vol. 5, n. 14/15, agosto/dezembro de 2006, João Pessoa: GREM, 2006.

RIESSMAN, Catherine Kohler. **Qualitative Research Methods Series**. Newbury Park, California: SAGE Publications, 1993.

RIESSMAN, Catherine Kohler. **Narrative Methods for the Human Sciences**. California: Sage Publications, 2008.

ROSA. João Guimarães. **Grande Sertão: veredas**. Rio de Janeiro: Editora Nova Aguilar, 1994.

SÁ, Celso Pereira. As memórias da memória social. In: Celso Pereira Sá (Ed.), **Memória, imaginário e representações sociais** (pp. 63-86). Rio de Janeiro, RJ: Editora do Museu da República, 2005.

SARAIVA, Antonio José. **A cultura em Portugal: teoria e história**. Livro I – Introdução geral à cultura portuguesa. Lisboa: Gradiva, 1994.

SÉRGIO, Antonio. Epístolas aos Saudosistas. **Revista A Águia**. II Série, no. 22, Porto, 1913.

SILVEIRA, Leonardo Lucena Pereira Azevedo da. **Em busca do tempo querido: um estudo antropológico da saudade**. 2007. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2007.

SILVEIRA, Leonardo Lucena Pereira Azevedo da. Para além da origem da palavra saudade (ou antropologia de um sentimento coletivo). **Revista Litteris**. n.4. março de 2010.

SILVA, Zuzzana Bulat. **Saudade: a key portuguese emotion**. **Emotion Review**. Vol.04, no.2 (april 2012) p.203-211.

SONTAG, Susan. **Sobre fotografia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

SPINK, Mary Jane P.; MENEGON, Vera Mincoff. A pesquisa como prática discursiva: superando os horrores metodológicos. In: SPINK, Mary Jane P. (org) **Práticas discursivas e produção de sentidos no cotidiano**. São Paulo: Cortez, 1999. P. 63-92.

TEIXEIRA, António Braz. **Filosofia da saudade**. Lisboa: QN III Editora, 2006.

TOBIAS, José Antonio. **O Mistério da Saudade**. Coleção de Boletins – n. 6. Cadeira de História e Filosofia da Educação n.1. Marília, 1966.

VASCONCELLOS, Carolina Michaelis. (1914) **A Saudade Portuguesa: divagações filosóficas e lítero-históricas em volta de Inês de Castro e do cantar velho Saudade Minha – quando te veria**. Edição Renascença Portuguesa, Porto: 1994.

WANDERLEY, Maria de Nazareth Baudel. **O mundo rural como um espaço de vida: reflexões sobre a propriedade da terra, agricultura familiar e ruralidades**. Porto Alegre, Editora da UFRGS, 2009. p.155-184.

WEBER, Florence. A entrevista, a pesquisa e o íntimo, ou por que censurar seu diário de campo? **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 15, n.32, p. 157- 170, jul/dez, 2009.

## APÊNDICE A - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

### TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

Prezado/a participante,

Você está sendo convidado(a) a participar da pesquisa “Sobre saudades contadas: um estudo com narrativas no Sertão de Pernambuco”, desenvolvida por Vanessa Souza Eletherio de Oliveira.

**O objetivo central do estudo é:** analisar os sentidos da saudade no Sertão de Pernambuco, assim como compreender como são acionadas outras categorias analíticas.

Ressalto que sua participação é voluntária, isto é, se decidir participar da pesquisa em tela, é importante que leia as informações a seguir e o seu papel enquanto participante. Neste e a qualquer momento, você pode desistir de participar e retirar seu consentimento. Sua recusa não trará nenhum prejuízo em sua relação com a pesquisadora. No caso de você decidir retirar-se do estudo, deverá notificar a pesquisadora. Caso queira participar da pesquisa, é preciso entender a natureza e os riscos da sua participação e dar aqui o seu consentimento livre e esclarecido, passando a assinar este Termo.

“Serão garantidas a confidencialidade e a privacidade das informações por você prestadas.”

#### **Mecanismos para garantir a confidencialidade e a privacidade**

Qualquer dado que possa identificá-lo será omitido na divulgação dos resultados da pesquisa e o material será armazenado em local seguro.

A qualquer momento, durante a pesquisa ou posteriormente, você poderá solicitar da pesquisadora informações sobre sua participação e/ou sobre a pesquisa, o que poderá ser feito através dos meios de contato explicitados neste Termo.

#### **Procedimentos detalhados que serão utilizados na pesquisa**

Se concordar em participar deste estudo, a sua participação consistirá na realização de uma entrevista narrativa junto à pesquisadora. A entrevista narrativa terá uma pergunta norteadora, podendo ter mais algumas questões a fim de tirar dúvidas. O contato inicial com os/as participantes será diretamente realizado a partir de indicações realizadas pelo Sindicato de Trabalhadores Rurais de Santa Cruz da Baixa Verde. Em caso de aceite de participação da pesquisa, será realizada uma entrevista que somente será gravada se houver autorização do/a entrevistado/a.

#### **Tempo de duração da entrevista/procedimento/experimento**

Tempo de duração da entrevista narrativa: em média 60 a 90 minutos por pessoa.

### **Guarda dos dados e material coletados na pesquisa**

As entrevistas serão transcritas e armazenadas, em arquivos digitais, mas somente terão acesso ao conteúdo a pesquisadora.

Ao final da pesquisa, todo material será mantido em arquivo, por pelo menos 5 anos, conforme Resolução 466/12 e orientações do CEP.

### **Explicitar benefícios diretos (individuais ou coletivos) ou indiretos aos participantes da pesquisa**

A importância da pesquisa reside no fato de que ela permitirá a produção de narrativas colhidas diretamente do relato das pessoas e tais narrativas serão publicadas, promovendo reflexão sobre a temática. Esse material será disponibilizado para pesquisadores, universidades e instituições similares. Isto tem potencial de gerar benefícios para o público em geral e em particular para o público mulheres e homens rurais.

O benefício (direto ou indireto) está relacionado a possibilidade dos/as participantes falarem abertamente sobre suas vivências relativas à saúde, configurando-se a entrevista narrativa, enquanto espaço legítimo para tal finalidade. Um benefício direto a ser oferecido a cada sujeito da pesquisa será a entrega de material impresso sobre a temática da pesquisa.

A devolução dos resultados será feita da seguinte forma: a pesquisadora retornará à residência dos participantes e dará o retorno sobre o trabalho desenvolvido, além de convidar todos os/as participantes a assistirem a defesa pública de tese da pesquisadora e entregar uma via do trabalho impresso. É importante destacar aqui, que não haverá custos, nem retribuição financeira, caso aceite participar da pesquisa. Se ocorrerem despesas para o sujeito, essas serão integralmente e adequadamente ressarcidas pela pesquisadora.

### **Previsão de riscos ou desconfortos**

O material contendo as gravações ficará sob a guarda pessoal da pesquisadora, de modo a evitar qualquer vazamento de informações. Nas entrevistas, o risco envolvido é muito reduzido, pois as falas e a interação estimuladas são livres. Cada participante só falará o que quiser falar, não precisando expor o que não quiser. A pesquisadora terá muita cautela nos conteúdos abordados na entrevista, visando não causar desconforto, dada a natureza do tema da pesquisa. Na técnica de produção de dados pode haver o incômodo ou inconveniente de investimento do tempo do voluntário da pesquisa; tende a ocorrer também o desconforto e talvez algum constrangimento, para alguns, pelo temor de ter que falar de coisas muito pessoais. Para minimizar tais ocorrências a pesquisadora vai alertar o voluntário, desde o começo, sobre a sua liberdade para se esquivar de perguntas e se negar a respondê-las, a qualquer momento.

### **Sobre divulgação dos resultados da pesquisa**

Os resultados serão divulgados em palestras dirigidas ao público participante, relatórios individuais para os entrevistados, artigos científico, livros, periódicos especializados e publicação de tese de doutorado.

### **Observações:**

1. **Esse termo** é redigido em duas vias, sendo uma para o participante e outra para o pesquisador. **Informamos** que todas as páginas deverão ser rubricadas pelo participante da pesquisa e pelo pesquisador responsável (ou pessoa por ele

delegada e sob sua responsabilidade), com ambas as assinaturas apostas na última página.

Por fim, deixo o contato da pesquisadora responsável: [vanessaeletherio@gmail.com](mailto:vanessaeletherio@gmail.com) e telefone (81) 9.9754-6174. Faculdade Estácio do Recife, Avenida Engenheiro Abdias de Carvalho, 1678 – Madalena – Recife- PE. (81) 3226-8800 – CEP: 50720-635

Em caso de dúvida quanto à condução ética do estudo, entre em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa da Faculdade Estácio do Recife. O Comitê de Ética é a instância que tem por objetivo defender os interesses dos participantes da pesquisa em sua integridade e dignidade e para contribuir no desenvolvimento da pesquisa dentro de padrões éticos. Dessa forma o comitê tem o papel de avaliar e monitorar o andamento do projeto de modo que a pesquisa respeite os princípios éticos de proteção aos direitos humanos, da dignidade, da autonomia, da não maleficência, da confidencialidade e da privacidade.

E-mail: [comite.etica@estacio.br](mailto:comite.etica@estacio.br)

Endereço: Faculdade Estácio do Recife, Avenida Engenheiro Abdias de Carvalho, 1678 – Madalena – Recife- PE. (81) 3226-8830 – CEP: 50720-635

Se desejar, consulte ainda a Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (Conep):

Tel: (61) 3315-5878 / (61) 3315-5879

e-mail: [conep@saude.gov.br](mailto:conep@saude.gov.br)

---

Nome e Assinatura da Pesquisadora

***Contato com a pesquisadora responsável:***

***Tel: 81-9.9754-6174***

***e-mail: [vanessaeletherio@gmail.com](mailto:vanessaeletherio@gmail.com)***

\_\_\_\_\_, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2017.

Declaro que entendi os objetivos e condições de minha participação na pesquisa e concordo em participar.

---

(Assinatura do participante da pesquisa)

Nome do participante:

## APÊNDICE B - TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM E VOZ

### TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM E VOZ

#### Pessoa maior de 18 anos

Neste ato, e para todos os fins em direito admitidos, autorizo expressamente a utilização da minha imagem e voz, em caráter definitivo e gratuito, constante em fotos e filmagens decorrentes da minha participação na pesquisa de Doutorado, a seguir discriminado:

Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Pernambuco  
Título do projeto: Sobre saudades contadas: um estudo com narrativas no Sertão de Pernambuco

Pesquisadora Vanessa Eletherio

Orientadora Profa Dra. Rosineide Cordeiro

O objetivo central do estudo é: analisar os sentidos da saudade no Sertão de Pernambuco, assim como compreender como são acionadas outras categorias analíticas.

As imagens e a voz poderão ser exibidas: nos relatórios parcial e final do referido projeto, na apresentação áudio-visual do mesmo, em publicações e divulgações acadêmicas, em festivais e premiações nacionais e internacionais, assim como disponibilizadas no banco de imagens resultante da pesquisa e na Internet, fazendo-se constar os devidos créditos.

A pesquisadora fica autorizada a executar a edição e montagem das fotos e filmagens, conduzindo as reproduções que entender necessárias, bem como a produzir os respectivos materiais de comunicação, respeitando sempre os fins aqui estipulados.

Por ser esta a expressão de minha vontade, nada terei a reclamar a título de direitos conexos a minha imagem e voz ou qualquer outro.

\_\_\_\_\_, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2017.

---

#### Assinatura

Nome: \_\_\_\_\_

RG.: \_\_\_\_\_ CPF: \_\_\_\_\_

Telefone1: (    ) \_\_\_\_\_ Telefone2: (    ) \_\_\_\_\_

Endereço: \_\_\_\_\_

## APÊNDICE C - QUADRO 3: CÓDIGO 1: SENTIDOS DA SAUDADE

Quadro 3: Código 1: Sentidos da saudade

Narrador/a	Fragmento de Narrativa
Dona Artemis	<p><b>A gente sempre sente saudade.</b> A saudade dói. A sorte é que ainda tem os olhos, a lágrima cai e vai desabafando por dentro. Eu não gosto de ficar noite sem dormir, mas tem noite que eu fico recordando e passa aquele filme. (...)</p> <p>A saudade dói, mas a gente não pode dizer que é ruim. Ela é boa porque é um sinal de que a gente já amou e ainda ama (...).</p> <p>Quem ama se apega e não quer se distanciar, mas a ‘distância’ é da vida, dessa caminhada. Tem ‘distância’ por um lado e tem por outro. Tem pela morte e tem também ‘distância’ pela saída pra outros lugares. Muitas vezes, o lugar está difícil, então procura outro pra ver se é mais fácil. Vai saindo e vai deixando as saudades. A gente nunca para de amar aquelas pessoas, por mais distante que estejam. Nunca esquece.</p> <p><b>Sabe por que a saudade existe?</b> Só existe saudade no coração de quem ama. Se a gente não gosta, ninguém sente saudade. Eu tenho o maior medo de parar de sentir saudade porque eu parei de amar alguém. O amor tem que falar mais alto. (...)</p> <p><b>A saudade é um sentimento</b> que faz com que a vida tenha sentido. Ele brota que a gente só sente, mas pegar não pode. Não pode dizer “ele é assim. ele tem cor. Ele tem uma forma”. O amor você não pega. Você pega a pessoa que ama, passa a mão nela, abraça e beija.</p> <p>A saudade mora com a gente porque não para de ir alguém. A recordação vai aumentando e a lembrança é triste porque é um não querer aceitar que já era tempo de ir. Tudo isso é a vontade de que aquela pessoa ainda vivesse mais no meio da gente. Não se pode descrever a cor e tamanho porque a saudade é um sentimento que parte do coração que ama. Esse sentimento dá sentido a vida e assim se pode sonhar.</p> <p><b>Tem duas formas de saudade</b>, uma com esperança e a outra sem. A saudade com a esperança, eu quero dizer, por exemplo, qualquer pessoa da gente, amigo, namorado que a gente não só sente saudade por parente de sangue. Se sente também pelos bons amigos, os bons vizinhos quando se ausentam. Então, é como as pessoas que se ausentam, como muito dos parentes que vão pra São Paulo.</p> <p>A saudade dói e o pranto vem. O que acalma é o pranto, por isso que a gente tem que chorar mesmo. Quando chora, sente o alívio. Se não chorar, parece que, naquele momento, só tende a esmorecer.</p> <p>Saudade, ela dói no fundo do coração da gente. Ela também dilacera a alma. Quando se vai pra trabalhar, é aquela saudade com a esperança de um dia se reencontrar, de rever numa época, num Natal, num São João. É aquela esperança que sabendo que a pessoa está viva e que ela um dia pode voltar ou a gente pode ir lá.</p> <p>Quando é uma saudade que a gente sabe que partiu pra outra dimensão e que ela não vai voltar mais, essa é uma saudade mais ‘doedora’. Pra mim, falar sobre a saudade das pessoas dói muito porque elas se já foram, mas deixaram um legado. Cada vez que a gente pratica a saudade, lembra que foi uma herança boa que a aquela pessoa deixou e renova mais a saudade, porque se sabe que aquela pessoa não volta mais. Então, a saudade nunca envelhece.</p>
Dona Aline	<p>A saudade fica pelo que passou ou por quem esteve na sua vida de verdade. Deixa saudade quando não está mais. O que foi bom e que não está mais presente. Eu associo a saudade a pessoas. Geralmente, mais às pessoas que se foram e não estão mais comigo, ou que Deus levou ou que foram embora. (...)</p> <p>Geralmente, são as pessoas que estiveram próximas, pelo menos comigo funciona assim. No momento que estiver ausente, vai proporcionar esse sentimento de saudade. Seja uma amiga, seja uma pessoa que foi e continua sendo importante na minha vida. É muito mais forte quando é uma pessoa que está mais próxima da tua vida (...)</p> <p>Falar de saudade é uma emoção muito misturada de alegria, de tristeza (...)</p>

	<p><b>Até do sofrimento você sente saudade.</b> O meu maior sofrimento foi esse porque você tem o do dia a dia, o trabalho, ter que se afirmar como mulher nesses espaços. Pra mim, a saudade que me traz tristeza é daquelas pessoas que partiram dessa vida pra outra. Uma saudade de tristeza por não estar e que não sei se explica porque eu acho que tem coisas que não tem palavra pra você explicar. A saudade você sente. Seja com um namorado, seja com quem for.</p> <p><b>Saudade é vontade de você estar com aquelas pessoas ou com aquilo que você sente saudade.</b> Se você pudesse tê-las de volta, você teria presente, principalmente, as pessoas. (...). Se conseguisse fazer essa telepatia de trazer de volta, tal qual algumas coisas. Porque saudade você só guarda o que é bom de ser lembrado. O que é ruim, você vai deixando pra lá. Você pode até lembrar quando sofre por aquela mesma coisa, mas a saudade mesmo se inicia com aquela lembrança que, se você pudesse sentir, você voltaria a sentir ela como se fosse presente. Você acha que nunca fez o suficiente e, de repente tê-la de volta, seria a oportunidade de você fazer mais (...). Saudade é esse sentimento de que poderia fazer mais hoje e trazer de volta.</p>
Dona Hilda	<p><b>A saudade é um sentimento doloroso e sofrido.</b> É um sentimento que a gente fica um pouco triste e fica com vontade que alguma coisa volte. De outras coisas a gente sente saudade, mas não quer que volte porque, mesmo se pudesse voltar, deixaria uma saudade mais dolorosa ainda. Eu também sinto saudade de pessoas que peguei muita intimidade e tiveram que ir embora. A gente sofre essa separação(...)</p> <p><b>A saudade de quem faleceu</b> é a de quem não vai voltar mais. A gente tem que se conformar, tem que sentir aquela saudade e rezar por aquela pessoa. Já a saudade das pessoas que ainda estão aqui no mundo, um dia a gente vai matar essa saudade, como as amigas. Quando elas vêm, a gente se encontra, conversa e fala sobre a saudade mesmo. Naquela hora, a gente matou um pouco a saudade. Depois elas voltam de novo pra onde moram e a gente fica com a saudade, mas fica menos do que a saudade de quem faleceu. Quem faleceu vai ser pro resto da vida com aquela saudade.</p>
Dona Larissa	<p><b>No coração, a gente sente aquela falta,</b> aquela saudade grande, sabendo que não vê mais. É uma ida que não tem volta (...)</p>
Dona Francyne	<p><b>Sempre tem a saudade da gente.</b> Tem dia que a gente relembra muito e passa um filme na cabeça. A gente chora, depois ri. Tem coisas que a gente lembra que faz rir. Tem coisas que a gente lembra que faz chorar. Para poder conseguir levar a vida, é desse jeito.</p>
Dona Ítala	<p><b>Saudade é uma coisa que eu nem sei.</b> Não tem explicação porque tem coisa que você lembra e sente muita saudade. “Ah, se voltasse”, mas não volta mais. Sentir a saudade é querer chegar perto. Eu queria que fosse assim. “Ai, que saudade. Se estivesse perto de mim...” ou “Ai, se nós nos encontrássemos, como ia ser bom”. Sentir saudade é mais tristeza porque é querer uma coisa que você não vai conseguir(...)</p>
Seu Heitor	<p><b>A saudade é na vivência.</b> A gente vai vivendo, vai passando aqueles dias bons, aquele tempo bom de farra, de andar, de ir pras festas, de dançar, namorar, beber, chegar meio ‘quente’, cheio de beber umas coisinhas. Quando é no amanhã, a gente não vai mais. Então, fica se lembrando: “Ô, meu Deus. Ô, tempo bom”.</p> <p><b>Vem na lembrança, mas passa</b> porque fica só na saudade mesmo. Parece até que não vem mais outro tempo daquele. A emoção é que, se a gente pudesse renovar, renovaria. (...)</p> <p><b>Saudade é isso: uma lembrança boa do que passou.</b> A saudade é um sentimento que faz a pessoa se revolver e ficar assim meio que pensando naquele dia, naquela hora, naquele tempo, como tem muito na bíblia: “Daquele tempo” ou “Naquele dia”. Ela lhe faz lembrar, a saudade faz lembrar, faz doer e, às vezes, a pessoa até se apruma e se endireita na vida. Tá fazendo uma coisa de tal jeito e, então, vem uma lembrança e já pega outro rumo, outra caminhada. Para mim, é assim.</p>

## APÊNDICE D - QUADRO 4: CÓDIGO 1.1: SAUDADE COM ESPERANÇA E SAUDADE DOEDORA OU SAUDADE POR DISTÂNCIA E SAUDADE POR MORTE

**Quadro 4: Código 1.1: Saudade com esperança e saudade doedora ou saudade por distância e saudade por morte**

Narrador/a	Fragmento de Narrativa
Dona Artemis	<p>Dói muito e emociona muito. Por exemplo, eu tenho meus parentes em São Paulo. Dois irmãos Deus já levou. Essa saudade continua cada vez mais forte, muito mais 'doedora' dos que os que estão vivos lá.</p> <p>Ainda tem um irmão que sempre vem. Está com dois anos que ele não pode vir porque ele tem duas filhas que se casaram quase em seguida e ele estava preparando. Lá não é fácil pra um trabalhador honesto. Ele demora a se firmar. Quando ele vinha aqui, era uma alegria. Já na hora que sai, a gente chora, sente a dor da saudade que vai ficar um ano ou dois sem se encontrar. Quando é a pessoa que morre, seja parente, seja amigo, vizinhos também, a gente sente aquela saudade. A saudade daquilo que não volta mais é muito mais 'doedora'.</p> <p>Quando [os irmãos] foram completando dezoito anos, foram pra São Paulo. A saudade era de matar e lá mesmo morreram. Não tiveram como voltar pra cá pra conviver mais tempo juntos e morreram. O que alimenta mais é que um foi doente e o outro morreu em um acidente no trabalho, mas, graças a Deus, não deixaram inimizado. A gente tem prazer de ter saudade deles.</p> <p><b>Até na hora que a gente vai se alimentar, lembra e sente uma saudade.</b> Tem hora que, se eu estiver comendo uma comida bem ruim, eu como tranquila, mas, quando eu tô comendo uma comida melhor, eu não posso mais. É a saudade do meu irmão que morreu doente, trabalhando lá em São Paulo. Quantas vezes o meu irmão estava sozinho (...)</p> <p><b>Eu só lembro mais do tempo que a gente vivia junto, casa, família.</b> Agora espalhou-se tudo e ficam todos querendo se encontrar. O pranto rola sempre. Falo muito e choro sozinha. (...). A saudade existe e a lembrança sempre está presente. Não tem jeito pra, estando sozinho, não lembrar e não chorar.</p> <p><b>Como eu tenho saudade de pai.</b> Vejo meu pai jovem. Meu pai toda vida foi bonito e se vestia bem. Meu pai, tendo duas roupas só, se vestia bem porque minha mãe lavava e consertava as roupas dele. Ele nunca andou sujo, nunca andou barbudo e nem seboso. Sempre era limpinho, fazia a barba e o bigode. Ele sempre deixava o bigode bem feitinho. Quando meu pai morreu, tinha os cabelinhos pretinhos com oitenta e quatro anos de idade. Só vestia camisa de manga comprida e dobrada e era sempre pano por dentro da calça com o cinto. Eu nasci e me criei vendo meu pai daquele jeito. Ele toda vida, mesmo pobre, sofredor, soube se vestir. (...) Naquela época, diziam que os matutos andavam mal arrumados, mas meu pai andava bem faceirinho. Meu pai não andava assim de qualquer jeito, ia pra roça com a enxada nas costas. Meu pai ia como quem ia dançando. Eu sinto muita saudade.</p> <p><b>Quando minha mãe morreu,</b> meu pai experiente percebeu, mas eu queria tanto que minha mãe vivesse que eu não acreditava que ela estava morrendo. Meu pai foi botar vela e eu disse: "Ô, meu pai, pelo amor de Deus, tira a vela da mão da minha mãe que ela não tá morrendo. Minha mãe vai viver. Eu vou amanhecer o dia e vou levar minha mãe no médico" e minha mãe morreu. De tanto que eu só queria que minha mãe vivesse, e eu não percebia que ela tava morrendo. Então, quando a gente ama, seja filho, seja esposa, seja esposo e seja tudo, a gente só quer que ele viva. Era pra ela viver mais. Então, a gente vai ficar sempre com essa saudade dela, achando que foi cedo, mas para Deus é no tempo dela ir.</p> <p><b>Vanete Almeida,</b> por exemplo, é uma pessoa que toda vez que a gente fala se emociona. Era uma pessoa que a gente amava muito. Ela nos cativou e nos deixou cheia de amor por ela. Nas reuniões das mulheres, na abertura, não tem jeito das lágrimas não caírem por causa de Netinha. Quando é abertura de tudo, eu choro. É o que dá e a gente se alivia e toca o barco (...)</p>

	<p><b>Do mesmo jeito, Manoel Santos.</b> Toda abertura da FETAPE se faz homenagem para ele. Inclusive dia 19 de abril, que é o aniversário de morte dele. Eles colocam o vídeo e aquilo ali não tem jeito pra umas lágrimas não caírem (...)</p>
Dona Aline	<p>Geralmente, são as pessoas que estiveram próximas, pelo menos comigo funciona assim. No momento que estiver ausente, vai proporcionar esse sentimento de saudade. Seja uma amiga, seja uma pessoa que foi e continua sendo importante na minha vida. É muito mais forte quando é uma pessoa que está mais próxima da tua vida. Talvez pela maturidade que eu tive com a perda das pessoas, como a própria minha mãe e meus avós, eu sinto uma saudade diferente. Eu não tive muito a vivência de estar com meus avós, de brincar, pois eles faleceram quando eu era ainda muito jovem. Então, esse é um sentimento de saudade diferente por não ter conhecido porque gostaria de ter conhecido. De certa forma, a gente compreende que eram pessoas importantes, só que você não teve o prazer de viver tempo com essa pessoa.</p> <p>Eu sinto saudade daquele tempo que eu comecei em 2004, que ainda tinha minha mãe, enfim, todo mundo em casa. Hoje, eu sinto saudade da família que não está toda dentro de casa mais. Também tem a coisa boa dessa saudade, daqueles que já saíram e outros entraram. Se um dia se forem, também vão fazer saudade, fazer falta. É o sobrinho que deixa saudade. Então, é muita coisa junta que leva você a sentir saudade.</p> <p><b>Se eu for pensar a saudade que eu tenho de uma amiga e a saudade que eu tenho da minha mãe</b> por estar ausente é totalmente diferente. São saudades que eu suporto. São saudades que você precisa suportar, por exemplo, as ausências que a intensidade da distância faz te tranquiliza porque aquela pessoa nunca esteve tão presente, fisicamente, na sua vida. A saudade daquela pessoa que, no caso, é a minha mãe que sempre esteve presente chorando e rindo comigo, é diferente porque ela se preocupava em saber como é que eu estava, pra onde eu ia, que horas eu chegava, como chegava. Se eu estava com uma dor, onde estava doendo. Então, é diferente porque aquela pessoa estava mais presente na tua vida. A saudade depende da sua intensidade.</p> <p>Ela foi uma lutadora na vida da gente. Difere entre as pessoas e difere dos momentos. Os momentos, por exemplo, que ela brigava ou reclamava de um erro também faz falta (...)</p> <p>O sentimento da saudade que eu tenho por um irmão é diferente da que eu tenho por minha mãe. Ambos são muito importantes e, se tiver ausente, vai fazer doer. Um sobrinho você já sente. Eu acho até que a gente sente mais com sobrinho do que com o próprio irmão. Não sei se é porque a gente se apega muito aos sobrinhos, como se fosse da gente. Os irmãos ficam um pouco soltos nesse sentido. (...). Eram as pessoas que estavam presentes e minha mãe sempre foi a minha heroína. Então, eu comparo a isso, as outras pessoas foram e são pessoas importantes e que, com certeza, deixam saudade e vão deixar sempre, mas é diferente. É diferente quando você sente que você veio daquela pessoa e que aquela pessoa deu o que pôde por você.</p> <p>Chega até ser egoísta medir o sentimento daquela pessoa que se dedicou mais a você. Tenho até esse conflito em casa com painho. (...). A gente sente saudade e fica fazendo comparação. Eu costumo dizer que mainha era muito completa na minha vida. Digo, painho é bem diferente. Ele diz: "Vocês gostavam mais da mãe de vocês do que de mim". Eu digo: "Não é isso, mas é um sentimento diferente". Não sei se também era porque mainha era mais presente. Isso é ruim porque hoje ela não está presente, então eu tenho ele e ele sabe que é muito escancarado que a gente tem esse amor grande por mainha. É tão aberto porque "mainha fazia assim e assado e o senhor precisa continuar fazendo". Ele é outra pessoa. Os tempos são outros. As condições são outras porque até isso muda.</p> <p><b>Eu vivi seis anos diretamente na comunidade como liderança.</b> E aí, depois outras pessoas vieram e também deram sua contribuição. Com certeza do jeito que eles sentem saudade de mim, eu sinto deles. E as outras pessoas, um dia, quando se afastarem também vai ser difícil.</p> <p><b>Eu sinto saudade das minhas companheiras, companheiros de luta.</b> Às vezes, se passam anos, aquele abraço, aquela alegria, querer saber como é que tá, se casou, se tem filho, se estudou, o que tá fazendo, onde é que tá. Quando demora a se ver e se vê, você começa relembando aqueles momentos que a gente se</p>

	<p>conheceu na conferência, no fórum, no congresso. (...). Mas a gente entende que aquela ausência faz parte do processo.</p> <p><b>Eu acho que, como a gente tá na zona rural, todo mundo é muito família,</b> próximo, você se sente mais saudade do que na rua. É a minha opinião porque todo mundo sabe da vida do outro e o que é que tá acontecendo. Por exemplo, se um tá na roça, sabe se amanheceu o dia e não tiver, as pessoas já procuram saber o que é que aconteceu porque não abriu a porta, se saiu. Então, você, consegue ter pessoas, uma cuidando da outra. Não é que não exista problema entre vizinhos. Como a família tem conflito, numa comunidade se tem também, mas as pessoas, num momento de sofrimento ou qualquer outro momento, estão mais próximas. Você se sente mais parte. Então, você chega na comunidade rural, se uma pessoa adoecer, todo mundo vai. Se estiver doente, de cama, se organiza pra toda noite ter gente pra não ficar só. Então, a gente vive a saudade, esse sentimento, diferente na zona rural. A gente tem uma humildade mais humanizada com as pessoas, com as coisas que vivenciam. Não é que as da cidade não tenham isso, mas dão menos crédito a algumas crenças, a algumas coisas que são vivenciadas do que o rural (...)</p> <p>Pode até ser isso, a análise que a gente pode fazer disso. Eu nunca pensei, mas, se você for pra uma comunidade, na minha comunidade, tem aqueles que não são família, mas você considera. Não é de sangue próximo, mas tem um vínculo familiar com a minha família. A formação das comunidades rurais, geralmente, foi uma família e as outras foram chegando e fez o agrupamento. Eu nunca tinha pensado nisso. Então, acho que seja isso. No meio urbano, você constrói uma casa ou consegue comprar uma casa, mas ali já tinham umas famílias diferentes. Nem todos teriam condição de estar nesse espaço. Então, acabam sendo pessoas estranhas.</p> <p>A saudade, pra mim, acabaria, se eu pudesse resgatar, se ela [mãe] estivesse aqui (...). Se eu pudesse trazer mainha de volta, então eu ia fazer muitas coisas que, naquele tempo que ela se foi, eu não podia fazer por ela</p> <p>Sinto saudade de amigas, de professores... Acho que a saudade está muito presente em tudo, inclusive nas coisas materiais que a gente possui ou possuiu.</p>
Dona Hilda	<p><b>Sinto saudade por não ter o amor da minha mãe biológica.</b> Isso mexe comigo bastante. Muito mesmo que eu até fico pensando: “Será que um dia eu ainda me liberto disso?”. É como se fosse uma doença. É a saudade de uma coisa que nunca existiu porque eu nunca tive o carinho de quem tem pai e mãe. Depois que eu me entendi por gente, vivo me cobrando por isso. Era para ter os meus pais, mas nunca aconteceu. Então, minha mãe adotiva foi minha mãe e meu pai.</p> <p>Lembro que, enquanto viveu comigo, até uns quatro anos de vida, eu fui o motivo de destruição da vida dela. Eu vim pra destruir a vida dela. Eu sinto isso. Ela batia em mim, dizia que eu dava dedo ao povo sem eu dar e dava a penha n’eu. Ela me via na casa de uma vizinha e vinha de lá até em casa me batendo. Eu não quero mais ter uma coisa dessas pra mim. É uma saudade dolorosa. Tenho saudade da minha mãe biológica, mas não do que ela fazia. Essa é uma saudade que eu não quero que volte.</p> <p><b>Uma saudade é minha mãe adotiva</b> que faleceu há dezoito anos. De vez em quando fico refletindo “Meu Deus, como era a vida. Tinha tudo e não valorizava. Era feliz e não sabia”. Minha mãe nunca deixou faltar nada pra mim. Ela dizia: “Minha neném”. É muito triste quando a gente perde um ente querido, ainda mais ela que foi o pai e a mãe minha. Foi ela que me educou e me deu todo o meu caráter.</p> <p>No caso, quando minha mãe me teve, deu pra ela e foi embora. Foi morar com uma outra pessoa que não era o marido dela. Ele já tinha uma família. Eu fico triste por minha mãe ter feito isso porque ela fez a outra família sofrer bastante. Minha mãe adotiva é Tereza Vieira. Ela foi a base da minha vida. Todo dia eu lembro dela, daquele carinho e daquele amor que ela tinha por mim. Na hora que eu fico sentindo muita saudade dela, eu começo a rezar pra Deus para me dar força pra suportar aquela saudade porque eu moro só.</p> <p><b>Aquelas amigas da infância não estão mais aqui.</b> Foram pra São Paulo. Quando vem uma, a gente mata aquela saudade. Quando chega, a gente vai conversar sobre o que a gente passava. Acho que daquela turma só eu que não casei. As outras casaram e me contam: “Oh, Neném, eu tenho três filhos, mas é difícil no dia de hoje criar filho. A gente está com eles e não sabe o que o filho vai ser no futuro. A</p>

	<p>gente torce que seja uma pessoa do bem, mas nem sempre é. Até para isso tem que ficar rezando”.</p> <p><b>A gente tem saudade também das pessoas que não são família</b>, mas têm os laços muito fortes, como Netinha [Vanete Almeida].</p>
Dona Larissa	<p><b>Tenho dez irmãos, com eu doze.</b> Tudo junto na mesma casa. Aí, foi casando, foi se espalhando, uns pra longe, outros pra São Paulo, outros pra Minas por conta do corte de cana. Outros pra Serra Talhada, outros pro Sertão, Floresta... Um casou e foi simhora pra lá, que a mulé era de lá. Uns veio simhora e uma veio simhora e ficou três lá. Três pra Serra Talhada. É tudo espalhado. A primeira que casou foi eu, que sou a mais véia das mulé. Eu casei e fui saindo. As outras foram saindo. Tudo foram morando fora.</p> <p><b>Quando saí de casa</b>, fui morar em outra fazenda longe. Eles ainda estavam mais perto d’eu. Depois eu saí lá de perto deles, passei um tempinho em Arco Verde, depois eu vim pra aqui pra Santa Cruz. De Santa Cruz, aqui tô. Morei aqui na rua, fui pro sítio e do sítio voltei pra aqui de novo.</p> <p>Agora, tô aqui. Foram casando meus filhos, a gente morava ali no sítio, no Caldeirão. Foram casando, foi ficando só nós. Aí, o marido adoeceu. A gente estava começando a fazer essa casa, nem ao menos estava terminada. Ele queria vim pra aqui pra rua porque ele adoeceu que disse que ficava mais perto do médico, do remédio, do carro... Ele ficou sem caminhar. Disse que aqui tudo era mais fácil... Até o tempo que morreu. Não teve jeito e eu fiquei aqui.</p> <p><b>Maior falta que sinto: do filho e do marido.</b> Quando eu sinto saudade de alguma pessoa que num posso chegar, só choro. Só dou pra chorar. Falar sobre a pessoa faz recordar mais. A gente fica um pouco triste de falar e fica naquele momento, mas é uma coisa que Deus alivia as pessoas. Dói, mas ali é uma coisa que já é consentido por Deus e passa. Porque a gente não tem mais o que fazer. A gente só fica na lembrança mesmo. Se a gente chorar, se maldizer, não volta. Quando eu tô chorando, a minha neta diz: “Ô, vovó, eu sei porque é que vovó tá chorando. Por causa que seu filho morreu. Vovó ainda se lembra dele”. Eu digo: “É, minha fia, nunca vou esquecer. Minha fia, nunca se esqueça”. Essa pequenininha mora mais eu.</p>
Dona Francyne	<p><b>Minha mãe faleceu</b> já faz mais de vinte anos e depois faleceu um irmão meu em São Paulo. Morreu jovem com 36 anos. Tem seis anos que meu irmão morreu e cinco anos que meu pai morreu. Parece que faltava dez dias pra completar um ano que meu irmão morreu quando meu pai faleceu também. Meu irmão faleceu em São Paulo a gente nem teve acesso a cerimônia de velório nem nada.</p> <p><b>Sinto muita saudade do meu irmão</b> porque ele saiu. Com cinco anos que estava em São Paulo, ele morreu. (...)Tinha vontade de construir uma casa aqui, mas trabalhando fora porque aqui os ganhos não existiam. Aqui tudo é pouco mas foi lá que ele adoeceu e morreu. Pronto. Não veio mais aqui. Meu irmão colocou os restos mortais dele lá onde se paga os direitos pra qualquer tempo trazer. Eu até disse assim: “Quando ele trouxer, vai ser uma emoção porque, mesmo com muitos anos, volta tudo aquilo na cabeça da gente. Saber que ele nasceu aqui, se criou e foi pra lá e depois só vir os restos mortais em uma caixa pequena”. Mas meu irmão disse que vai trazer pra colocar no túmulo da família.</p> <p>Com esse tempo todo, meu pai, meu outro irmão e a minha irmã também moravam aqui, mas depois teve que viajar também pra morar fora. Ficou só eu, meu pai e meu irmão. Aí, meu irmão faleceu e fiquei cuidando do meu pai. Um mês antes do meu pai falecer, minha irmã veio mais meu cunhado e me ajudou nos últimos dias de vida do meu pai. A minha outra irmã de São Paulo também veio, passou uma semana com a gente. Estava faltando cinco dias pra completar um ano que eu estava cuidando dele aqui e ele faleceu. (...) A gente lembra os bons momentos, lembra a família toda unida. Uma família de sete irmãos que hoje só resta cinco comigo. Quando eles vêm, a gente mata um pouco a saudade. Tive o prazer de receber esse mês os três, um irmão e duas irmãs. Só um que não veio que está em São Paulo. A gente mata um pouco a saudade.</p> <p><b>Sinto muita saudade de mãe.</b> Foi uma guerreira, uma heroína. Trabalhava. Não era dessas pessoas que ficava ali esperando que o marido chegasse com alguma coisa. Toda vida trabalhou e o tempo era difícil. (...)</p>

	<p>Sinto muita saudade da minha sogra que era uma mãe pra mim. Eu sinto saudades dela viva porque, além de minha sogra ser boa, era minha amiga, minha segunda mãe. Quando ela morreu, eu senti que perdi minha mãe novamente.</p> <p><b>Eu sinto muita saudade do meu tempo</b>, do meu povo, da minha família, de todas as pessoas que já partiram e as que viajaram a trabalho. (...)</p>
Dona Ítala	<p><b>Tenho saudade mais dos vivos.</b> Dos mortos Deus toma de conta. Como eu sinto saudade dos vivos. Tem hora que eu vou lá no Cristo. Fico lá que tem um uma pedra que dá pra sentar e recostar. Tem vez que eu levo um livro e leio alguma coisa porque não sei rezar. É um pé aqui, outro acolá e fico um tempão. Levo o telefone, converso com as pessoas e vamos dar risada.</p> <p>Eu acho boa essa saudade assim viva, da vida. Do morto a gente lembra, mas não é aquela saudade boa porque a gente sabe que não tem mais o indivíduo. Se ficar preocupada com o morto, eu me desespero. Eu nunca visitei o túmulo da minha mãe, por exemplo. Eu gosto de falar só dos vivos porque dos mortos se recorda muita coisa.</p>
Seu Heitor	<p><b>Pessoa que eu sinto saudade mesmo é da minha mãe, meu pai e meu irmão</b> que há dois anos foi assassinado. Minha mãe era tudo pra mim. Meu pai fez o papel dele muito direitinho (...)</p> <p><b>Saudade de pessoa é mais triste</b> porque, geralmente, a gente lembra de pessoa que já faleceu. Aí, dá sentimento de silêncio. Quando eu lembro do meu pai, do meu irmão, da minha mãe, do meu padrinho que eu só vi de um dia pra outro e não vi mais (...)</p> <p>Meu pai, eu lembro no dia a dia, na roça, na vivência. Já minha mãe e meu irmão que me visitava quase todo ano, de vez em quando eu me lembro. O meu sogro morreu novo, setenta e cinco anos. Se eu for dar o valor certo, ele foi o segundo meu pai (...)</p>

## APÊNDICE E - QUADRO 5: CÓDIGO 1.2: SAUDADES DA INFÂNCIA OU ROÇA, MILHO, FOME E SECA

**Quadro 5: Código 1.2: Saudades da infância ou Roça, milho, fome e seca**

Narrador/a	Fragmento de Narrativa
Dona Artemis	<p><b>A saudade de quando a gente é criança essa é a que é forte</b> porque a saudade junta com uma dor também. Quando era criança, <i>vixe</i>, meu Deus, a gente era tão feliz e não sabia. Não soube aproveitar aquele tempo. Vejo até o sofrimento que eu vivia e que eu nem sentia porque naquela época, até os anos setenta, eu sofria e não sentia, nem via também o quanto os pais sofriam. Até dezoito anos, aquilo tudo era maravilha. Andava descalço e se sentia feliz. Tinha duas roupinhas pra usar, uma para a semana todinha, pra ficar pro trabalho. Quando era no domingo, ia trocar aquela roupa pra ir pra casa das colegas.</p> <p>A gente era tudo feliz, cantava, rezava e não se envergonhava porque estava com os pés descalços. Não ficava triste porque só tinha duas roupinhas e tinha as pessoas que se vestiam bem. A gente achava aquilo bonito mas nem sequer olhava pra dizer “eu tô diferente”, nem percebia que aquilo era uma diferença.</p> <p><b>Era um tempo que se sofria e nem se sentia.</b> Sofria fome porque não existia políticas públicas pro campo. Tudo era pelos braços da gente. (...).</p> <p>Nem sentia que andava a semana, o mês todinho descalço. Só usava sapato uma vez no mês que era quando ia pra missa. Chegava, guardava e, o resto do tempo, era no roçado lutando já pela vida juntamente com os pais. Eu comecei com oito anos de idade. Em 1958-59, enfrentamos uma seca. A seca, naquela época, era de no máximo dois anos. A gente sofria muita fome, ao contrário de hoje que foram seis anos e o povo nem sofreu fome. Todos viveram muito bem, vestindo, calçando e comendo.</p> <p><b>A gente sente saudade até da alimentação</b> porque de lá para cá mudou muito. Eu ia com minha tia pra uma feira em Jatiúca porque Santa Cruz era distante. Jatiúca era mais próximo pra gente ir a pé e lá sinto saudade do docinho de soldadinho de açúcar que fazia um policial direitinho. Também umas baianinhas de açúcar, o doce de leite, o doce de mamão... Tudo era melhor.</p>
Dona Aline	<p><b>Saudade do tempo de criança.</b> Do tempo que você não tinha preocupação, do tempo que você não entendia aquela realidade que você vivia. De seca, de sofrimento, de algumas alegrias porque não tinha maturidade pra você distinguir uma coisa de outra.</p> <p><b>Tempo de você brincar na roça,</b> de fazer confusão pegando as espiguinhas de milho pra brincar. Criança hoje quer boneca e, naquele tempo, tinha que brincar com boneca de milho. É bom lembrar que a gente deixa de viver isso. Era muito bom. Eu lembro, às vezes, que a gente tinha que ter o cuidado pra não pegar tantas bonecas na roça porque, senão, ia fazer falta. Eu queria a mais bonita mesmo. Eu acho que eu vivi um pouco da minha infância nesse sentido porque eu acho que poderia ter vivido mais algumas coisas pra sentir alguns momentos na minha vida como criança. Eu também vivi muito amadurecida nesses momentos, mas o pouco que eu vivi eu sinto muita saudade. Não voltaria no tempo pra viver do mesmo jeito. Aquele sentimento foi bom enquanto eu vivi.</p>
Dona Hilda	<p><b>Também eu sinto muita saudade da infância.</b> Quando se é criança, a gente passa uma vida toda cheia de gracinhas e alegria. Tudo estava bom. Na infância, eu sempre brincava mais minhas irmãs e minhas colegas. A gente brincava muito de casinha e fazia como se fosse uma família. Fazia um casamento e criava os filhos. A gente enrolava aqueles sabugos de milho e botava nomes pra eles e batizava. Minhas amigas eram comadres porque eram madrinhas dos meus filhos e eu era comadre delas também, porque era madrinha dos filhos delas.</p>
Dona Larissa	<p><b>De quando era criança,</b> sinto saudade que eu criava muito porco, bode, gado... Tudo eu criava. Ficava feliz. Ainda hoje eu fico feliz. Entrar no meio d'um bocado de gado, de criação... Eu fico bem feliz ali dentro, no meio deles. Sinto falta que eu morava no sítio. Ali, eu ficava feliz. Hoje tô aqui na rua. Aqui é escuro. No sítio, clareia. O mundo pra eu fica bem clarim. Fico feliz de estar no sítio. Ainda tenho</p>

	<p>vontade d'eu ir pro sítio. Comprar um 'terrenim', que eu morava no que era dos outros.</p> <p><b>A gente plantava no que é dos outros.</b> Criou muito gado dos outros. Quando estava bem grande, vem eles, vendia e deixava a gente sem ajunto dos bois. A gente amansava eles 'pequeninim', tirando leite. Quando estava reformado um boião, a gente ia cortando terra e arando terra com eles. Aí, o patrão levava: "vou vender ou mudar pra outro canto". A gente só fica com a saudade daqueles bichos que a gente lavorava desde pequeninim. Eu digo: "É ruim quem mora assim no que é dos outros porque só fica com a saudade". Uma vez foi tanto que quando o patrão levou, eu e meus meninos fomos para a pista em cima porque o local que a gente morava num ia carro. Fomos pegar o gado lá. O carro encostou e botaram o gado. Primeiro, passou por uma porteira e andaram a pé um pouco. Nós tava lá e fomo tudo olhar a saída dos bichos, dos doze garrotes que já tava arando terra, bem mansinho. Mansinho, como que era um filho. Chamava pelo nome e eles vinham. Podia tá lá na roça, eles vinham. Quando ele passou, nós estava na porteira. Ele veio e tava eu e meus cinco filhos. Ele veio em cada um. Ele fez mesmo assim (faz um gesto de reverência ao baixar a cabeça). Nós estava tudinho na fileira. É de dizer que é historia de Trancoso, mas foi pura verdade. Fez assim em cada um. Saiu e partiu pra entrar em cima do carro. Tá vendo como é as coisa? As coisas dos outros como é...</p> <p>E isso a gente fez muito de pequeno, de 'pequeninim', da infância. De seis anos que eu comecei a trabalhar mais meu pai. A gente trabalhava de roça. Fazia tudo... Tudo que um homem fazia, eu sei fazer. De cortar de enxada, de machado, de tudo. Ele botou nós pra aprender. Disse que não era pra fazer profissão que era mulher, mas tinha que aprender porque quando casasse, um dia que o marido num tivesse, eu não podia deixar de botar uma panela no fogo porque não sei cortar um pau de lenha.</p>
Dona Francyne	<p><b>Eu lembro da minha infância trabalhada e de minhas festas.</b> Eu trabalhava, ia pras roças, ajeitava, arrancava feijão e limpava mato. No final da semana, tinha aquele dinheiro. Eu ia pra rua e comprava as coisas que faltavam (...). Então, tinha que alguém trabalhar. Não tinha benefício nenhum. Não tinha bolsa família. Nada. Eu disse: "Eu vou ajudar mãe na roça". Mãe arrancava uns balaios de mandioca e levava na cabeça. Nós 'rapava', ia pra casa de farinha, ralava, tirava um pouco daquela massa e fazia beju. Beju na frigideira mesmo. Se tivesse um pouco de leite, eu botava no beju. Às vezes, não tinha arroz, não tinha as coisas, mas ninguém ligava pra nada. Pai chegava com aquele dinheiro e ia pra feira, comprava aquele milho pra fazer angu ou um pouco de feijão quando não tinha.</p> <p><b>A gente também plantava guandu,</b> mas a gente chama andú na língua do matuto. O andú sempre registra a seca. (...) No tempo que tinha aquela seca, a gente ia e tirava aquele milho, botava numa bacia, debulhava, botava de molho e fazia o angu. Quando não tinha, precisava comprar na feira mais caro. Pai vinha, passava dois, três dias aqui em casa, voltava de novo pra aquele trabalho e era assim a nossa infância.</p>
Dona Ítala	<p><b>Sinto muita saudade da minha infância</b> porque foi um pouco sofrida, mas foi bem vivida. Eu me divertia. No passado, você tinha mais tranquilidade, mas você sofria pelos mantimentos porque a gente não tinha alimentação igual a de hoje. A gente andava e trabalhava muito, mas também brincava e tinha aquelas amizades boas. Era bom. Eu gostava. Só que passou e não volta mais.</p> <p><b>Eu brincava com um sabugo enrolado.</b> Pra comida, botava uma pedra numa panelinha pra cozinhar e dizia que era o feijão. Café a gente fazia de uma planta que chama mata-pasta. Torrava aquele café, pisava e ia pra casa da comadre. Então, ela era quem fazia o café. Para a outra amiga, ela oferecia uma coisa, mas de mentira. Quando pegava uma porção de folha de mato, cortava que era o comer e era assim. A gente brincava muito e se divertia bem. Eu gostava desse tempo.</p>
Seu Heitor	<p><b>No tempo d'eu pequeno, sinto saudade da escola.</b> Fizeram uma quadrilha lá muito boa. Toda vida eu gostei de dançar. Parei de dançar depois que casei. Tive que entrar em outra luta, mas eu ainda via um forrozinho por aqui, na rua... Mais na frente, botaram eu pra cobrar conta, por isso fui saindo da dança.</p>

## APÊNDICE F - QUADRO 6: CÓDIGO 1.3: SAUDADES DA JUVENTUDE OU TRABALHO E FESTAS

**Quadro 6: Código 1.3: Saudades da juventude ou Trabalho e festas**

Narrador/a	Fragmento de Narrativa
Dona Artemis	<p><b>Quando eu era até os meus dezoito anos</b>, era inocente ainda. A gente não sentia o que os pais da gente sofriam. Depois quando deu meus dezenove anos, tudo mudou. Aí, já fui sofrendo pelo meu pai, pela minha mãe, pelos meus irmãos que vieram por último (...)</p> <p><b>Sinto muita saudade do amor</b> que tinha os casais. Quando morria um, com pouco tempo, o outro morria de tanto amor e saudade que sentia. Durava pouco quando morria com a idade muito alta. Quando os dois estavam vivendo junto, tudo bem, mas, quando um morria, o outro adoecia e morria também. Então, o amor era maior.</p> <p>Eu sinto saudade também dos namoros. O amor era grande porque, só no olhar, a pessoa ficava paradinha ali no canto. O amor tomava de conta do corpo que era uma energia que dá choque. A outra acenando com o lenço, dando com a mão. Os moços ficavam ali, só de apertar a mão da pessoa, só de morder os lábios. Também as serenatas que aconteciam à noite, naquelas noites de lua clara. Aquele jovem com violão batia na porta e a gente se acordava com o estouro do violão, cantando aquelas músicas “acorda anjo que dorme”. Era uma vida tão boa.</p> <p><b>A gente tem saudade do forró</b> que era sanfona, zabumba, pandeiro, triangulo. Não é mais. Sinto saudade do tempo que podia conversar, ouvia, falava, alguém ouvia e olhava na cara da gente. Hoje ninguém olha mais na cara de ninguém. Dois motivos nas festas. Primeiro, o barulho é tão grande daquele som, com uma banda que só gritam a letra e ninguém entende aquela bagunça. Senta todo mundo naquelas mesas com aquele pedacinho de carne, aquela coca ou cerveja. Quatro pessoas numa mesinha todo mundo só... Nenhum olha pro outro, nem conversa porque não adianta que ninguém escuta, nem se entende a letra.</p> <p>Eu ia em festa porque ia com as colegas, passeava por ali pela rua, olhava até as roupas bonitas das pessoas. Muitas vezes, a gente ia pra ver os modelos de roupa pra fazer também. A gente andava ali com namorado, pegando na mão. Outro já vinha conquistando, arrumava namorada e andava as ruas todinhas naquela farrá. Nessa época, também não tinha essa história de entrar nos bares porque tinha uns bares que eram para rico. Lá dentro só entrava quem estava de terno e aquelas mulheres mais bem arrumadas. Tinha outros que a gente entrava, mas outros que só entrava ‘cabra bebo’. Muita vez, eu achava melhor ficar passeando nas ruas.</p> <p>A rua era cheia de gente. Você ficava imprensado. Olhava um joguinho. Olhava um cara cantando. Olhava um outro cantando embolada e poesia de cordel, outros tocando sanfona no meio da rua e a gente andava pra arrumar namorado também.</p> <p>Na época, era todo mundo solto ali na rua. Eram bacanas as ruas. Tinha banca de tudo que era coisa, aqueles quiosques e muita divertimento. Hoje a gente não se vê mais beleza na cidade. Ninguém vê ninguém rindo mais do jeito que a gente ria, até dava risada das coisas mais feia que via. Morria de rir. Hoje a gente nem ri, nem conversa, nem ouve e nem participa de festa. Não tem mais aquela alegria e existe mais saudade do que a vontade de ir pra uma festa porque é perdido. Não é mais como era antes.</p> <p><b>Como eu tenho saudade do Rádio ABC, daqueles forrós</b> na Rádio de Afogados da Ingazeira, Rádio de Arco Verde. Tinha uns forrós do trio nordestino, tinha uns programa de forró e a gente se reunia na casa do vizinho que nem todo mundo tinha rádio nesse tempo. Na minha comunidade, só tinha na casa desse vizinho. Se reuniam os jovens, os rapazes e as moças, e a gente dançava. Não tinha propaganda como tem hoje. Era terminando um forró e começando outro. A gente rolava na dança se divertindo. O domingo era sadio.</p>
Dona Aline	---

Dona Hilda	<p><b>Da adolescência também tenho saudade.</b> Dançava muito. Todo domingo ia uma turma pra casa do meu padrinho Severino. A gente ia ver quem dançava melhor. Eu me chateei um tempo porque um rapaz que eu gostava chamou outra pra dançar. A partir daí, eu não quis mais dançar com ninguém. Sempre que ia pras festas, as outras iam dançar e eu só ficava conversando. Isso é da minha da minha essência mesmo. Eu tenho que trabalhar esse lado por causa da rejeição que senti desde o início da vida. Se eu perceber que eu tô sendo rejeitada, a coisa desmorona. Vez em quando eu ia pra festa de Jatiúca, que é a festa do Coração de Jesus, mas nem sinto vontade de ir porque tá tudo mudado.</p> <p><b>A gente ia mais pras novenas</b> e depois ficava um pouco na festa. Novena é como uma missa que se vai partilhar com alguém em casa. Se faz alguma leitura e ajuda a cantar. Depois que Netinha [se referindo à Vanete Almeida] faleceu, eu não fui mais. Da última vez que fui, a igreja estava fechada.</p> <p><b>Sinto saudade também porque juntava o pessoal</b> na minha casa durante no final de semana. Umas oito ou dez pessoas iam pra lá brincar de dominó ou baralho. Era de virar a noite brincando. Só de brincadeira mesmo, não era jogo de dinheiro. Nessa época, não tinha televisão e quando a gente se juntava, sempre o pessoal gostava.</p> <p>No baralho, a gente dizia: “Vamos jogar uma sueca”, então era pai com filho. A gente usava caroço de milho e, quando dava sueca, Ave Maria, a gente ria muito. Sinto muita saudade do dominó também. Só não entro que é feio uma mulher entrar num torneio de jogo, mas eu tenho vontade mesmo. Eu sei jogar bem.</p> <p>A gente sente saudade do que é bom, como o jogo de castanha. Jogava mais os meninos. Esse é melhor que a gente ia ganhando as castanhas, mas tinha dia que a gente perdia muito.</p>
Dona Larissa	<p><b>Assim de festa não sinto muita saudade</b> que meu pai num deixava a gente ir pras festas. Era desses mais velhos... Se a gente dissesse: “Ô, mãe, pede a pai pra nós ir pra tal festa, tal casamento”. Ele dizia: “Eu vou pensar. Se eu for, elas vão. Se eu não for, ninguém vai”. E ninguém conversava. Aliás, todo mundo ficava caladinho. Se ele dissesse que esse pau era uma pedra, pois tinha que ser. Ainda hoje ele é sentadinho lá na cadeira de roda e a gente tem o maior respeito por ele. Porque ele podia chegar nesse instante aqui e eu morrendo de cansada, com saco na cabeça, mas dissesse: “Bote, abaixe e vá buscar aquela faca em tal canto”. Eu não dizia que não. Tem onze irmãos, mas se disser: “Meu filho, faça isso”. Dizer: “Não, pai. Não vou fazer não?!”. Faz sim. São tudo obediente. Faz.</p>
Dona Francyne	<p><b>Sinto saudade das festas</b> que eu ia com minhas amigas. Tinha vez que estava em doze, quatorze só de mulheres. Algumas viajaram, foram embora, casaram. Tem muita gente que viaja, que consegue as coisas, que fica com um padrão mais alto de vida e quando chega, nem liga mais pro pessoal pobre. Às vezes, faz que nem vê e eu faço que nem vejo também. É dançar conforme a música. Outras morreram, faleceram ainda jovens. Com algumas ainda tenho a amizade. Ainda tenho amigas minhas que chegam na minha casa, que vêm me ver, que ligam pra mim, que dizem que estão com saudades, que vou na casa delas, almoço com elas e tomo café com elas. Elas conversam comigo. Algumas já casaram e ficaram viúvas. Outras casaram e se separaram. Outras não, se foram.</p> <p><b>Da turma da escola</b>, uns viajaram também e outros morreram. Alguns poucos ainda dizem: “Eita, a gente estudou juntos. Que saudades daquele tempo, das brincadeiras”. A gente brincava de bandeira, correndo pra pegar um galho de mato. Um dia, levei uma pisada de um dos meus amigos que ainda fiquei com um jeito na minha gengiva. Naquele tempo, não tinha história de ir pra médico. O médico que tinha era longe e ninguém ligava. Acho que até ponto na minha boca levava. Perdi meu chinelo nessa correria e nunca que achei. Engraçado que no outro dia, eu fui pra escola com um pé calçado e outro sem calçado porque, no tempo difícil, minha mãe disse: “Olhe, daqui umas duas semanas, eu vou comprar um calçado pra você. Se acharem o outro, tudo bem”. A gente procurou dentro de umas canas porque era uma escola no mato. Só sei que eu disse: “Meu chinelo foi parar lá onde Judas perdeu as botas” porque nunca mais vi.</p>
Dona Ítala	<p><b>Minha juventude</b> foi boa. Me diverti e dancei muito. Só que o tempo da juventude foi pequeno porque, logo com vinte e dois anos, eu sofri um acidente. Estava começando a viver, como se diz. Fiquei um pouco melhor depois de uns seis</p>

	<p>meses, quando pensei: “Rapaz, mas pra quê essa tristeza, se eu tô viva?”. Continuei vivendo e botei essa coisa de lado. Fingi que não estava sentindo nada e que não aconteceu nada. Fiquei cega de um olho. Se tivesse os dois, era bem melhor, mas um só é a mesma coisa que se tivesse dois.</p> <p>Eu sinto saudade de muitas coisas boas. Se o tempo voltasse, teria partes que eu gostaria, mas teriam muitas que Deus me livre. As partes que eu queria que voltassem era pra continuar as minhas brincadeiras, indo pras festas, me divertindo com os amigos e com as amigas.</p> <p>A gente se divertia muito. Foi muito bem aproveitado. Hoje não está sendo porque eu não gosto desse barulho que é muito forte. Antes, as danças eram em salão. Hoje é no meio da rua com o som muito alto e eu não aguento. Eu nem vou mais para festa. Esse passado eu queria que voltasse, mas não volta. Queria essas festas pra eu me divertir porque foi bom.</p> <p><b>De meus vinte e dois anos até meus quarenta</b> foi bem proveitoso. Aproveitei todas as festas. Eu ia 31 de maio para Calumbí. Dia 03 de junho estava em Santa Cruz. Dia 07 de Dezembro eu estava em Calumbí e no dia 25 eu estava em Santa Cruz. Dia 31 eu estava em Triunfo. Isso era bom demais, mas agora eu não participo. Se alguém quisesse ir comigo, tudo bem. Se não quisesse, ia sozinha. Não nasci com ninguém nas costas. As festas de agora estão difíceis porque eu não dou conta. Não pela saúde, mas é que eu não gosto do barulho que fazem nas festas.</p> <p><b>Dançava pro chapéu quebrar.</b> Eu aprontei. Eu gostava de ir pro salão e ia pro forró. Chegava cedo da noite que era pra eu ser a última a sair. Quando começava o arrasta pé, eu já estava pulando no meio do salão. Dançava muito, mas essa dança acabou. Essa dança de hoje Deus me livre. Uma dança esquisita. Não dou conta, mas a de antes era muito boa.</p> <p><b>Sinto saudade daquela danação.</b> Eu pulava no poço e a outra ficava morrendo afogada. Eu conseguia salvar. Um tempo que foi e não volta mesmo porque até a água acabou. Essas travessuras que a gente fazia eram muito boas.</p> <p><b>Tinha um sítio que tinha muita manga.</b> Meu pai falava assim: “Se vocês forem bulir nas mangas de compadre Pedro, eu corto as munhecas de cada uma”, mas a fome falava mais alto. Então, a gente ia pra lá, pegava as mangas e chupava. Depois, tinha que se lavar bem pra não chegar com o cheiro da manga em casa. Se chegasse, a coisa ia ser feia. Até que um dia a gente foi e, quando chegou lá, tinha muita manga no chão. O dono também chegou e a gente: “Ói”, a gente só está pegando as do chão”. Ele disse: “Não amadureceu?! Pode pegar. Vai se perder mesmo. Pode levar pra casa. Leve pros outros”. Nós pegamos um pano, fizemos uma trouxa de manga e fomos ‘simbora’. Chegou em casa: ‘Ói’, pai, nós não roubamos uma. Foi ele que deu”. Foi bom porque pai não ficou com raiva porque foi verdade.</p> <p><b>Outra vez, a gente foi chupar laranja</b> bem verdinha porque a fome falava mais alto. Quando o homem passou, ninguém falou nada. Eu nem conhecia o dono, mas a minha amiga conhecia. Ele passou e só olhou. Passou e nós continuamos chupando a laranja. Essas coisas eram muito divertidas porque rendia muita risada. A gente ria muito mesmo com essas travessuras.</p> <p><b>Aqui não tinha comida</b> a e minha mãe falou: “João, não tem almoço hoje”. Pai tinha chegado da roça. Eram umas dez horas. Ele pegou a espingarda e saiu cantando a música que ele mais gostava: “Ai, Xanduzinha. Xanduzinha, meu xodó”. Não foi mais que meia hora e pai chegou com uma tiú: “Hoje tem festa”. Ele tirou o couro do tiú, ‘mode’ a gente botar no fogo.</p> <p><b>Quando a gente fazia as coisas, era com fome.</b> Tinha uma roça de cana no vizinho e a gente descia para caçar lenha e chupava as canas. Ele falava: “Estão acabando com as minhas canas” e nós caladas. Quando foi um dia, a gente sentou para chupar cana e viu que ali dava água. Fizemos uma cacimba sem permissão do dono da terra. A gente estava em cinco e fez a cacimba. Ele aceitou, mas, depois com muito tempo, a mulher dele não aceitou mais e tacou uma praga feia: “Tomara que essa cacimba seque e vire um lajeiro. Por dentro virou mesmo. Secou como que virou um lajeiro. A cacimba era boa. Dava água até que ele aceitou e a gente fez a boca. Tudo isso era coisa boa. Era uma turma e aprontava desse jeito.</p>
Seu Heitor	<p><b>Eu sinto saudade das trabalhadas</b> e dos colegas tudinho reunido. Trabalhar em grupo é mais melhor. Um só é muito devagar. Quando é oito, dez, é coisa animada. A gente se lembra dos colegas. Às vezes, almoçava na casa de um. Quando eles</p>

vinham trabalhar pra meu lado, na minha região, atendia alguém. Era negócio de cortar cana, limpar mato, essas coisas assim. Era um tempo corrido, mas era um tempo animado.

***Eu me lembro que quando eu tinha uns vinte e poucos anos***, no ano de setenta e dois, fui a uma passeata lá no fim no município de Serra. Fui pra lá, passei três dias e era muita gente e a família recebia direitinho. Com quatro dias de namoro, apareceu um homem com uma sanfona nas costas e tocou três dias. Nesse tempo, eu embalei no tabuleiro. Embalei na dança mais as 'negas' e o povo tudo lá no mato. Ainda hoje que eu me lembro dessa passagem. Cheguei a furar o sapato. Logo, furou não foi por demais não, porque o chão não era um chão assim [cimentado]. A gente dançava até uma meia noite, depois ia dormir. Às vezes, nem dormia, achando bom as mulheres. Ainda hoje que eu me lembro dessa passagem.

***Vem na lembrança, mas passa*** porque fica só na saudade mesmo. Parece até que não vem mais outro tempo daquele. A emoção é que, se a gente pudesse renovar, renovaria. Tem coisas que é uma vez só, um dia só, um tempo só, passa e não vem mais. Quanto mais aproveitar é que é bom. Eu sei que muitas coisas não aproveito mais porque já passou meu tempo. Hoje eu tô mais de dar conselho. Já passei muito tempo bom e já passei muito tempo de aperto.

## APÊNDICE G - QUADRO 7: CÓDIGO 2: OS/AS VELHOS/AS E A SAUDADE

Quadro 7: Código 2: Os/as Velhos/as e a saudade

Narrador/a	Fragmento de Narrativa
Dona Artemis	<p><b>Antigamente, ninguém era velho.</b> Os idosos acumulam mais saudade. A saudade vai matando os outros desejos. Enquanto tem parente, eles estão sofrendo por aquelas pessoas e sentem aquela saudade de não poder estar mais saindo. A juventude não. Os jovens podem se divertir e vão esquecendo a saudade rápido, porque vai namorar, vai dançar, vai beber, vai conversar com os amigos, vai para festa, vai para vaquejada. Pra juventude é mais fácil porque vão se alimentando do amor e vão cuidando das crianças. Na verdade, vão vivendo pra aquelas crianças, vai naquela luta e vai esquecendo. O tempo vai passando pra eles, mas pro idoso não porque a saudade está ficando.</p> <p>Sempre os filhos se casam, vão pra casa deles e os pais sentem saudade, mesmo que more na mesma rua, mas não tem tempo de se ver toda hora. Sentem saudade e sentem cuidado. Isso vai acumulando o amor e a saudade no coração das pessoas idosas.</p> <p>Para muitas pessoas idosas, o tempo já passou e tudo é saudade. Elas amam os parentes e não querem perder. Rezam por eles, recomendam bem. Como é bom ter alguém que se preocupa com a gente, e como é ruim a gente viver sozinho.</p> <p>Eu sei lá quem está se preocupando comigo. Então, eu to só porque, quando chega em casa, não tem aquela mãe que eu conversava, não tem aquele meu pai que eu também conversava. É dessa forma, você tem que pedir força a Deus, porque ou você erra, ou você acerta. Trabalho dentro no Sindicato. To assim, infiltrada nesses movimentos. Eu ainda não me sinto tão só quanto alguém que não está em nada disso e os filhos estão em São Paulo, o marido morreu, pai e mãe, tio, irmão, vão morrendo tudo. Eu mesmo não gosto de ficar só em casa.</p> <p>Quando as pessoas vão envelhecendo, vão lembrando mais do passado do que o presente. O presente demora a ficar na cabeça. Os idosos ficam se trancando em casa e é danado pra lembrar do passado que magoou.</p>
Dona Aline	<p><b>Eu acho que que as pessoas mais jovens</b> sentem saudade diferente das mais velhas. Porque as pessoas mais idosas não conseguem assistir TV, quando uma pessoa falece. É tudo desligado. Quando a pessoa morreu, no mesmo dia eu assisto TV. Eu já tenho outra manutenção, a de ouvir música. A gente passa dois ou três meses sem ligar o som, em respeito daquela pessoa que faleceu. Já tem alguns jovens que dizem: “Não, a pessoa já morreu e não tá nem sabendo de nada disso aqui não. Quem tá vivo tá vivo. Por que a gente vai tá velando uma pessoa que já morreu?”. Tem até uma lógica, porque aquela pessoa já se foi, de fato. O som não tem nada a ver. Não vai trazer a pessoa de volta, mas você guarda esse cuidado de manter. Se você for hoje na minha comunidade, depois que morreu essa pessoa, que era um vizinho e que não estava morando aqui mas que era do sítio, ninguém tá ligando mais o som alto. Se fosse em outros tempos, também não estaria assistindo porque TV também teria o mesmo peso que o som. Aí vai mudando com o tempo, porque a casa que tem um jovem já liga a TV.</p> <p>As alegrias também são diferentes, as pessoas mais velhas demonstram mais o sofrimento, de recolher, de ficar mais isolado. Nesse sentido, o público mais jovem é diferente. Claro que, dependendo do que você tem como manutenção, na sua vida, da própria questão cultural, familiar que você foi criado interfere.</p>
Dona Hilda	<p><b>Antigamente era diferente</b> que o sentimento era maior. Os mais velhos, eu lembro que, quando morria um vizinho, davam aquele tempo pra ligar o rádio. Passava um mês sem ligar o rádio na minha casa. Isso se não fosse da família. Se fosse da família, aí que era tempo. Tinha aquele negócio de colocar luto. Isso está acabando. A gente não vê muito mais como via. Agora o pessoal diz: “Isso é uma besteira. Não precisa vestir a roupa pra dizer que a gente sentiu”.</p> <p>Quando a pessoa não faz as coisas que eram mais da tradição, fica em dúvida se gostava mesmo da pessoa ou não. Só se sente saudade da pessoa que foi querida. Se não apresenta a tradição do luto e do rádio é como se não tivesse certeza da saudade das pessoas ou talvez quem morreu não fosse tão querido.</p>

	<b><i>Sinto que, a cada dia que passa, a gente vai sentindo mais saudades das coisas que viveu e que ficou algo importante.</i></b> A vida não é fácil.
Dona Larissa	<b><i>Pra mim, o idoso tem mais saudade do que o jovem.</i></b> O jovem não tão nem aí. A gente chora pelos filhos... E os filhos não sente aquilo que como mãe eu sinto falta: "Ó, meu Deus, onde será que tá? Será que aconteceu alguma coisa, meu Deus, andando de moto, de carro por aí? Será que tá bebendo?". E eles, lá nas farras, não tão nem aí. As mães ficam preocupadas em casa e sente mais saudade e preocupação que quando eles estão tudo pequeno, tá tudo bom, que você tá tudo vendo. Agora, quando vai crescendo que um vai pra um canto, outro vai pra outro, aí, você diz: "Meu Deus, onde é que meu fi tá? Donde será que tá? Será que tá bebendo? Tá fazendo alguma coisa?". Ainda que não esteja, mas que é por conta dos acontecido que a gente vê. Nunca deram trabalho meus filhos. Coisa boa.
Dona Francyne	---
Dona Ítala	---
Seu Heitor	<b><i>Eu acho que tem jovem que sente saudade e tem jovem que se esquece, mas gente idosa lembra sempre.</i></b> Tem que se lembrar do passado, do presente e tem que ter cuidado no futuro.

## APÊNDICE H - QUADRO 8: CÓDIGO 3: PARA ALIMENTAR E PARA MATAR A SAUDADE

**Quadro 8: Código 3: Para alimentar e para matar a saudade**

Narrador/a	Fragmento de Narrativa
Dona Artemis	<p><b>Música, a qualquer momento, magoa ouvir.</b> Essas músicas sertanejas que eu gostava muito, agora eu nem posso mais ouvir. Eu desligo a televisão ou o som. Eu saio de perto porque, se eu escutar, vem a dor e eu morro.</p> <p><b>Com uma foto, você conta uma história.</b> Por exemplo, com uma história minha, você diz “Tu não tem nenhuma foto para eu ver?”. A gente vive no mundo construindo uma história, seja boa ou ruim. Quando a pessoa constrói uma história bonita, a gente sente a saudade e chora, mas a história não é tão triste. É uma história alegre, bonita, mas a gente chora porque sente a saudade da pessoa. Quando vê aquela história, relembra e chora. É uma história que vale a pena contar porque alegra tanta gente, mas desperta a curiosidade para ver de quem se fala.</p> <p>Do mesmo jeito é com qualquer um da gente, o povo quer conhecer, quer ver a história dele, quer ver o retrato. Você chega num túmulo, você fica para ver o nome, ‘Fulano de tal’. Você vai em cima primeiro do retrato, que fica pregado no túmulo, naquele tijolinho.</p> <p>Quando a gente visita alguém que, contando uma história, tem uma foto, diz “Ô, mulher, tá aqui, mas não posso nem olhar, senão vou cair”. Ela entrega a foto e não olha que, se olhar, o pranto chega logo, renova todo aquele momento e a coitada vai novamente viver o velório e ver o filho sair. Muitas vezes, a gente não aguenta ver a foto, não aguenta ver os objetos que a pessoa tem guardado. Nem toda hora se suporta ver. A gente constrói a história que pode ser escrita através de foto, através de coisas que a gente fez que o tempo não pode acabar.</p>
Dona Aline	<p><b>Se a gente for considerar uma saudade de antes,</b> que era só através da carta que você se comunicava, você consegue acessá-las porque as redes sociais te proporcionam. Hoje a gente se comunica por tantos meios, rede social, como <i>Facebook</i>, <i>WhatsApp</i>, telefone... Telefone era uma coisa que nem todos tinham. Eu mesma quando vim a possuir um telefone não tinha mais graça. As redes sociais são uma ferramenta que se utiliza muito. Você lembra quando vê uma postagem: “Eita, fulano que eu nunca mais tinha visto nada”. É mais isso. Dificilmente é uma coisa que você guardou, pelo menos eu não tenho. É uma coisa que você lembra muito mais ou por uma rede social ou porque você encontrou a pessoa. É mais por acaso mesmo. Então, esses meios de comunicação ajudam bem a matar um pouquinho da saudade.</p> <p><b>Um acontecimento da minha infância</b> que já teve vários episódios, foi com meu vestido de batismo. Eu nunca dei pra ninguém. Mainha já deu e eu fui buscar. Eu nunca permiti desde criança, eu dizia “Olhe, não dê.” E mainha sempre dava as roupinhas quando não dava na gente. Tudo cooperativismo: a outra precisava, mainha já não tinha mais criança daquele tamanho e dava. A do batismo só tem a minha. Acho que ela deu duas ou três vezes e eu fui buscar. Inclusive, já tirei da criatura o vestido na roupa. Cruel, mas eu já fiz isso quando criança. Aí, ela desistiu porque era muita vergonha atrás da outra. Ele é bem simplesinho. Eu digo: “Esse vestido ainda vai ser da minha filha, se eu tiver uma filha”. Se for um homem, é capaz de eu vestir ele no vestido só pra eu sentir o prazer de vestir alguma coisa que eu vesti. Ele tá guardado. É o que me retrata. Mainha disse que quando eu vestia, eu ficava solta lá dentro porque eu era bem pequenininha. Vou manter a manutenção dele. Eu digo “Enquanto eu estiver aqui, vai permanecer.”</p> <p><b>Eu não tive muitas fotografias.</b> Eu acho que seria uma lembrança que eu desejaria muito até hoje. Então, eu tenho uma foto, que era pequena, mas não bebê. Eu sinto muita falta dessa foto bebê. Eu queria ter tido essa foto bebezinha, e eu dizia pra mainha e ela respondia: “Minha filha, as condições eram outras.” A minha irmã tem uma foto bebezinha e ela diz: “Mas foi a madrinha dela que tirou.” Eu respondo: “Mas tinha que ter tirado uma.” Aí, você acaba fazendo isso com os sobrinhos. Você tira várias fotos pra não pecar faltando.</p> <p>A lembrança é isso. Saudade tem muita coisa pra você refletir. Algumas coisas não tem saudade. Assim, de como eu pensava antes, alguns conceitos, preconceitos.</p>

	<p>Isso não. Eu só lembro. Não é uma saudade. Eu lembro: “Que bom que eu não penso mais, nem ajo mais como eu agia antes”.</p> <p><b>Eu guardo o cabelo da minha mãe.</b> Eu tenho um pouquinho do cabelo dela guardado comigo. Tenho meu caderninho que eu anotava quando estava acompanhando sua internação na UTI. Quando eu sinto muita falta, eu vou lá. É que nem fosse uma consulta: você ir lá pra ver e sentir. Passei muito tempo com as roupas de mainha. Eu não dei pra ninguém. Inclusive, minhas tias queriam uma peça de roupa pra guardar. Elas também tinham vontade de ter. Eu dei umas coisas dela e elas guardaram. Eu peguei as coisas e guardei no guarda roupa: “Pronto. Vai ficar guardadinha as coisas de mainha”. Porque eu organizei e levou um bom tempo pra mim. Não dizia nada, nem que guardasse e nem que não guardasse. Eu queria que tivesse lá, guardada, preservada. Eu ia lá olhar, dobrar... Não era uma coisa rotineira, mas fazia.</p> <p>Então, esse ano passado foi quando eu consegui. Foi de 2012 pra cá. Foi ano passado que eu organizei e perguntei a minha tia: “Ô, tia, a senhora não quer não algumas coisa de mainha?”. Aí, eu comecei a mexer e ainda tem mais coisa. Já consegui me desprender de certa forma da roupa. Se alguma delas quiser o que ainda tem lá, é tranquilo levar o que tem hoje. Menos o cabelo, essas coisinhas, isso não. Isso eu não dou nem pra irmão. Tá lá comigo guardado. Guardadinho. Era o frizozinho que ela usava no cabelo e tinha uns fiozinhos, aí eu guardei. Isso eu não dou não. É que nem você não quisesse confirmar que aquela pessoa não está mais.</p>
Dona Hilda	<p>Em casa, tem coisa que faz a gente lembrar das amigas, mas é muito difícil entrar em contato porque lá em São Paulo não é como aqui. Todo dia tem que trabalhar pra ter a sobrevivência delas e, assim, é difícil ficar conversando. Eu não gosto da <i>internet</i> e nem sei mexer para falar com elas.</p> <p><b>Para manter a lembrança, eu guardo foto</b> porque, quando a saudade aperta, a gente olha aquela foto e já vai matando mais a saudade. Também se costuma fazer uma comida que a pessoa gostava muito. “Eita, hoje eu vou fazer aquela comida que ‘fulano’ gostava tanto”. A gente faz e vai quebrando um pouco a saudade. Têm coisas que leva a gente lembrar mais rápido, como quando ouve uma música. “Essa música toca muito no meu coração que lembra tanto minha mãe ou minhas amigas”. É assim que vêm as coisas na minha vida.</p>
Dona Larissa	<p><b>Pra ajudar a lembrar, é mais uma foto, uma música.</b> Quando ouve a música que ele gostava e vejo a foto... Ave Maria, a foto me recorda muito. Recorda muito a pessoa. Eu guardo as fotos desde meu filho quando ele era ‘pequeninim’. Uma foto é uma recordação. É uma recordação linda. Guardei dos meus filhos ‘pequeninim’ e até ‘peladim’. A foto dele ‘peladim’, lá no sítio, foi que veio uma pessoa de Serra Talhada e tirou a foto. Revelou e mandou pra eu. Eu nem esperava. Ele andando nos terreiros, lá na casa de mãe. Tiraram essa fotinha dele e, a pois, eu guardei. Ainda hoje eu tenho essa foto guardada.</p> <p><b>As roupas eu não guardo.</b> Eu já guardei muito, mas a minha vó dizia: “A gente vai guardar roupa pra quê? Só pra ficar recordando lembrança, coisa assim?”. Eu vou e dou àquelas pessoas que precisam. Só guardo agora as fotos por lembrança. Eu num dou fim não. As fotos eu guardo. Eu ando até com umas fotos na bolsa. De vez em quando, eu olho. Choro e aliveia mais. Até a carteirinha, o livrinho que ele estudava pra tirar a carteira de motorista, eu guardei. Ainda hoje tá guardado. O boletinho, tudo eu tenho guardado. Toda vez ele chegava: “Mãe, tal dia é pra pegar o boletinho”. Eu dizia: “Quando eu chegar lá, se tiver coisa, tiver as notinha baixa...”.</p>
Dona Francyne	<p><b>Hoje em dia, a gente sente a saudade, mas já não é como aquela saudade daquele tempo porque tem o meio de comunicação.</b> Todo dia dá para falar e ver as pessoas. A tecnologia está muito avançada. A pessoa tem saudade de estar perto, mas vê, conversa e sente no coração. No tempo da minha juventude, as coisas eram muito difíceis. Era difícil até tirar uma foto. Tem família que não tem uma recordação, uma foto de pai nem da mãe porque, na época, não tinha um fotógrafo, não tinha condição, não tinha nada. Era muito difícil. Pra estudar também era aquela dificuldade. Era um tempo que não tinha aposentadoria. Não tinha uma escola de futuro.</p> <p><b>Para manter a saudade,</b> eu não tenho foto de quem já morreu assim. Eu guardo a roupa de mãe e de pai com todo carinho. Tenho também a foto de uma freira lá do Stella Maris que foi mesmo que minha segunda mãe. Daí, eu alimento e mato um pouco a saudade.</p>

Dona Ítala	<p><b><i>Mas, o que eu gosto mesmo é de fotografia.</i></b> Tenho muitas, ave Maria. Se eu pudesse, tinha mais. Não tenho de quando eu era pequena, mas tenho um monte importante que gosto de ficar olhando, de ficar lembrando coisa boa. Coisa ruim não precisa de guardar foto. Ah, as músicas. Como é bom ouvir aquelas músicas boas de lembrar as festas e a danação. Chega dá uma saudade boa.</p>
Seu Heitor	<p><b><i>Para ajudar a lembrança é mais música.</i></b> Quando começa a tocar, cantar, falar, a pessoa lembra. Eu não sei se a mulher [esposa] tem um cuidado em mim. Eu não preciso ter cuidado de mulher. Outro dia, eu estava encostado no canto da mesa, passou uma música, eu subi na emoção e saiu água dos olhos. Eu acho que ela ficou cismada, pensando bem que eu estava lembrando de alguém. O 'cabra' pode lembrar de alguém, mas não era mais interessado e passou aquele tempo bom.</p>

## APÊNDICE I - QUADRO 9: CÓDIGO 4: TEMPOS DE SENTIR SAUDADE

**Quadro 9: Código 4: Tempos de sentir saudade**

Narrador/a	Fragmento de Narrativa
Dona Artemis	<p>la pras novenas nas casas de umas pessoas na comunidade no mês de maio, no Natal, terço de todos os santos, de São José, de Santo Antônio. Tinha novena o ano todo e a gente aproveitava. Tudo era diversão(...)</p> <p><b>O mês de maio, a Semana Santa, o mês de São João e o Natal</b> são as épocas que mais dói a saudade, que mais a gente chora, que mais a gente acha melhor nem cuidar no feijão e sair.</p>
Dona Aline	<p><b>A manutenção é afirmar que, de alguma forma, está ali. Uma coisa que você mantém são, por exemplo as visitas de cova.</b> Eu to falando, no caso, a saudade relacionada à <i>mainha</i>. A visita de cova e o dia das mães são momentos que são muito espontâneos. São dias que você tem um foco maior porque, às vezes, o resto do tempo te consome muitas coisas. O trabalho te consome muito. Então, pra mim, o dia das mães é um momento que fica muito aflorada a questão da saudade.</p> <p><b>O dia de finados também.</b> Quando uma pessoa falece, eu vou visitar. São momentos que se eu vir o sofrimento de outra pessoa porque perdeu alguém, um ente querido, eu sofro com aquela pessoa. Mas, o sentimento além daquela que está indo é o que eu tive e que proporciona essa saudade. Então, você alimenta. Você vai, você vê o sofrimento de um filho e se coloca. Eu também sofri com essa intensidade. Você fica com a comparação e você vê que fica voltando na história porque você sofreu também com aquilo que ele está vivendo.</p> <p><b>Pra mim, estar na Igreja nesses momentos é uma demarcação.</b> É um aniversário, que você comemora um aniversário de falecimento. Eu não vejo mais fisicamente essa pessoa, então você demarca isso. Hoje, está com cinco anos. Então, eu fui pra Igreja e celebrei missa. Tive todo esse cuidado, então você tem os elementos que te faz sempre estar relembrando. Hoje, eu sinto saudade mais nesse sentido, a mistura da tristeza porque você não tá com a pessoa presente, mas de alegria porque você sabe que a sua religião alimenta, de certa forma. A pessoa tá melhor pra onde ela foi, que é o lugar onde vai permanecer mais tempo do que isso aqui terreno.</p> <p><b>Os acontecimentos na casa pra representar a semana santa</b> também são importantes. A gente tem o dia do nosso almoço que é um momento que a gente toda vez chora porque todas lembram. Tanto nós, filhos, como as irmãs dela porque a gente diz: "Tá com tantos anos que ela estava aqui com a gente." Então, alimentar o que ela fazia é o que a gente continua fazendo. Rezar tal qual era uns faz com que a gente fique lembrando. Semana santa, <i>mainha</i> fazia o almoço pra família e a gente continua há cinco anos fazendo e, há cinco anos, nesse dia a gente chora lembrando.</p> <p><b>Sexta-feira santa</b> é um dia muito grande pra quem é católico e até pros protestantes pelo respeito aquele momento. Esse ano, uma vizinha da gente recebeu uns familiares que vieram. Por mais que ela pedisse pra não ligar o som, eles beberam muito e ligaram o som que nem fosse como um dia comum. Não estava vivenciando o que todo mundo estava vivenciando. Todos da comunidade estavam fazendo esse questionamento por ser um dia grande. Podia ter feito isso numa quarta. Então, são coisas que estão guardadas, por exemplo, os mais velhos começam a fazer esse questionamento. Eu fui fazer uma visita nesse mesmo dia, que estava com o som ligado, a primeira coisa que a pessoa me disse foi "Você viu o som ligado? Tá ouvindo o som ligado? Dia de sexta-feira, nem católico, nem protestante. Ela é evangélica. A gente tem que ter respeito a esse momento". O contexto deles era diferente da gente. Você acha que isso difere da comunidade, assim como urbano e rural.</p> <p>De repente essas pessoas que eram de um povo diferente, que tinham práticas diferentes, traz isso pro rural e causa muita estranheza. Inclusive, a dona da casa disse que sofreu muito com isso, que pedia, mas as criaturas tudo cheia [de álcool] ligavam o som do carro e pronto. Dançavam e tudo, desciam até embaixo. Só se liga o som se for pra colocar oração, alguma coisa assim. E, nesse caso, ligou e dançou. Todo mundo disse: "É o fim dos tempos que não tem condição isso acontecer." Porque não é uma coisa usual, é diferente. Então, são pessoas que vieram</p>

	<p>da cidade e que tinham a prática cultural diferente. Vieram num período errado porque a gente até gosta de dançar, gosta de curtir as coisas, mas tem uns momentos pra isso.</p> <p><b>No São João</b>, a gente se reunia e vinha gente de fora. Quando a gente encontra um familiar que mora fora, vem de novo aquela saudade. Quando chega, a primeira coisa é: “Eita, tia Selma não está mais.” Então, as pessoas quando chegam também faz lembrar.</p> <p><b>Tem alguns momentos no ano que a gente sente mais saudade.</b> Se eu for pensar nas pessoas que morreram... Quando chega 20 de julho é aniversário de <i>mainha</i>, então: “<i>mainha</i> faria tantos anos”. Eu lembro. Dia das mães, dia de finados, dia de falecimento, semana santa, então, são datas que marcam.</p>
Dona Hilda	<p><b>A saudade bate mais forte nos aniversários.</b> No caso da minha mãe, não se fazia muita coisa. Naquele dia, penso: “Se minha mãe fosse viva, hoje estaria completando tantos anos. A gente estaria aqui com um bolinho e cantando os parabéns”. Também tem algumas amigas que eu lembro no dia do aniversário. Até penso: “Se eu soubesse que ela estava em casa, eu ia ligar para desejar um feliz aniversário”. Como a correria é grande, a gente nem liga.</p> <p><b>Na Semana Santa</b>, a gente já vai lembrar: “Se fulano estivesse aqui, faria isso tão bem” ou “Oh, meu Deus, se minha madrinha estivesse viva, era o momento de fazer uma visita a ela”.</p> <p><b>No São João</b>, a gente costuma juntar numa casa o pessoal e botar um forró pra dançar. Na minha casa, é assim: a gente matava umas galinhas e fazia uma farofa. Quando o pessoal passa, dizem que vão roubar a fogueira. Roubar a fogueira é dar uns tiros lá no terreiro. Ninguém estava vendo e roubou a fogueira. Então, entrava e ia comer aquela farofa com caipirinha ou com cachaça mesmo. A gente lembra muito dessas épocas. O pessoal que vivia assim já não está mais a gente. Uns morreram, outros foram embora e continua só a saudade</p>
Dona Larissa	<p><b>No passar do ano, eu sinto mais saudade no Natal, Semana Santa, em agosto e outubro.</b> Mês de agosto, dia 28, foi quando meu menino morreu. Mês de outubro, também eu gosto que tem o dia da criança e dia de Nossa Senhora Aparecida. Ele gostava muito quando dizia: “Mamãe, vai ter a festinha das crianças? A festinha de dia de Nossa Senhora Aparecida?” Eu ia pra fazer os gostos dele. Ia eles tudinho. Quando tinha apresentação na escola, seja lá do que for, do dia das crianças, eu ia com eles. Eu me lembro de tudo isso que quando eles eram pequenos.</p>
Dona Francyne	<p><b>Mas toda vez que chega um São João, Natal, Semana Santa, finados</b>, não tem como não lembrar saudade. Eu não dou demonstração, mas dentro de mim, lembro dos meus irmãos que já se foram e daqueles que estão longe. Eu queria ver toda a família junta, mas Deus levou e agora somos cinco irmãos e é tão difícil a gente ficar reunido.</p>
Dona Ítala	<p><b>O São João mexe demais comigo.</b> Chega dá uma saudade boa. É quando sinto mais a saudade aqui dentro.</p>
Seu Heitor	<p><b>Vai chegando o tempo de São João</b>, um tempo muito animado. Muita goma, muita galinha assada, cozinhada e convite dos colegas pra ir pra casa de um e de outro e a pessoa vai se dando bem. Casamento também: “Vamos! Arruma a bolsa. Vai lá para o canto e se dá bem com muita gente boa”. Geralmente, a bondade é mais do que a ruindade. Quando hoje começo a lembrar, dá aquela saudade. Quando bate a lembrança, vem aquela saudade.</p> <p><b>A saudade é das fogueiras, do São João, do passado.</b> Sinto saudade de beber cachaça. Eu bebia até não faz muito tempo, mas adoeci do coração e não é pouco. Uma veia entupida, mas tô tomando uns remédios. Se Deus quiser, vou melhorar. Tô me sentindo com mais energia, com mais vontade até de correr. Eu tava devagarzinho, mas uma bebidinha é bom pra animar. Eu sempre gostei de tomar uma dosinha na venda, na brincadeira e na roça onde eu desse uma trabalhadinha no fim do dia. Não todo dia, mas sempre fim de semana: “Vamos tomar uma?!” e era aquela animação. É bom para quem tem saúde e tomar é na medida. Se passar da medida, tudo é ruim.</p>